

MELBA ESCOBAR



SUMA
de letras

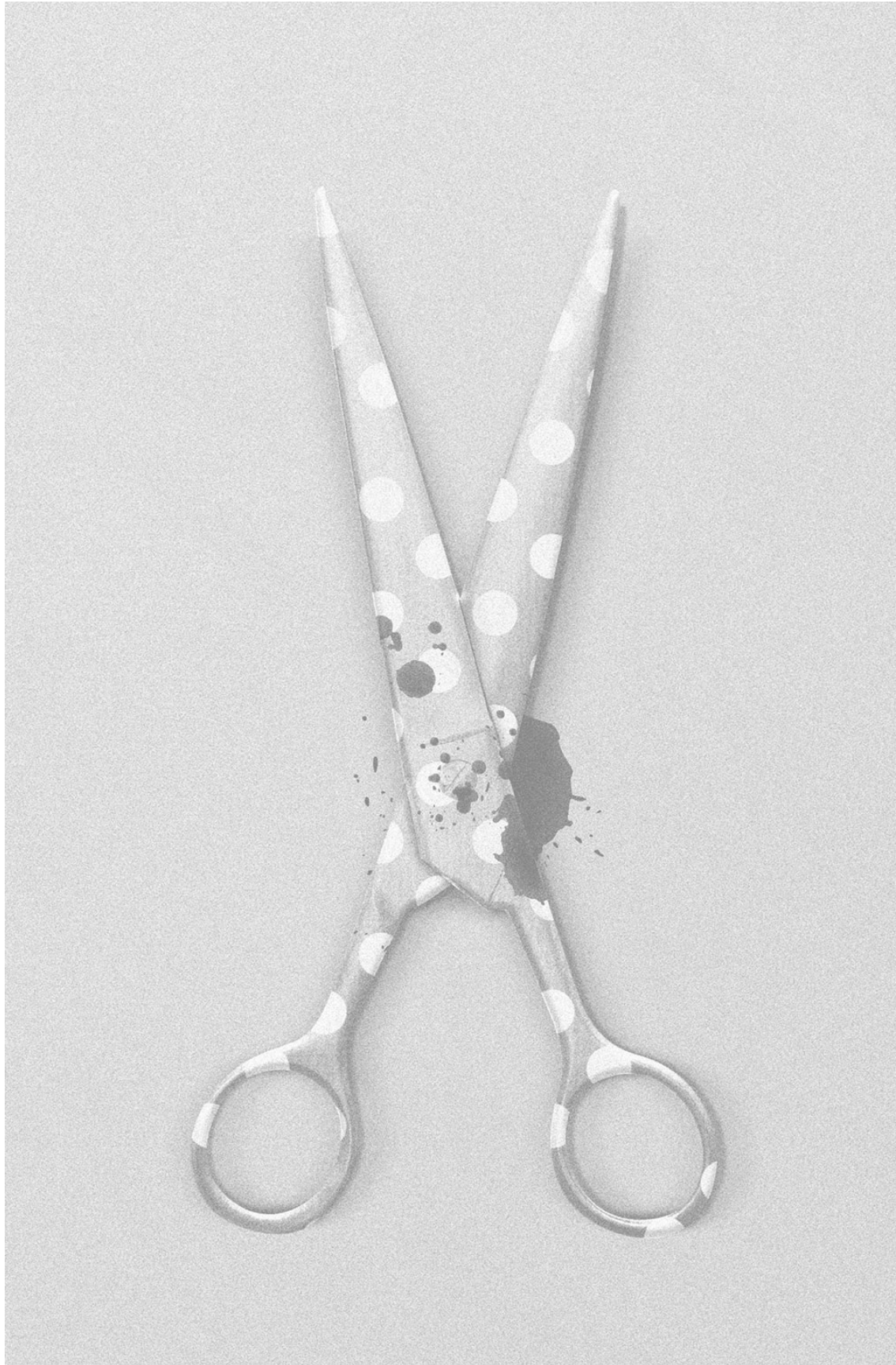


A casa da beleza

Melva Escobar

Tradução de
PAULO RAMOS





*E voa voa, por outro rumo,
e sonha sonha, que o mundo é teu.
«Hoja en blanco», Los Diablitos.*

Odeio as unhas postiças de cores extravagantes, as cabeleiras falsamente louras, as blusas de seda e os brincos de brilhantes às quatro da tarde. Nunca tantas mulheres pareceram travestis ou prostitutas disfarçadas de boas esposas.

Odeio o perfume exagerado destas mulheres maquilhadas ao ponto de parecerem baratas de padaria; além disso, faz-me espirrar. E nem falar nos acessórios delas, naqueles telefones inteligentes com capas infantis, de cores como o fúchsia, com lantejoulas, imitações de pedras preciosas e figurinhas ridículas. Odeio tudo aquilo que representam estas mulheres que não são biodegradáveis, de sobrancelhas depiladas. Odeio as suas vozes esganiçadas, bem colocadas, como se fossem garotas de quatro anos, pequenas putas traficantes engarrafadas num corpo de mulher direita como um varão. É tudo muito confuso, e estas mulheres-criança-macho perturbam-me, esgotam-me, fazem-me pensar em tudo o que está partido e estragado num país como este, no qual o valor das mulheres é determinado pelo tamanho dos seus cus, pela redondeza dos seus peitos e pela estreiteza da sua cintura. Odeio também os homens estúpidos, reduzidos à sua versão mais primitiva, sempre à procura de uma fêmea para montar, para exhibir como um troféu, para trocar ou ganhar um estatuto entre outros cro-magnons da mesma escória. Mas, assim como odeio este universo mafioso que desde há mais de trinta anos predomina na estética do país, na lógica dos convencidos, dos políticos, dos empresários e de quase tudo aquilo que tenha uma relação mínima com o poder, também odeio as senhoras de Bogotá, entre as quais me incluo, mas de quem luto para me diferenciar.

Odeio aquele costume de chamarem «índios» àqueles que, segundo elas, pertencem a um estrato inferior. Odeio essa mania de diferenciar entre «você» e «tu» e de deixarem o «você» exclusivamente para os serviçais. Detesto o servilismo dos empregados de mesa nos restaurantes, quando

acorem, solícitos, a atender os clientes e dizem «que deseja vossa mercê», «aquilo que agradar a vossa mercê », «como vossa mercê quiser». Odeio tantas coisas e de tantas maneiras, tantas coisas que me parecem injustas, estúpidas, arbitrárias e cruéis, e ainda as odeio mais quando me odeio a mim mesma por fazer parte desta realidade inevitável.

A minha história é vulgar. Não merece a pena entrar em pormenores. Talvez valha a pena dizer que o meu pai foi um imigrante francês que chegou ao país devido a um concurso para a construção de uma siderurgia. Aqui nascemos, eu e o meu irmão. Aqui crescemos, como tanta gente da nossa classe, comportando-nos como estrangeiros e vivendo num país amuralhado. No Norte de Bogotá, no apartamento da Cidade Velha, em Cartagena, alguns Verões em Paris e uma vez por outra nas ilhas do Rosário. A minha vida não foi muito diferente daquela que pode ter tido uma burguesa italiana, francesa ou espanhola. Aprendi a comer lagosta fresca desde miúda, a apanhar ouriços; aos vinte e um, já distinguia um vinho de Bordéus de um da Borgonha, tocava piano, falava francês sem sotaque, conhecia a história do Velho Continente da mesma forma que desconhecia a minha.

Tivemos de velar pela nossa segurança desde que me lembro. Sou loura, de olhos azuis, 1,75 m de altura, algo cada vez menos exótico neste país, mas na minha infância um verdadeiro trunfo guardado na manga para conseguir o afecto das freiras e o tratamento preferencial das minhas colegas, assim como um foco de atenção que, no caso do meu pai, se transformava na paranóia de um sequestro que por sorte nunca aconteceu na família. A riqueza e os traços anglo-saxónicos contribuíram para o meu isolamento. Embora ultimamente tenha tendência para pensar que disse sempre isto a mim mesma para esconder que fui eu quem por vontade própria foi uma exilada de corpo e alma. Não importa até onde fui, a verdade é que sempre estive longe.

Na minha idade, a melancolia faz parte da paisagem interior. No mês passado completei cinquenta e nove anos. Olho para trás e para dentro muito mais do que olho para o mundo exterior. Em grande medida, por desinteresse e porque não gosto daquilo que encontro lá fora. Talvez seja a mesma coisa. Suponho que a minha neurose está relacionada com esta leitura sórdida que faço da realidade que me rodeia, mas é algo inevitável. Como diria Octavio

Paz, esta é «a casa do olhar», a minha casa do olhar, e não tenho outra. Aceito a minha natureza classista. Aceito, mais do que aceito, abraço os meus ódios. Talvez seja esta a definição de maturidade.

Quando saí do país, as mães ainda tentavam que as filhas não mostrassem os joelhos, agora não se deixa nada à imaginação. Esta foi outra das coisas que me chocaram quando regresssei. Sentia que os peitos de algumas mulheres me perseguiam com a sua insolência quase agressiva. De qualquer maneira, nunca consegui adaptar-me à Colômbia, e em França fui sempre uma estrangeira.

Mais do que para ir estudar, fugi para Paris. Senti-me lá bem durante muitos anos, casei, tive uma filha, exerci a minha profissão, mas depois os anos caíram-me como espinhos, e as recordações deformaram-se-me na memória, até ao dia em que percebi que chegara a altura de regressar. Divorciada, com cinquenta e sete Primaveras às costas, com uma filha de vinte e dois a estudar na Sorbonne, tive de embalar a minha vida em três velhas malas e empreender o caminho de regresso sem ela. Aline fala espanhol, com pronúncia, e comete erros. É bela. Magra e altíssima, tem uma preferência pelas mulheres em relação aos homens que ainda não é claro se é definitiva ou passageira. No entanto, isso também não me preocupa demasiado. Embora saiba que, se a pobrezinha vivesse aqui, teria motivos para se preocupar ou no mínimo de aguentar o moralismo, e até o assédio social. É verdade que as coisas mudaram um pouco. Pelo menos já se vêem alguns estrangeiros nas ruas, e há mais pessoas que pensam de maneira diferente. Apesar disso, à excepção da minha amiga Lucía Estrada, com quem voltei a falar após quase duas décadas, estou bastante sozinha. Mas a verdade é que também não sinto a falta de ninguém.

«Colômbia é Paixão», rezava o cartaz que me recebeu no aeroporto. E, no dia seguinte, os meios de comunicação falavam de quinze mortos num massacre no Sul do país. Ao mesmo tempo, é esta paixão que me faz odiar uns e outros com tanto fervor. As senhoras Urrutia, Pombo e MacAllister, que me convidam para tomar chá ou para ir rezar por alguma amiga doente ou pelas onze crianças que morreram na última derrocada que teve lugar no Sul da cidade, onde nunca foram. O mesmo ódio aos porteiros que gozam

recusando entrada a toda a gente, aos escoltas que atiram com a camioneta para cima dos outros automóveis, aos indigentes que arrancam os retrovisores nos semáforos. Só no meu trabalho volto a reconciliar-me com o meu lado compassivo, aquele que ainda não foi conquistado pela amargura.

No início de 2013, consegui encontrar um bom apartamento na rua 93, perto do parque do Chicó. Quando regressei ao país, desfiz-me de algumas acções empresariais e pude comprar não só o apartamento, mas também uma terra em Guasca, onde penso construir uma casinha entre as montanhas. No mesmo apartamento instalei o consultório e, graças às minhas credenciais, consegui alguns pacientes em pouco tempo. Devo confessar que a maior parte me aborrece. Os seus medos são normalmente tão previsíveis, e o mesmo se passa com os seus complexos, censuras e elaborações. No entanto, à falta de outras distrações, enfiei-me na terapia. Por sorte, a cidade tem uma oferta cultural bastante ampla, e por isso, de vez em quando, anima-me ir a um concerto ou a uma exposição, para o que conto com duas tardes livres por semana. Afinal de contas, um psicanalista ganha mais do que o suficiente e, dadas as minhas condições e idade, não preciso de trabalhar demasiado.

Com o passar do tempo, comecei a fazer caminhadas nas tardes livres. É impossível ir ao centro sem ter de se ficar duas horas parado no meio do trânsito, pelo que resolvi andar apenas pelas vizinhanças e só o fazer a pé. Numa destas escapadelas, descobri duas livrarias novas, uma pastelaria maravilhosa e duas lojas. No entanto, não sentia um desejo particular de experimentar nada, pois o meu corpo é-me cada vez mais desconhecido. É frequente surpreender-me com a minha própria cara, ao espelho; as minhas pernas nuas são um mapa improvável, descolorido e esquecido.

Foi numa destas andanças pelo bairro que, a deambular pela avenida 82, acabei por comer um bolo de chocolate com um *capuccino* na pastelaria Michel. Senti-me culpada, decidi caminhar até à Carrera 15 e depois regressar a casa, também a pé. A poucos quarteirões, numa tarde clara de Maio, detive-me diante do edifício branco de portas de vidro, onde nunca tinha entrado. «A Casa da Beleza», lia-se em letras prateadas. Aproximei-me, por mera curiosidade. Julgo que foi o nome que me atraiu. Deparei com um primeiro andar carregado de produtos caríssimos para as rugas, para hidratar,

para adelgaçar, para as estrias e para a celulite, quando de repente a vi junto à recepção. Estava de ténis brancos, uniforme azul-claro e rabo-de-cavalo. A sua comprida melena negra azeviche caía-lhe pelas costas. Não importavam as olheiras, nem a expressão de cansaço, a sua beleza era firme, quase brusca. A rapariga transbordava de vida. Havia nela algo de selvagem e bruto que a fazia parecer, como dizer, verdadeira. Ainda não sei se era uma conquista da disciplina e da vaidade ou simplesmente um dom herdado. Nunca o saberei. Karen é um grande mistério. Mais ainda numa cidade como esta, onde qualquer pessoa se parece com aquilo que é e tem escrito na roupa, na maneira de falar e no lugar onde vive, um código de conduta tão previsível quanto repetitivo. Chamou-me a atenção a sua figura de gazela, mas sobretudo uma certa placidez na expressão do rosto. Apostaria em como não faz absolutamente nada para ser assim. Se há algo que poderia dizer só de olhar para ela é que o sossego faz ninho na sua alma.

Talvez porque fiquei ali pasmada a observá-la como se fosse uma aparição, aproximou-se e perguntou-me:

A senhora precisa de ajuda?

Sorria sem esforço, como se ao fazê-lo expressasse a gratidão por estar viva. Admirava-me que ninguém parecesse perceber a sua formosura. Era como se uma orquídea da mais fina delicadeza tivesse caído por acaso num charco de lodo. À sua volta, mulheres ridículas de sorrisos falsos. A rapariga da recepção era um mamarracho de lábios cor de cereja e rubor exagerado. Ela não. Ela parecia elevar-se acima de todos e conferir um sentido ao nome do edifício.

Obrigada, sim, queria fazer uma depilação, disse então, como se não me depilasse a mim mesma desde que tenho consciência.

Estamos bastante livres, quer fazer agora?

Sim, agora está bem, respondi como que hipnotizada.

Desculpe, qual é o seu nome?

Claire. Claire Dalvard, disse eu.

Siga-me, por favor, acrescentou. E então segui-a.

2

Desde muito pequeninas que as negras e as mulatas alisam o cabelo com o ferro, com creme, com secador, com pílulas mastigáveis, desfrisam o cabelo, põem máscaras, dormem com meias de *nylon* na cabeça, usam um selador de pontas de silicone. Ter o cabelo liso é tão importante como usar um sutiã, é parte imprescindível da feminilidade, e há que fazer aquilo que é preciso fazer, encher-se de coragem, encher-se de pinças metálicas e estar disposta a aguentar puxões e a passar horas nessa questão que é dispendiosa e incômoda, mas também necessária para conseguir o cabelo perfeito, diz Karen com a sua voz de tambor.

E as miúdas mais pequenas, também têm de o fazer?

Muito pequenas não, mas quando já são umas senhorinhas, ou seja, com oito, nove, e então a partir daí sim, todas de cabelo liso, como não podia deixar de ser, diz, retirando as gizes.

Karen contou-me que gostou da cidade assim que chegou. E sim. Para muitos, é bela. Precisamente por essa tristeza leve que a caracteriza e que às vezes se quebra com uma manhã solarenga de domingo, tão radiante quanto inesperada.

Deixou o filho de quatro anos com a mãe, em Cartagena, e veio para Bogotá. Uma colega dela montara um centro de estética em Quirigua e ofereceu-lhe trabalho. Prometeu à mãe que enviaria dinheiro todos os meses para Emiliano, coisa que tem feito. A mãe vive numa casa do bairro San Isidro, com o tio Juan, que é solteirão e doente. Sobrevivem ambos sobretudo de uma pensão do tio, pelos seus trinta anos de trabalho nos correios, e das remessas que ela manda.

Karen cresceu a ouvir *vallenato*, *bachata* e mais tarde *champeta*. A mãe, apenas dezasseis anos mais velha do que ela, foi uma vez rainha do bairro, e com isso pensou que deixaria de ser pobre, mas acabou grávida de um louro que pouco falava de espanhol e que supôs ser marinheiro. Desta visita furtiva

do amor nasceu a mulata que partilhava com a mãe não só o apelido, mas também a beleza e a escassez.

D. Yolanda Valdés vendeu lotaria e *fritanga*, foi empregada doméstica, copeira num bar do centro e, por fim, dedicou-se a tratar do neto, a aguentar a artrite e a queixar-se por ter parido uma fêmea em vez de um macho. Com quarenta anos, era quase uma idosa.

Os namoricos de D. Yolanda resultaram em mais duas gravidezes, em ambas as ocasiões de rapazes, mas com tanto azar que um nasceu morto e o segundo faleceu poucos dias após o nascimento. Yolanda Valdés dizia que as mulheres da sua família estavam fadadas. Uma espécie de maldição caía sobre elas quando menos esperavam para as sujeitar à solidão como único destino.

Karen lembra-se da missa das sete da manhã aos domingos e do despertar com o canto dos canários. Recorda-se do guisado de peixe e da pele seca e da vista mareada de luzes brancas quando deixava o seu corpo flutuar por longos momentos. Com o passar do tempo, o ritual de nos encerrarmos naquela cabina de massagens em solidão, protegidas pela sua juventude, pela sua cadência de mar, pelo vigor da sua mão firme e suave, transformou-se para mim numa necessidade tão feroz como a fome.

Desde a primeira vez que a vi, quis saber quem era. Com delicadeza, quase com ternura, fui enchendo-a de perguntas enquanto ela passava as pontas dos dedos pelas minhas costas. Foi assim que fiquei a saber que chegara a Bogotá em Janeiro de 2013, durante a época de sol. Primeiro instalou-se em Suba, no bairro Corinto, onde uma família alugava um pequeno apartamento com casa de banho e cozinha por trezentos mil pesos, incluindo as despesas.

Ganhava o mínimo. Ao fim do mês não tinha um peso a mais, nem podia mandar nada para casa, além de que o bairro era inseguro, e Karen vivia com medo. Numa madrugada em que um bêbado disparou contra duas pessoas por estarem a impedir a via pública num festejo familiar, Karen resolveu procurar outro lugar para viver.

Foi para Santa Lucía, a sul, perto da avenida Caracas, mas agora tinha de atravessar a cidade toda para chegar ao salão onde trabalhava.

Quando a sua colega comentou com ela que andavam à procura de alguém num centro de estética muito fino, no Norte, Karen conseguiu uma entrevista. Foi no início de Abril. A cidade sucumbia entre aguaceiros. Karen estava apenas há duas semanas na nova casa e pressentia que o dilúvio podia ser um sinal de abundância.

A Casa da Beleza está situada na Zona Rosa. Visto de fora, o edifício branco sugere um ar de limpeza e sobriedade, mistura de clínica dentária e loja de moda. Assim que se passam as suas portas de vidro, entra-se numa terra de mulheres. A recepcionista, atrás do balcão, cumprimenta com o seu melhor sorriso. Várias empregadas de uniforme, maquilhadas, penteadas e sorridentes, oferecem cremes, perfumes, sombras e máscaras das melhores marcas, expostas no armazém que fica no primeiro andar. As pilhas de revistas amontoam-se na mesinha de centro da sala de espera.

Karen recorda-se de ter chegado a cinco de Abril, por volta das onze e trinta da manhã. Mal atravessou o umbral das portas de vidro, um aroma a baunilha, amêndoas, água de rosas, laca, champô e alfazema impregnou-lhe a pele.

A recepcionista, que logo teria tempo de conhecer melhor, pareceu-lhe uma boneca de porcelana. O nariz arrebitado, os olhos grandes e os lábios redondos, cor de cereja. Que batom usará?, perguntou para si mesma enquanto se dirigia à sala de espera.

Ao fundo há um espelho grande e duas cadeiras de cabeleireiro onde duas mulheres depilam as sobrancelhas, se maquilham e experimentam produtos. Vestem todas calças azul-claras e blusa de manga curta da mesma cor. Parecem enfermeiras, mas, ao contrário destas, estão bem penteadas e pintadas, têm as mãos impecáveis e cintura de vespa. Uma apresenta um tom de bronzado perfeito; no crachá que usa ao peito, pode ler-se o seu nome: Susana.

A empregada da limpeza também veste um uniforme azul, mas de um tom mais escuro. Aproxima-se e oferece-lhe uma aguiinha aromatizada. Karen aceita. Vê entrar aquela cantora de *tropipop* que dá pelo nome de Rika. É morena, voluptuosa, com um bronzado invejável e possivelmente mais anos do que aqueles que aparenta. Usa uns óculos de sol como se fossem um

diadema, um anel dourado em cada dedo e muitas pulseiras. Tal como ela, apresenta-se na recepção e senta-se ao seu lado com uma revista.

A D. Fina está à sua espera, pode entrar, anuncia a recepcionista.

Obrigada, diz Karen, procurando acentuar o «s» e o «r» de maneira a esconder o sotaque.

Sobe por uma escada em caracol. Passa a correr pelo segundo andar e segue para o terceiro. Do lado direito, quatro mesas para pestanas e três para unhas. No meio, quatro cabinas e, ao fundo, à esquerda, o gabinete de D. Josefina de Brigard. Karen aproxima-se da porta entreaberta e ouve uma voz do outro lado que a convida a entrar. Ao centro de uma sala acolhedora, com clarabóias que deixam ver uma manhã luminosa, uma mulher de idade indefinida com sapatos de salto baixo, calças caqui, blusa bege e colar de pérolas, com um penteado impecável e uma maquilhagem subtil, dá-lhe as boas-vindas.

Sente-se, diz-lhe num tom de voz grave.

D. Josefina observa-a a caminhar até à cadeira que se encontra do outro lado da única secretária da sala. Passa-a em revista, de alto a baixo, com os seus olhos verde-escuros e erguendo ligeiramente as sobrancelhas.

Depois perde o seu olhar nos olhos de Karen, que baixa a cabeça.

Deixe-me ver as mãos, diz-lhe.

Karen aproxima-as, numa súbita regressão à escola primária. No entanto, D. Josefina não puxa de uma régua para a repreender e deixa simplesmente que a mão da rapariga repouse sobre uma das suas por um instante; põe os óculos, examina-a com curiosidade, repete a operação com a mão esquerda e depois pede-lhe que se sente.

Ela, em contrapartida, passeia-se pela sala. «Se tivesse aquela idade e aquela figura, também não me sentava», pensa Karen.

Sabe quantos anos tem A Casa da Beleza?

Vinte?

Quarenta e cinco. Nessa altura já tinha os meus três filhos. Ou seja, estou a dizer-lhe que agora sou bisavó.

Repara na sua cintura, delicadamente envolta num cinto de pele de cobra. As unhas pintadas de rosa-pálido. Os olhos amendoados, as maçãs-do-rostro

salientes parecem opalas, claras e perladas. A mulher que está à sua frente podia ter sido uma estrela de cinema.

A Casa da Beleza e a minha família são tudo o que tenho. Por isso sou exigente e não faço concessões.

Compreendo, diz Karen.

Sim, joaninha, tens cara de entendida. Passaste de um centro fino em Cartagena para um vulgar em Bogotá. Porquê?

Porque ganho melhor aqui do que lá, pelo menos foi isso que pensei quando saí da Costa.

Sempre o dinheiro...

Tenho um filho de quatro anos.

Têm todas.

De quatro anos?, diz Karen sem pensar.

Vejo que não lhe falta sentido de humor, diz D. Josefina retomando o «você» de forma abrupta. Este é um sítio bom para mulheres sérias e discretas, que estejam prontas a trabalhar doze horas por dia, que façam bem o seu trabalho e que percebam que a beleza requer um profissionalismo absoluto. Tendo em conta que é elegante, tenho a certeza de que poderá sentir-se muito bem aqui. Vai ver: as clientes podem ter dinheiro, algumas imenso dinheiro, mas de uma maneira geral são extremamente inseguras no que diz respeito à sua feminilidade. Todas temos medo, e, à medida que começamos a envelhecer, este medo aumenta. Por isso, na Casa, nós, as mulheres, temos de ser excelentes no nosso trabalho, mas também calorosas, compreensivas, e temos de saber ouvir.

Compreendo, diz Karen automaticamente.

Claro que não compreende, menina. Não tem idade para compreender.

Karen cala-se.

Então, como eu estava a dizer, não se responde às clientes; se querem conversar, damos-lhes conversa; se querem ficar caladas, nunca deverá começar uma conversa. Pedir gorjeta ou favores de qualquer tipo são motivos para despedimento. Atender o telemóvel durante o horário de trabalho é motivo para despedimento. Ausentar-se da Casa sem autorização prévia é motivo para despedimento. Levar qualquer instrumento sem autorização é

motivo para despedimento. Só há férias após o primeiro ano, os descontos e a saúde ficam por vossa conta. O mesmo acontece com as férias, que, na verdade, são uma licença sem vencimento: nunca podem exceder as duas semanas, contando dias feriados. As limas, cremes, óleos, espátulas e restantes instrumentos ficam por vossa conta.

Posso perguntar quanto é o salário?

Depende. Por cada serviço, recebem quarenta por cento. Se tiveres sucesso e as clientes pedirem muitas marcações contigo, ao fim de uns dois meses, poderás ganhar um milhão, incluindo as gorjetas.

Aceito.

D. Josefina deixa escapar um sorriso.

Calminha, menina. Hoje à tarde ainda tenho mais duas entrevistas para fazer.

Karen não deixa de reparar como uma mulher elegante e de aspecto educado passa tão facilmente do tu ao você sem respeitar qualquer regra.

Quero apenas dizer-lhe que estou muito interessada, acrescentou, optando por manter o tratamento por você.

Dentro de dois dias, dar-te-emos uma resposta.

Quando Karen ia a sair, D. Josefina reteve-a: E mais uma coisa, há quem não goste do sotaque da costa. Evita-o. Ninguém, nem neste país nem em nenhum outro, gosta da maneira como nós, os campónios, falamos.

Ao fim de uma semana, Karen fazia parte da Casa da Beleza. Se tivesse ficado na secção de sobrancelhas, maquilhagem e pestanas, teria tido dificuldade em competir com a Susana, disse-me então. Como cada uma tinha o seu ponto forte, não demorou a tornar-se a rainha do segundo andar. Atribuíram-lhe a cabina número três, onde faria limpezas faciais, massagens e depilações. A sua beleza, combinada com a sua prudência e profissionalismo faziam dela uma das favoritas, especialmente para as depilações. Descobriu que, quando as mulheres de Bogotá iam fazer uma depilação completa, quase nunca era por decisão própria: faziam-no porque o marido lhes pedia ou o namorado ou o amante. Falava-me das suas clientes e das outras colegas da Casa. Foi assim que veio à baila, na conversa, o nome de Sabrina Guzmán.

Karen sabe quem tem um sinal de nascença na anca, quem sofre de

varizes, quem teve problemas com as próteses mamárias, quem está a divorciar-se, quem tem um amante, quem está a levar com um par de cornos, quem vai até Miami num fim-de-semana prolongado, a quem diagnosticaram cancro na semana passada e quem faz massagens diárias para reduzir a cintura sem dizer ao marido.

Aquilo que se confessa na cabina não sai de lá. Tal como o terapeuta ou o confessor, a esteticista faz um voto de silêncio.

A marquesa parece o divã. É aí que a mulher deita o seu corpo indefeso, num gesto de entrega. Obedecendo à mensagem «Descanse, desligue o telemóvel», entra na cabina preparada para desligar por alguns momentos. Ficarà isolada do mundo durante quinze minutos, meia hora, talvez mais, apenas ligada ao seu corpo, ao silêncio e, muitas vezes, à conversa íntima, ao longo da qual vão surgindo confidências, raramente partilhadas, nem com os mais próximos.

Sabrina Guzmán apareceu numa quinta-feira a meio de uma chuvada, a tresandar a aguardente, com o cabelo desgrenhado, o uniforme da escola vestido e apenas meia hora antes do fecho. Explicou a Karen que o namorado a convidara para um jantar romântico que terminaria num hotel de cinco estrelas. Até onde percebia, tratava-se do mesmo namorado que em duas ocasiões anteriores tentara coroa-la, mas que se fora embora sem lhe fazer as honras, por não estar depilada como uma maçã, como argumentou a cliente.

Vinha a Bogotá por dois dias, pelo que tinha de aproveitar. Não lhe explicou o que tinha de aproveitar, mas Karen deduziu que se referia a aproveitar para desflorar a rapariguinha. Foi uma tortura para as duas. Sabrina, a cliente, queixava-se demasiado, e, quando Karen viu aparecerem umas gotas de sangue, teve uma premonição sombria.

Quando a rapariga sai, Karen fica a olhar para aquela centelha de sangue no cobertor da marquesa e pensa em como a limpar. Tenta com água, sabão, amoníaco, mas consegue apenas reduzir a mancha a um rosa-pálido que irá acompanhá-la durante o resto dos seus dias na Casa.

3

Lembrar-se-á do nome do amante da cliente dois dias mais tarde, quando encontram o corpo sem vida de Sabrina Guzmán. Numa nota breve, limitavam-se a dizer que a rapariga de dezassete anos, estudante do Gimnasio Femenino, falecera devido a um aneurisma e que as exéquias teriam lugar nesse mesmo dia 24 de Julho, na Igreja da Imaculada Conceção, ao meio-dia.

Embora na Casa da Beleza não tivessem autorização para sair, Karen sentiu uma necessidade urgente de ir. Foi à casa de banho, despiu o uniforme, vestiu os *jeans skinny*, a camisa branca e tomou de empréstimo o *blazer* preto com que Susana fora trabalhar nessa manhã.

Saiu para o dia chuvoso com o seu guarda-chuva de cinco mil pesos. Avançou por entre as buzínadelas dos automóveis, evitando as poças de água, até chegar à Carrera 11, onde apanhou um autocarro a cair aos bocados. Uma vez lá dentro, fechou o guarda-chuva, abriu o porta-moedas, pagou o bilhete e foi para a parte detrás, apertada entre as nádegas quentes dos homens e o odor a patchuli das mulheres de cabelo comprido e mal pintado. Ao colocar a mão no varão, pensou, como acontecia sempre que entrava num autocarro, que nada lhe fazia sentir tanto nojo como o contacto da sua mão naquela textura de metal engordurado e pegajoso.

Continuavam a entrar pessoas. O peito de um homem barrigudo colou-se contra ela. Era alto, tanto que, ao olhar para cima, Karen via a sua papada morena sobre a sua cabeça.

Um miúdo com uns onze anos entrou para vender mentas. Disse ser deslocado de Tolima. Disse ter quatro irmãos. Disse ser «chefe da casa». Karen esgravatou no porta-moedas e deu-lhe quinhentos pesos antes de tocar para parar. O condutor travou abruptamente, e ela chegou à rua de um salto.

Antes de entrar na igreja, passou por um grande armazém. Queria desfazer-se daquele cheiro a sujidade. Pôs um perfume de um *tester*, *Chanel*

n.º 5. Viu-se num pequeno espelho que estava no meio de uns *rouges*, compôs o cabelo com os dedos, tirou o batom da mala, aplicou-o com cuidado e seguiu caminho.

Ao chegar à igreja, avançou por entre a multidão até à frente, como se fosse transportada por um tapete rolante. Na quarta ou quinta fila, encontrou um espaço livre. Diante dos seus olhos encontrava-se o féretro fechado. Karen pensou que pouquíssimas pessoas conseguiriam recordar aquele corpo como ela. Os dedos dos pés compridos e finos. As veias marcadas à altura das barrigas das pernas. Lembrava-se das sardas nos ombros estreitos, do nariz rectilíneo, dos olhos enormes e dos lábios finos e ocorreu-lhe de imediato pensar que Sabrina era bela, talvez de uma beleza cinzenta como a desta cidade, mas ao mesmo tempo discreta e cheia de segredos.

A tristeza chegou como uma onda no meio de um mar tranquilo. Por um acto reflexo, cerrou os punhos para não chorar. Pensou no rímel a escorrer-lhe pela face e nas pessoas a perguntarem quem seria aquela intrusa de rosto negro que chorava a morta. Pensou no esforço que ambas tinham feito apenas há dois dias para a deixar como uma maçã ou como uma menina. Lembrou-se de que estava na igreja e sentiu vergonha. Só então reparou no homem que estava ao seu lado. Tinha a certeza de que já o vira. Era uma personalidade famosa. Por momentos julgou tê-lo visto como apresentador de espectáculos no noticiário da noite, mas depois pensou que estava muito velho para isso. Depois lembrou-se dele. Era o autor de *La felicidad eres tú* e *Me amo*. Nesse momento, Karen sorriu. Há quatro anos, antes que a sua vida tivesse dado a volta que deu, quando Emiliano nasceu, Karen andava no primeiro semestre de Trabalho Social na Universidade de Cartagena.

Por ser tonta, pensa agora, embora não seja muito menos tonta do que então, por ser hipócrita, apesar de ainda o ser, é que lhe acontecera o que acontecera. Mas o professor de Competências de Pensamento dizia coisas tão bonitas. E, sim, era velho, muito mais velho do que ela, que mal acabava de fazer dezoito anos, mas para ela era um sábio, um iluminado. O professor Nixon Barros possuía a pinta dos homens caribenhos. E falava tão bem e ria-se com vontade. Tudo isso a seduziu; parecia hipnotizada a olhar para ele enquanto falava. Nixon não tinha medo da ternura. Pareceu-lhe um homem a

sério. Gostava do cabelo encaracolado dele, do suor que lhe perlava a testa sem que isso parecesse incomodá-lo, das camisas que lhe ficavam sempre demasiado grandes e do aroma da sua água-de-colónia.

Com o professor Nixon conheceu o mercado de Bazurto e apanhou a sua primeira bebedeira no Goce Pagano. Foi quase um ano até desaparecer das aulas e guardar um segredo que a fazia corar. Karen soube sempre que o homem era casado em segundas núpcias, que a mulher era mais nova do que ele e que tinha um filho. Porém, naquele dia em que esse homem se inclinou para a beijar, Karen não parou para pensar no príncipe encantado que a mãe tinha em mente para ela, nem que era negro, velho ou casado; limitou-se a fechar os olhos, a abrir os lábios e a abandonar-se.

À medida que os dias iam passando, era tal a sua alegria, a sua excitação, a sua loucura que Karen só conseguia pensar com a pele.

Deixou-se desvirginar numa rua escura de Getsemaní^[1] e continuou a deixar onde e quando fosse possível, cada vez com mais gosto e mais entrega, durante os três ou quatro meses seguintes, enquanto Nixon Abelardo Barros lhe falava de tanta coisa que lhe embriagava a cabeça. Por ele, Karen leu *Escovei o Cabelo 100 Vezes antes de Me Deitar*, de Melissa Panarello, *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, *Cartas de Amor do Profeta*, de Paulo Coelho, e *Assim Falou Zaratustra*, de Nietzsche, entre outros livros que acabaram por despertar nela uma revolução caótica. Foi então que começou a olhar de outra maneira para as mulheres de sobrancelhas depiladas e a deixar crescer os pêlos nas axilas como uma expressão de liberdade. «Não estou neste mundo para agradar ao homem», respondera à mãe quando esta lhe perguntou o que estava a fazer com aquela crista a sair-lhe dos sovacos. «Não me lixes, menina, agrada-me então a mim», dissera D. Yolanda, que era capaz de passar fome se o dinheiro escasseasse, mas que nunca deixaria de ir ao cabeleireiro.

A mãe apostava na beleza de Karen como sendo a melhor maneira de esta sair da pobreza. Costumava dizer à filha que, se tivesse estado apresentável naquela manhã em que o *gringo* a filou, olheirenta e desgrenhada, não a teria deixado assim «à espera do dia de são nunca». Ao que percebia, o pai era um poeta, um artista, um viajante, embora muitas vezes Karen desconfiasse que a

mãe inventava coisas, pois noutros dias a mãe dizia-lhe que era um cantor de Sincelejo, um pugilista de Turbaco ou um marinheiro inglês, versão de que Karen gostava mais do que das anteriores.

Era uma adolescente alta e magricelas, e a mãe alimentava-a o melhor que podia, embora só lhe visse crescer os ossos. Por mais que todas as manhãs preparasse o fogão para lhe fazer ovos mexidos com soro, arroz, feijão, mandioca e peixe, a miúda só esticava para cima. Para Karen, a felicidade residia naquele pequeno-almoço com sumo de amora no pátio da casa, quando a algazarra dos *picó* já cessara e pela rua do Pirata deixavam de ecoar aquelas melodias numa contínua concorrência entre *vallenato*, *reguetón*, *champeta* e *rancheras*, a mesma guerra todos os fins-de-semana, com os miúdos a levantarem poeira descalços, na rua, e os primos a trazerem grades de *Costeñita* gelada para beberem diante do portão da casa, enquanto uns conversavam sentados numas cadeiras de plástico, e o tio Richard na sua cadeira de balanço, sempre calado, sempre sério, com os olhos avermelhados devido às poucas horas de sono e aquele sorriso de indigente, a olhava com um carinho alcoolizado.

Na sua rebeldia, Karen mantivera os caracóis selvagens que a natureza lhe oferecera. Porém, com o passar do tempo, os responsos da mãe e os estudos de estética, não só se cansou de explicar porque preferia deixar os caracóis naturais, como se tornou especialista em cabelo liso. «Agora não te deixes emprenhar logo no primeiro semestre», dissera-lhe o primo.

Para a sua família, amigas e pessoas que conhecia, ir para a cama com um homem com preservativo equivalia a ser tratada como prostituta. «Se há amor, não há preservativo», recitava D. Yolanda. Complementava esta sentença com uma das suas muitas superstições: «Quando um homem disser que te quer, olha-lhe para as pupilas. Se dilatarem, está a mentir.» Nixon dissera-lhe que a queria, e as pupilas dele não se tinham alterado. Mas, além disso, Karen confiava nele.

Nixon não era um de muitos negros que só falavam de dinheiro, de automóveis, de mulheres como se fossem gado. Nixon não andava cheio de correntes de ouro, a sua obsessão não era a *champeta* ou os concertos de Rey de Rocha. Nixon gostava de poesia, como o pai dela, pensava Karen, embora

na realidade nada soubesse acerca do pai, e percebia que ela preferia fazer um curso na universidade em vez de participar nos concursos distritais de fim de ano.

Nesse primeiro semestre, além de fazer trabalhos e exames, Karen experimentou marijuana, salsa clássica, mas sobretudo sexo, a qualquer hora e em qualquer lugar que fosse; descobriu que podia regressar a um estado primitivo no qual se sentia bem. Aprendeu a entrar numa espécie de transe, quase sempre com Nixon, mas outras vezes com a ajuda do massajador de pés do tio Juan, das bolas chinesas que a mãe guardava num armário da cozinha ou com a própria mão.

Para Karen, a leitura de *Me amo* permitia-lhe manter a culpa dos seus actos a uma distância prudente ou, pelo menos, distraí-la com os argumentos de um livro assente no hedonismo. Foi enquanto o estava a ler que começaram as náuseas matinais, as mamas a inchar e doridas ao mais leve toque, o sono e a fadiga. Ia a meio do livro quando resolveu fazer o teste na manhã de um domingo.

Merda, ouviu-se dizer. Tinha dezanove anos acabados de fazer.

A mãe deixou de lhe falar durante umas semanas até uma tarde sufocante em que Karen ouviu a moto quando estava deitada na cama a folhear uma revista velha, de rolos na cabeça.

Qual é o teu plano, ficas aí deitada todo o dia a apanhar sol?

Já dei de comer ao tio, disse Karen.

Põe-te a fazer qualquer coisa, porque estás prenhe, mas não doente. Ou começas a fazer aquilo que eu te digo ou desapareces daqui.

Do ruído que lhe deixaram as leituras dessa época, aquele que mais a acompanhou e que leu até ao dia antes de dar à luz foi *Me amo*, embora já não sentisse que a sua mensagem se dirigia a ela.

Quem estava ao lado de Karen naquela manhã solarenga do funeral de Sabrina Guzmán era nem mais nem menos que o autor do seu livro de cabeceira, Eduardo Ramelli. O mestre já devia ter passado a casa dos sessenta, bronzeado, num tom de canela torrada, olhos azuis, cabelo grisalho, bem tratado, penteado para trás com brilhantina, como os galãs de outros tempos.

Chanel n.º 5, ouviu-o sussurrar-lhe ao ouvido.

Karen calou-se, não porque não soubesse que o autor de *La felicidad eres tú* usava *1 Million* de Paco Rabanne, nem porque não quisesse acompanhá-lo na brincadeira, mas porque sentia um nó na garganta. Ramelli mostrou o seu sorriso em esgar enquanto mantinha o olhar fixo no padre, mas manteve-se consciente da delicada presença a seu lado.

Como te chamas?, perguntou-lhe depois da eucaristia.

Um «chiu» prolongado e grave acabou-lhe com os esforços para lhe arrancar uma palavra. Por fim, ouviu-se o consabido «podeis ir em paz» a anunciar o final da missa. As duas primeiras filas eram ocupadas pela família mais próxima. Uma mulher chorava, desconsolada, abraçada a um miúdo com cerca de nove anos. Ouviu-se o órgão, e um coro desafinado cantou o Ave-Maria, enquanto os presentes começavam a abandonar a igreja. Karen deslocou-se para o corredor a fim de procurar a saída. Sentiu o cheiro de Ramelli pelas costas durante uns dois metros até desaparecer, ao ser interceptado por duas mulheres altas. A sua atenção centrou-se nas senhoras com penteados esponjosos como claras batidas em castelo, nos seus vestidos opulentos e nos seus corpos secos. Algumas tinham guarda-chuva, outras um motorista que as aguardava lá fora, ou mesmo guarda-costas com chapéus-de-chuva enormes que entregavam às patroas logo à saída para que os seguissem e evitassem as poças sem sobressaltos, enquanto corriam debaixo da chuva intensa para chegarem ao automóvel onde entrariam; a senhora atrás, o empregado à frente.

Ao atravessar a Cem, sentiu-se aturdida pelo barulho das buzinas, pelo fumo dos escapes, pelos autocarros verdes e velhos como a fome dos que pedem esmola, pelos coxos armados de limpa-vidros à caça de moedas, pelos deslocados com os seus cartões sujos nos quais invariavelmente escrevem a lenda de uma aldeia desaparecida, a história de um massacre com erros gramaticais, com o mesmo marcador, quase sempre preto, com a letra de uma pessoa que mal fez a terceira classe, com o pulso débil e o cais de cimento como único apoio, para depois se instalarem na mesma esquina todos os dias à procura da esquiva compaixão dos condutores. Algumas mulheres, quase sempre negras ou indígenas, com os filhos pendurados ao peito ou às costas,

agarravam a criança numa mão, o cartão na outra, a tigela para receber moedas debaixo do braço, num equilíbrio lastimável e sempre atento à mudança do sinal.

Assim que fica vermelho, mendigos, deslocados, foragidos, drogados, deficientes, saltimbancos, desempregados, analfabetos, maltratados, mutilados, crianças e mulheres grávidas assaltam os veículos numa *performance* diária tão repetitiva e previsível que já não surpreende ninguém. Ou quase ninguém. Aqueles que dão conta desta realidade com compreensível angústia costumam ser os recém-chegados a esta terra cujas colinas, conforme se ensinava aos estudantes bartolinos[2] na década de setenta do século XX, «delimitavam os confins da civilização».

A esta zona montanhosa, quase sempre fria, chegavam todos os dias mais pessoas provenientes de todas as regiões do país. Karen pensou que ela era uma destas. Como os vendedores de manga, os compradores de sucata, os apanhadores de ossos, os malabaristas e os pedintes.

No entanto, aquilo que mais a impressionava não era tanto o leque de profissões nascidas da fome, mas antes a rotina de tudo isto. Via aquelas mulheres nas suas carrinhas blindadas, sempre a subirem o vidro assim que alguém se aproximava de braço estendido. Este gesto, como tantos outros, parecia fazer parte de um manual que todos tinham lido, num território onde os vigilantes, o arame farpado e os cães açaimados desenhavam a paisagem quotidiana.

Quando chegou à Casa da Beleza, as pernas tremiam-lhe. Tinha as mãos frias. Subiu a correr ao segundo andar e trocou de roupa o mais depressa que conseguiu. Estava pronta para entrar na cabina quando ouviu uma pancada seca na porta da casa de banho.

Sim?, perguntou ainda a apertar os atacadores dos ténis.

A D. Fina quer falar contigo, ouviu uma voz dizer do outro lado.

Vou já, respondeu e viu-se ao espelho para compor o rabo-de-cavalo, antes de sair.

«Isto acontece-me por ter ido onde ninguém me chamou.» Logo agora que começava a aproximar-se do tão almejado milhão, logo agora que ia ficar por conta de uma cliente que mal conhecia. D. Fina esperava por ela com a

porta entreaberta.

Queria falar comigo?, perguntou.

Sente-se, disse D. Josefina num tom seco.

Karen esquadrinhava-a, mas não conseguia encontrar uma pista quanto àquilo que viria a seguir. Tinha a sobrancelha esquerda ligeiramente erguida.

Karencinha, soube que te ausentaste do trabalho sem o meu consentimento no horário laboral, começou. Quero que saibas que não me escapa nada e que mesmo quando não estou na Casa tenho os meus informadores. Ouviste, menina?

Sim, senhora.

Ora bem. Para te provar que estou a par das coisas, vou contar-te onde estiveste: foste às honras fúnebres daquela rapariguinha chamada Sabrina Guzmán. Queres saber como soube? Hoje de manhã ligou a mãe da garota, disse que ela frequentava este estabelecimento e que pensava que tivesse estado aqui anteontem. Não sabia quem a costumava atender, e, por isso, fomos procurar no livro das marcações. Foi assim que fiquei a saber que tinhas perdido uma cliente. Os meus mais sentidos pêsames, menina.

Só a vi umas duas ou três vezes.

Quatro, para sermos exactas, respondeu D. Josefina. E que sabes acerca dela?

Pouca coisa, D. Fina, era uma adolescente normal.

Ai, menina, como se isso existisse, respondeu D. Fina. É bom que percebas que, se iniciarem uma investigação, a Polícia vai fazer-te as mesmas perguntas, é preferível que saibas responder. Tens a certeza de que passaram uma hora na cabina e que esta rapariga não te disse onde ia? O que fizeram?

O costume.

Cera?

Isso.

E virilhas?

Sim, minha senhora.

Tudo?

Sim.

Tens a certeza de que não sabes com quem ia encontrar-se? Olha que essa

pessoa pode perfeitamente ter a ver com o desaparecimento dela.

Nesse momento, Annie apareceu de repente: Peço desculpa por interromper. Karen: a tua marcação já está à tua espera.

Posso retirar-me, minha senhora?

Desaparece, mas é melhor não falares nisto a ninguém. Começas a contar que uma cliente tua morreu depois de uma marcação, e ninguém volta a pôr os pés na tua cabina.

Com a sua autorização, acrescentou Karen, tentando descobrir se D. Fina estava a falar a sério, e saiu deixando a porta entreaberta; a meio caminho, parou e voltou para trás: Desculpe, minha senhora, mas, se a garota já está enterrada... o que é que eles vão investigar agora?

E eu é que sei?!, disse D. Josefina com um gesto displicente. E agora fecha-me essa porta que tenho assuntos importantes para tratar.

Com o passar dos anos, Eduardo chorava com cada vez mais facilidade. Chorava ao ver um filme romântico, ao ver que o cabelo lhe ia ficando na almofada, ao sentir os seus problemas de erecção. E não havia muito tempo chorara, e bastante, quando, por fim, depois de um Viagra e de muita concentração, conseguira estar com uma mulher. O pior de tudo é que fiquei a saber porque ele mesmo mo contou. O meu consolo é que, até onde me é dado saber, enquanto estivemos casados, nunca chegou a levá-las lá para casa, ou pelo menos é nisso que prefiro acreditar. Gostava sobretudo de uma negra chamada Gloria, que não devia ter mais de vinte anos. Ai, os vinte anos, pensei ao vê-lo com ela na esplanada de uma marisqueira na 77. Foi um acaso. Precisamente nesse dia, tinha ido a uma consulta ao dermatologista e, no regresso, resolvera andar um pouco. Vi-os ao longe. Eu seguia pelo passeio do outro lado.

Ele agarrava-lhe e largava-lhe a palma da mão, num gesto de sedução tão velho que, noutros tempos, também surtira efeito comigo. Soube o nome da rapariga porque um dia usei o computador dele e abri uma pasta chamada «Gloria», na qual encontrei as imagens. Tal como de outras vezes, nada disse. Ao fim e ao cabo, não podia culpá-lo por ir procurar na rua aquilo que eu deixara de lhe dar há tanto tempo. Magoava-me mais o egoísmo dele, a sua falta de interesse por mim e o facto de me ter deixado sozinha. O caso da moça afectava-me menos. Desde há anos que perdera gradualmente o desejo, e, com a menopausa, a coisa acabou por piorar. Pensava: se ele precisa de sexo, que vá à procura e arranje onde lho ofereçam. Mas, ao menos, que me faça companhia, que pelo menos se interesse pelas minhas coisas, embora a verdade é que já nem sei quais são as minhas coisas, pois há anos me concentrara cada vez mais nele.

Naquele dia, quando os vi de mãos entrelaçadas diante de um *cocktail* de lagostins, tinham acabado de me diagnosticar vitilígem: «Era só o que me

faltava!», pensei. Aguentei a vontade de desatar a chorar à frente daquela amostra de médico que me olhava com pena. Mas era um puto de fraldas, não devia ter mais de trinta anos.

Sai caladinha, tem calma, vais a pé para casa e passas primeiro por Pomona, ao mesmo tempo que pensava que o diagnóstico explicava a extensa madeixa de cabelo branco que me nascera há cerca de dois meses e dera cabo da minha cabeleira preta, tal como a mancha no tornozelo e na bochecha esquerda. Estava desanimada, não vou dizer que não. E naquele preciso momento vejo o meu marido com aquela escultura de ébano, que também já tivera oportunidade de ver toda nua. Era demasiado. Uma humilhação paga com outra humilhação. E o pior de tudo é que, afinal de contas, não me fez grande moossa. Não sei o que seria, se a menopausa ou o hábito de viver em desgraça, a verdade é que continuei neste estado de inércia vegetativa do qual já pensava que nunca mais me curaria até ao meu reencontro com Claire.

Foi ela quem apareceu para me devolver um pouco da energia perdida. Na escola não éramos grandes amigas. O meu pai era mais respeitado como psiquiatra do que como homem de posses, e vivíamos em mundos diferentes. Claire era lindíssima, altiva, orgulhosa, de boas famílias, destacava-se em tudo, e eu era apenas mais uma, mas, como se não bastasse, com um cabelo horrível e umas cangalhas horrorosas. Unia-nos a proximidade que cada uma de nós tinha com a actual mulher do ministro do Interior. Para mim, Claire era uma mulher sofisticada, de um mundo muito diferente do meu. Mas foi tão querida quando nos encontrámos há umas semanas, achei-a tão amorosa e senti-a tão sozinha que nos voltámos a ver uma segunda vez há uns quatro ou cinco dias e bebemos uma quantidade inaudita de uísques. Confesso que nunca bebera um uísque na minha vida. Já tinha provado, ou seja, conhecia o sabor, mas nunca bebera um inteiro. Quando havia oportunidade, bebia um copito de vinho, e nem hesitava perante um de champanhe ou um *Baileys*. Uísque nunca. Mas Claire serviu um para si e perguntou-me: Queres um uísque?

Não seria eu quem lhe iria perguntar «Não terás um *Baileys* por aí guardado, minha querida?», como se fosse uma avozinha ou uma adolescente de quinze anos. Não. Arranjei coragem e respondi-lhe: «Sim, serve-me um,

bem servido.» Lembro-me da cena e dá-me vontade de rir. O primeiro soube-me mal, mas os seguintes pareceram-me magníficos. São estas as coisas que me acontecem com a Claire. Bem vistas as coisas, somos da mesma idade, julgo até que sou um pouco mais nova, mas, ao lado dela, sinto-me uma puritana feita pessoa, e, em contrapartida, ela é independente, desembaraçada. Decididamente, a juventude é um estado da alma. Além disso, vai a caminho dos sessenta e continua a ser linda, lindíssima.

Bom, voltando a Eduardo, conheci-o quando tinha vinte e cinco anos, a flor da idade nas mulheres, dizia ele. Ele tinha trinta e sete. Até então, eu passara a vida como um rato de biblioteca. A minha mãe morreu quando eu tinha onze anos. Fui sempre para o feiosa. Em todo o caso, quanto a beleza: nenhuma. Pouco sabia de homens e, em matéria de relações, os conhecimentos eram sobretudo dos livros. Decidi ser psiquiatra porque crescera a ouvir o meu pai comentar os casos, e aquilo parecia-me perfeitamente natural. Nem sequer julgo ter considerado outra opção, embora agora pense que devia ter estudado Biologia.

O caso é que conheci o Eduardinho numa conferência. Pareceu-me descontraído, depois achá-lo-ia frívolo. Parecia um homem seguro de si mesmo, sem vontade de impressionar alguém, embora com o passar do tempo acabasse por interpretar essa atitude como narcisismo. Embora o ser humano seja narcisista, e qualquer descoberta que ponha em causa a sua visão de si mesmo tenda a ser rejeitada, Eduardo leva esta atitude ao limite, raiando numa personalidade sociopata; embora eu tenha precisado de cerca de trinta anos para chegar a este diagnóstico. Acabei por me dedicar à escrita e não aos pacientes, os pobres podiam ter passado horrores comigo, pois demoro anos a chegar a um diagnóstico. Mas enfim. A velocidade nunca foi o meu forte. Chamou-me a atenção que um tipo assim bem-apegoado como o Eduardo tivesse reparado em mim. Mamalhuda sempre fui, se calhar foi isso que lhe agradou. Talvez isso e o manuscrito, ou talvez o facto de ter sido sempre muito compreensiva e muito maternal com ele. Ainda me recordo daquela vez que me chamou «mãezinha». Estava distraído a folhear um jornal, perguntei-lhe uma coisa qualquer, se já tinha marcado consulta no urologista, ou uma coisa do género, e, sem tirar os olhos do jornal, respondeu-me «Não,

mãezinha», depois ficou corado de vergonha, e eu tive um ataque de riso.

Casámos passado um ano de nos termos conhecido. Eu só estivera com um homem antes dele, numa relação tão estranha quanto incómoda para ambos. Morria de amor por Eduardo. Além de bom na cama, o tipo era divertido, conversador, desenvolto, mundano, com classe, melhor, era tudo aquilo que eu não era. Como dote, poderia dizer-se assim, ofereci-lhe um livro que ele publicou com grande sucesso como se fosse o autor. Era um manuscrito acerca dos amores que matam. Ele achou-o extraordinário e propôs-me introduzir algumas alterações. Depois publicou-o em nome dele, o meu, Lucía Estrada, não aparecia em parte alguma. Eu andava tão embasbacada com o Eduardo que aquilo não só não me importou, como me fez sentir orgulhosa. Pensei, gostou tanto que o publicou com o seu próprio nome. Nem podia acreditar. E escrevi outro, que ele voltou a publicar com o nome dele, mas desta vez disse-lhe: «Olha, amor da minha vida, a verdade é que não tenho muito jeito para andar a dar entrevistas, a responder a cartas, a explicar as teorias que se geram aqui, enfim, se queres, continua tu a assinar.» E, para minha surpresa, disse-me que estava bem, que assinava os livros com todo o gosto. Eu ainda esperava que me dissesse algo do género: «Não, amor, tu és capaz, tu mereces esse reconhecimento, como podes pensar que vou assinar por ti», mas não, não aconteceu, o que aconteceu foi passarem-se três décadas e dezasseis livros que acabaram por confirmar Eduardo como o segundo autor de auto-ajuda mais destacado da América do Sul. Já todos sabem quem é o primeiro.

No princípio do nosso casamento, discutíamos a ideia de ter um filho; ele não fechara a porta, e, de certo modo, eu esperava que a abrisse para mim. Mas não. Não quis. Também não quis ir viver para outro país, porque era aqui que tinha os seus seguidores e os seus sócios. Eu continuei a escrever os livros. Isso, sim, levava-me a todo o lado. Ele dava conferências, eu escrevia. Ele assinava livros, eu escrevia. Ele ia às compras, eu escrevia. Ele ia de fim-de-semana com uma amante, eu escrevia. E assim foi durante trinta e três anos. A verdade é que sofrido, aquilo que se diz ser sofrido, nunca foi. Vivi muito bem. Adoro os livros, sinto-me segura no meio deles, tranquila. Pude ter uma vida boa. Além de que amei tanto Eduardo que a felicidade dele

também era a minha. Além disso, tínhamos coisas em comum, embora, verdade seja dita, que ele pouco ou nada gostava de conversar sobre os livros. No fundo, não sei que coisas nos uniam. A cozinha, sem dúvida, pois ele sabia fazer três ou quatro pratos e, quando cozinhava, falava comigo acerca daquilo que estava a fazer. Já nem sei o que fazíamos, mas eu não me sentia amargurada nem infeliz. Nada disso. Só quando nos separámos é que consegui fazer um diagnóstico: o paciente neurótico, neste caso Eduardo, faz do seu mundo um espelho simétrico do qual espera uma resposta idêntica às suas próprias expectativas sobre este. Por outras palavras, o paciente procura na mulher, nos amigos e no trabalho uma réplica do projectado e da sua idealização sobre aquilo que devem ser. Nesta medida, não reconhece a existência do outro como ser independente, pois o outro só existe para ele como um reflexo das suas necessidades pessoais insatisfeitas. Ao produzir-se o inevitável fracasso de uma expectativa idealizada, ocorre uma frustração irreversível que dá lugar ao processo a que Freud, no seguimento de Jung, chama «a involução da libido». Foi assim que vivi três décadas com um homem que nunca me conheceu nem me quis conhecer.

Um homem para quem o importante era sentir-se amado, admirado e respeitado por uma massa anónima, mas irrefutável. Para ele, a minha existência não era mais do que um veículo para atingir essa reafirmação contínua do seu valor.

A verdade é que, à minha maneira, eu era feliz. Suponho que, na minha lógica, «a felicidade consistia na negação dos próprios desejos, na renúncia a mim mesma e até no castigo», palavras de Claire. Eu servia-o em todos os sentidos da palavra. O mais irónico é que ainda sirvo. Sem sequer termos chegado a um acordo de divórcio, passei a viver num pequeno apartamento em La Soledad, no qual continuo a escrever os livros para Eduardo em troca de uma mensalidade e de um ou outro encontro furtivo, quase sempre desafortunado. O tipo continua a parecer-me uma estampa, um espirituoso, um charmoso do mais adorável. Embora, como já escrevi antes, desejo é coisa que deixei de sentir há muito tempo. O problema é que o Eduardinho sofreu muito em criança, teve um pai que o maltratou bastante, e ele teve de aprender a blindar-se, a proteger-se das pessoas. Não é assim tão fácil julgar

os outros. E foi o que disse a Claire. Nem penses nisso. Ninguém é tão bom nem tão mau como parece. O Eduardo não foi um mau homem. Embora haja um pouco de verdade no facto de a minha figura se ter transformado na de uma mãezinha. Sim, uma mãezinha. Levava-lhe as pantufas. Fazia-lhe o café. Preparava-lhe o banho. E ele vinha ter comigo por consolo, por reafirmação. Pobre do meu Edu.

A última vez que nos vimos, tentou beijar-me. Tínhamos ido jantar a um restaurante novo. Levou-me a casa, mas também me pediu qualquer coisa para beber antes de se ir embora.

Estou cansada, disse, tentando pô-lo a milhas.

Só um copo, minha Luchía.

Só um copo foram os cinco ou seis que a garrafa ainda tinha e um monólogo interminável. Eu cabeceava do outro lado do sofá. Eduardo quis falar da sua impotência, depois aproximou-se para me beijar, e afastei-o.

Não posso, meu amor, desculpa, disse-lhe, fazendo um esforço.

Não podes ou não tens vontade?, perguntou enquanto acendia um cigarro sem sequer olhar para mim.

Nessa fria madrugada de dia vinte e três de Julho, dormiu no sofá. Eu tapei-o com uma manta antes de ir para a cama. Dormitei quase até às três da manhã e duas horas depois já o estava a ouvir. Mas que raio está a fazer?, perguntei, ensonada, porque o ouvia tropeçar e andar pela sala em plena madrugada, enquanto cochichava ao telefone. O som de uma pancada seca fez-me levantar. Fui ver. Eduardo andava à procura dos sapatos às apalpadelas, com a sala ainda na penumbra. Entornara a garrafa aberta de uísque, e o pouco que ainda restara derramara-se pelo chão de parquê.

Que se passa?, disse, alarmada.

Desculpa, Lucía, tenho de ir. Depois falamos.

De madrugada?

Um amigo está com problemas graves, precisa da minha ajuda, depois conto-te.

Eduardo saiu, e logo de seguida despejei as beatas do cinzeiro que o meu ex-marido deixara. Perguntei a mim mesma como é que alguém que já passou dos sessenta tem um amigo com problemas em plena madrugada. Seria coisa

que bem podia acontecer na adolescência. Mas nesta fase? Fez-me recordar os motivos por que o havia deixado. Eduardo era um egoísta e, com todo o respeito, pensava mais com a pila do que com a cabeça. Como eu detestava aquele cheiro a tabaco! Uma das coisas boas que a minha casa tinha é que ninguém fumava nela. Isso e o silêncio, a paz. Comprara um livro de ioga para principiantes, um tapete especial e algumas velas. Eduardo fazia troça de mim. Achava ridículo que, por esta altura, eu quisesse começar a fazer qualquer coisa de novo. A verdade é que todas as tardes dedicava uma hora a esta prática da qual, pouco a pouco, ia captando o sentido. O simples facto de não ter de acompanhar Eduardo nas suas viagens concedera-me muita liberdade. Uma ou duas tardes por semana ia ao cinema, por vezes saía para fazer longas caminhadas pelo Park Way e cheguei mesmo a pensar em comprar um cão.

Peguei numas fatias de pão e coloquei-as na torradeira. Passei um pano pelo soalho flutuante. O cheiro a uísque deu-me vômitos. Abri as janelas de par em par. Preparei café, reguei as plantas e levei o portátil para a sala de jantar a fim de rever aquilo que escrevera no dia anterior. Fui buscar as torradas e o café, pus os óculos e comecei a ler: «É assim que a infidelidade se torna a razão mais comum de divórcio e maus-tratos conjugais. É motivo de depressão, angústia, perda de amor-próprio e outras tantas alterações psicológicas, pelo que representa o lado mais obscuro do amor doente.» Li duas vezes e desatei a rir. Não consegui voltar a ler. *Amor Doente* parecia falar de nós. Sentia-me sem forças. Que aconteceria se não escrevesse o livro? Os direitos de autor que os outros rendiam eram suficientes para ambos vivermos disso. É verdade que havia um contrato assinado para *Amor Doente*, e o seu lançamento estava previsto para o ano seguinte. Mas podia arranjar outro escritor-fantasma: agora não faltavam jovens escritores bastante bons, e alguns com formação em psicologia.

Além disso, o tal negócio que tinha com o sócio parecia estar a render-lhes bastante. Não há problema em não publicar um livro, de fome não vamos morrer. No entanto, Eduardo estava a tornar-se cada vez mais ambicioso. Invejosos, melhor dizendo. De facto, fora este o motivo que me levara à separação. A sua intenção de comprar casa em New Hope, somada ao

incidente com Gloria, foram a gota de água. De nada serviu eu criticar a estética de Miami, com todos os exageros do metro quadrado mais caro da cidade. Insistiu em que ficaríamos mais à vontade a viver entre «pessoas como nós».

Pessoas como nós? E desde quando te tornaste o protótipo de um colombiano classista?

Não me venhas agora com merdas, Lucía, qualquer pessoa que olhe para ti acha que não tens onde cair morta, disse.

A conversa também não durou muito mais. Ele continuava a alegar que não havia nada de mal em querer ter o melhor.

«Nós merecemos tudo, minha *piccolina*», disse-me.

Foi então que o vi tirar uma pasta verde da sua mala de couro. Abriu-a à pressa e apareceu uma escritura.

Piccolina, a decisão está tomada, só tens de assinar para fazermos o melhor investimento da nossa vida.

Eduardo começou a ler a escritura em voz alta. De vez em quando, fazia um comentário à parte: «Devias ver os jardins verticais sobre os rochedos, lá atrás.» «Tem 350 lugares de estacionamento, turno de vigilantes, 48 câmaras de segurança.» Continuava a ler. «Vais ficar encantada com a sala de convívio, meu amor, tem uma cozinha limpíssima e móveis de *design* de muito bom gosto. Mas o melhor é o *club house*. Tu, que gostas tanto de nadar, vais ficar encantada. Há uma piscina climatizada e semiolímpica, com professor de natação, sauna, banho turco, sala de Pilates...» Aquela história do «Tu, que gostas tanto de nadar» ficou-me a ecoar nos ouvidos. Era a mais pura das verdades. Quando era adolescente, gostava de nadar, e na universidade continuei a nadar. Agora interrogava-me acerca dos motivos por que deixara de nadar. «Tu, que gostas tanto de nadar», repeti para mim mesma, e senti-me afogar num mar de tristeza.

Eu também gostara da música de Joan Baez e da de Simon and Garfunkel, gostara de ter passado fins-de-semana na montanha, de ter feito *ajiacó*^[3], mas Eduardo não comia *ajiacó*, não gostava daquela música e, se saía de Bogotá, tinha de ser de avião, e por isso eu aceitava, e de tanto aceitar acabei por me apagar. Acabou o seu discurso e, sem sequer reparar nos meus

olhos vermelhos ou no meu mutismo, guardou a escritura na mala, trocou de casaco e perfumou-se antes de sair.

Adeus, meu amor, disse-lhe, com um sorriso, perto da cama.

Não comas muito, limitou-se a dizer.

Enfiei-me na cama com um pacote de batatas fritas e uma caixa de chocolates. Por volta da meia-noite, já tinha visto um capítulo do *CSI* e dois do *Mad Men* e estava cansada. As mulheres desta série são umas heroínas, mas no fim nunca há nada para elas, pensei. Eduardo ainda não regressara. Tinha os olhos inchados de tanto chorar.

Quando desliguei a televisão, imaginei-me a dormir noutra cama. Uma mais pequena, mas minha. Adormeci a pensar numa janela com vista para a rua, quem dera que fosse um parque, uma cozinha grande, algumas plantas, uma mesa redonda para comer, com um candeeiro pendurado por cima. Eduardo voltou quando começava a amanhecer. Eu já estava a pé e, sentada frente ao computador, procurava apartamentos em La Soledad.

Já a trabalhar, tão cedo?, disse ele.

O que te parece?, respondi, já decidida a encontrar um lugar no mundo, no mesmíssimo espaço onde acabara de apanhar beatas, à procura daquele quarto limpo onde já não havia espaço para ele.

Assim que terminei a limpeza, tomei a decisão de pedir a Claire que nos encontrássemos uma vez por semana. Também tomei a decisão de não voltar a deixá-lo fumar na minha casa. Peguei no calendário e marquei a data: 23 de Julho. «A partir de hoje, ninguém fuma nesta casa», disse para mim enquanto fazia um círculo à volta da data com a mesma caneta vermelha com que costumava corrigir os rascunhos dos livros dele.

5

Sabrina ia de uniforme da escola. Por isso não a tinham deixado entrar no bar do hotel onde Luis Armando marcara encontro com ela. Embora tivesse preferido que a convidasse para beber um copo, que a levasse a um restaurante ou, pelo menos, a dar um passeio, ele insistira que se encontrassem no quarto dele.

«Não quero esperar para te cobrir de beijos», dissera. E esta frase bastou para que Sabrina sentisse o batimento cardíaco aumentar. «Gostas de mim?», perguntara-lhe aquela voz que costumava sussurrar-lhe ao telefone o quanto a desejava. «Muito», respondera Sabrina, a corar. Era a primeira vez que um homem que não o seu pai lhe fazia esta pergunta.

Ao entrar no quarto, percebeu que Luis Armando estava bêbado. Ela também estava, devido às aguardentes que tomara para suportar a dor da depilação. Talvez se estivesse sóbria tivesse reagido mais cedo. Mas não estava. Apesar disso, ainda conseguiu pensar que não tinha sido uma boa ideia ir. No entanto, em vez de sair, pôs-se a fitá-lo nos olhos à procura daquela centelha de amor que julgara ter detectado neles, uma vez. Estava pronta para se tornar mulher.

6

Ao sair do gabinete da chefe, Karen sentiu que as mulheres do terceiro andar a observavam. As três da secção de pestanas desviaram o olhar daquilo que tinham à sua frente para a observarem. Até a empregada que servia os cafés deu meia-volta e ficou a olhar para ela. Karen deduziu que, se não tivessem uma cliente para atender, lhe teriam perguntado qualquer coisa. O que seria? Já todas saberiam que Sabrina Guzmán tinha morrido e que era sua cliente?

Desceu para devolver o casaco a Susana e depois regressou à sua cabina. Encontrou-a envolta numa converseta que se interrompeu mal ela chegou.

Obrigada, disse Karen, ao mesmo tempo que lhe passava o casaco.

Não tens de quê, boneca, respondeu Susana com um sorriso sincero.

Reparou na mala que estava aos pés desta e ficou a pensar se seria mesmo de marca.

Sim, é mesmo de marca, respondeu Susana, que parecia ter o poder de ler a mente.

É muito bonita, respondeu Karen.

Obrigada, *princess*, disse Susana. Tens cara de ser boa pessoa. Guarda o meu número, nunca se sabe quando podes precisar de uma amiga, e, no meio de todas estas gatas invejosas, só vais encontrar unhadas e mais nada, acrescentou quase em sussurro.

Susana ligou só para que ela ficasse com o número e, enquanto marcava os algarismos, Karen reparou que a colega tinha um *iPhone* de último modelo. Da mala sobressaía um *tablet*.

Porque trazes a mala, para lhes fazeres inveja?, perguntou Karen.

Sim, também.

Annie interrompeu a conversa para avisar Karen que acabara de chegar a próxima cliente.

Não te preocupes com as gatas, disse Karen, que usou esta expressão pela

primeira vez para se referir às suas colegas da Casa. Não têm dinheiro para um *tablet* como esse.

Ai, boneca, disse Susana, vê-se bem que és novinha. Se tiverem de deixar de comer, deixam de comer só para não se ficarem atrás. Quando quiseres, empresto-te a mala ou uma roupa qualquer, se precisares.

Karen subiu ao segundo andar a pensar que Susana parecia ser boa pessoa. Assim que entrou na cabina, ligou a máquina de derreter cera para aquecer a mistura. Foi então que ouviu baterem duas vezes à porta. Antes de abrir, ligou a Annie, que estava na recepção, e perguntou-lhe quem era a cliente.

A sério que não sabes?, respondeu-lhe do outro lado, antes de desligar.

Por sorte, ao abrir, lembrou-se do nome. Mesmo que nunca a tivesse atendido, saberia logo quem era, pois apresentava as notícias sobre o mundo do espectáculo, à noite.

Nessa altura, Karen admirava a apresentadora de televisão. Não se lembrava de a ter tratado mal em duas ou três marcações anteriores. Parecia-lhe que o prestígio da sua beleza era justificadamente merecido. Adorava o seu cabelo liso.

D. Karen, tem passado bem?, perguntou Karen, animada.

D. Karen não ouviu ou não quis responder.

Pode deixar a roupa nesta cadeira, deixo-a sozinha um segundo para se mudar. Vamos fazer as virilhas? Precisa de umas cuecas descartáveis?

Não, só pernas e axilas.

Muito bem, D. Karen, então pode ficar de roupa interior. Volto dentro de um minuto. Deseja um café ou uma aguinha aromatizada?

Aceito uma água.

Pediu uma aguinha aromatizada para a cabina três. Procurou uma manta eléctrica no armário. Teve sorte porque havia uma. Se desaparecesse qualquer coisa do armário central, todas tinham de pagar. Regressou à cabina. D. Karen estava deitada na marquesa. Era uma mulher na casa dos trinta. Ao que parecia, já era cliente da Casa há muitos anos, sempre atendida por outra empregada, até que um dia perdera o telemóvel, e a empregada fora despedida, apesar de não existirem provas contra esta nem uma investigação

que confirmasse a acusação. Foi assim que terminaram os vinte anos de trabalho da sua antecessora na Casa e também que a própria D. Josefina passou a jóia da coroa para as mãos de Karen.

Desculpa, chamas-te Karen, não é?

Sim, minha senhora.

É que considero um pouco incómodo isto de termos o mesmo nome. Percebes?

Como assim, minha senhora?

Deixa o senhora, não sou casada. Vamos lá a ver. Como hei-de fazer para que percebas que não podemos ter o mesmo nome? Faço-te um desenho? «Olá, Karen, como estás?», «Bem, e tu Karen?», «Bem, Karen». Já percebes o que quero dizer?, perguntou D. Karen enquanto Karen lhe passava pela pele um pano com creme de limpeza.

Deseja uma espuma anestésica ou está bem assim?, perguntou Karen.

Mas estás a ouvir aquilo que te digo?, respondeu D. Karen, irritada. Deves ter um segundo nome, não? Ou deixas que te ponha uma alcunha?

Como queira, D. Karen. Não tenho um segundo nome.

Custa-te assim tanto perceber isto?

Enquanto lhe espalhava pó de talco pelas pernas, Karen pegou na espátula de madeira e testou a temperatura da cera no dorso da palma da mão esquerda. Este gesto recordava-lhe invariavelmente quando testava os biberões de Emiliano para ter a certeza de que não estavam demasiado quentes. Pensou que D. Karen devia ter tido um dia mau. Ao fim e ao cabo, não devia ser fácil ser-se uma figura famosa. Com certeza que a perseguiram na rua para lhe pedir autógrafos, e devia ser cansativo andar na boca do mundo. Passou a espátula com cera pelas pernas de D. Karen, até ao joelho. De seguida, cortou um toalhete de papel, que pressionou contra a pele antes de o arrancar com um puxão, de baixo para cima. A cliente deixou escapar um ligeiro gemido.

Karen lembrou-se daquela vez em que um cliente de outro salão filmara D. Karen a fazer uma cena de histeria durante uma pedicure porque lhe tinham cortado demasiado a unha do dedo anelar. Corria o rumor de que era em parte por isso que era proibido o uso de telemóveis na cabina, para evitar

que as empregadas tirassem fotografias ou fizessem vídeos dos clientes que pudessem dar origem a um processo contra a Casa.

Estamos quase a terminar. Tapo-a com a manta?

D. Karen respondeu assentindo, com a cabeça pousada na marquesa.

Muito bem, agora passamos às axilas e terminamos num instante, disse Karen, enquanto lhe aplicava gel de aloé vera nas pernas com uma massagem suave.

Karen pensou que quem gravara aquele vídeo às escondidas era uma má pessoa. Não era correcto aproveitar-se do mal alheio, disse para si própria enquanto admirava a lisura da pele de D. Karen.

Já sei!, disse D. Karen de súbito, arrancando-a às suas cogitações. Pocahontas!, acrescentou com um risinho malicioso. Não te parece divino? Assenta-te na perfeição, assim com o teu cabelo preto, os teus olhos amendoados, a tua boquinha grande. És meio indiazinha, não és? E, ao dizê-lo, deixou escapar uma gargalhada breve, histérica.

Se quer chamar-me Pocahontas, esteja à vontade, disse Karen, enquanto repetia a operação desde o princípio: limpar a área a depilar, experimentar a temperatura da cera, pôr talco, espalhar espuma anestésica, aplicar a cera com a espátula de madeira, retirá-la com o toalhete e aplicar o gel de aloé vera. D. Karen estivera de olhos fechados durante a maior parte do tempo, mas com um ligeiro sorriso na cara. Karen perguntou-se se o sorriso seria permanente ou se o fingia para si própria. A verdade é que a Karen Marcela Ardila, pois ela, sim, tinha um segundo nome, ficara com aquele sorriso colado desde que vencera o prémio Menina da Colômbia, aos oito anos. Era tal a sua persistência no trejeito que já quase não conseguia controlá-lo. Estava sempre a sorrir, mesmo quando a situação era triste ou dramática, outra das razões pelas quais nunca poderia apresentar um programa diferente do noticiário de espectáculos.

Do seu ângulo de visão, os implantes de Karen Marcela ameaçavam explodir. Era verdade que possuía um corpo escultural e que gostava de o exhibir, não apenas nos catálogos de roupa interior. Usava umas cuecas fiorental de renda e um sutiã copa D de seda preta. Tinha a pele cor de caramelo e o cabelo entre o ruivo e o champanhe. Um nariz minúsculo e os traços de

uma princesa da Disney com o corpo de uma coelhinha da *Playboy*.

Já está, disse Karen, aliviada.

D. Karen levantou-se da marquesa sem perder o sorriso. Rebolava o rabo enorme de um lado para o outro como se fosse um pavão em época de acasalamento. Karen passou-lhe uma bata, ao mesmo tempo que ouvia pelo intercomunicador: Tens outra marcação, mas não perguntes quem é, disse Annie e desligou.

Karen não se lembrava.

Deixo-a vestir-se enquanto lhe preparo o recibo, disse à cliente.

Obrigada, Pocahontas, respondeu D. Karen sem olhar para ela, mas sempre a sorrir. Olha que estou a admirar-te há várias sessões. Tens uma beleza assim... selvagem, como a de uma indiazinha de tanga, insistiu, antes de deixar escapar de novo o seu risinho infantil e estridente. Embora esse cabelo liso seja falso, não é?

Karen não respondeu.

D. Karen deu-lhe mil pesos de gorjeta, que não chegavam nem para uma viagem de autocarro, mas, em contrapartida, levou um creme da *Sisley* e outro da *Olay*, pelos quais pagou um milhão e meio de pesos, o dobro do salário de Karen até há poucas semanas. De tudo aquilo, o que mais a ofendeu foi a nota de mil pesos.

Karen guardava as gorjetas debaixo do colchão, onde já juntara mais de um milhão de pesos. De acordo com os seus cálculos, quando tivesse dois milhões já poderia mandar vir Emiliano. Com isso poderia pagar a alimentação, a escola e a pessoa que tomasse conta dele, pelo menos durante alguns meses, enquanto ela trabalhava. E depois continuaria a juntar o resto do dinheiro, faria limpezas em casas, arranjaría um trabalho aos domingos, aquilo que fosse preciso. Por este andar, seriam mais uns três meses. Não era assim tanto tempo, pensou para se confortar.

Ia a subir as escadas quando ouviu a voz de D. Karen: Pocahontas!

Virou-se.

Aho!, exclamou, a imitar a saudação de um índio de filmes de *cowboys*.

Karen ficou a olhar para a mulher, e desta vez foi ela quem fingiu sorrir. A apresentadora tratava-a por índia diante de toda a Casa para se vingar por

ter o mesmo nome que ela. Conseguia sentir os olhares das colegas sobre ela, a colarem-se-lhe ao corpo como sanguessugas. Conseguia ouvir os seus risinhos falsos como os das irmãs da Cinderela. Gatas, pensou. Por sorte, Susana apareceu em seu auxílio: Vê só, já conquistaste a Karen Ardila, até te pôs uma alcunha carinhosa!

E seguiu o seu caminho.

Karen sentiu-se satisfeita por ter pelo menos uma aliada. Não sabia quais eram os motivos, mas a verdade é que Susana resolvera protegê-la. Nem sequer chegara à porta da sua cabina quando deu de caras com uma senhora de meia-idade, cabelo mal pintado, pernas compridas e demasiada maquilhagem. Ainda não sabia onde já vira aquela cara quando a mulher a agarrou por um braço: Você é a Karen?

Sou, sim, minha senhora, em que posso servi-la?

Chamo-me Consuelo, sou a mãe da Sabrina Guzmán. Lembra-se dela?

A imagem de uma mãe a chorar abraçada a um garoto no funeral que tivera lugar umas horas antes voltou-lhe à memória.

Pedi marcação comigo?, perguntou com nervosismo.

Sim, respondeu a senhora.

Por aqui, por favor, disse Karen, apontando-lhe a cabina.

E o que vai fazer?

Eu, nada, se quiser, cobre-me qualquer coisa, mas eu só vim falar consigo.

Quer um café, uma aromática?

Não quero nada, disse a senhora, enquanto olhava fixamente para a marquesa onde não estava ninguém, mas na qual imaginou a filha deitada, dois dias antes. Karen foi buscar-lhe um copo de água, mais para sair e não ficar ali a olhar para ela. A mulher escorria contra a parede. O pranto sacudia-lhe o corpo. Vai acabar no meio do chão, pensou Karen. E assim foi. Teve de se agachar, ia pedir-lhe que se levantasse, mas no último instante mudou de ideias. A mãe que havia nela dobrou-se ao lado da mulher e passou-lhe um braço pelas costas. A mulher chorava. Quem sabe quanto tempo estiveram naquela posição. De um momento para o outro, parou. Tinha a cara molhada, a maquilhagem esborratada, estava com muito mau aspecto.

De certeza que não quer que lhe faça uma limpeza?, insistiu Karen. A verdade é que não sei que mais posso oferecer-lhe. Diga-me o que gostaria de fazer: uma massagem, uma hidratação?

Só quero que me fales da minha filha.

Karen sentiu-se perturbada com o pedido da cliente, de quem ainda não sabia o nome.

A sua filha não falava muito, minha senhora. Se quiser, vá tirando a roupa, fique apenas com as cuecas, disse, enquanto punha um pouco de música.

Foste tu que a depilaste?

Fui, sim, minha senhora.

Ficou muito bem. Parecia uma boneca, disse a mãe enquanto tirava o sutiã.

Obrigada, disse Karen a pensar que aquela era a conversa mais estranha que alguma vez tivera na vida.

Agora deite-se na marquesa, vou colocar-lhe uma manta eléctrica para não ter frio. Dê-me um minuto. Óleo de amêndoas ou de alfazema?

Já te disse que não vim aqui para isso, voltou a dizer-lhe a mãe num tom de irritação. E para que se iria depilar a minha menina se não fosse por ter um encontro? Eu sei que andava a encontrar-se com alguém, mas nunca me contou nada. A bem dizer, nem sequer sei o nome.

Karen não respondeu. Em vez disso, massajou-lhe as têmporas, a cabeça, o pescoço. Preparava-se para lhe massajar os braços, mas ao ver a maquilhagem esborratada não aguentou o impulso de a corrigir. Passou-lhe um *kleenex* com um creme desmaquilhante, depois aplicou-lhe um gel de limpeza e, por fim, um creme hidratante.

Continuou com os braços e, quando chegou à mão esquerda, a mãe de Sabrina Guzmán voltou a chorar. A senhora ficou a chorar baixinho durante o resto do tempo. Era como se o toque daquelas mãos jovens, vigorosas e experientes, na sua pele, pressionassem os pontos exactos que a libertavam de uma dor subterrânea.

Passados vinte minutos, pediu-lhe que se virasse de barriga para baixo, e só então, ao rodar, a senhora voltou a perguntar-lhe: Tens filhos?

Um menino de quatro anos.

Karen massajou-lhe as costas, que estavam bastante contraídas.

E querem que acredite que foi suicídio..., afirmou de rajada.

Suicídio, minha senhora? Ouvi dizer que tinha sido uma morte natural.

Isso é o que vem nos jornais, o que querias?

Karen manteve-se calada.

E agora a minha menina está enterrada, o que vou eu fazer? Meu Deus, o que vou eu fazer?

Ao dizer isto, a mãe irrompeu num pranto desconsolado. Tiveram de parar.

E já falou com a Polícia?

Insistem que, enquanto o relatório médico confirmar uma *overdose* de Tryptanol e não existirem fundamentos para o pôr em causa, não há muito a fazer.

Tryptanol?

Uma droga, um antidepressivo que serve para uma pessoa se matar. O que sabes tu, Karen?, insistiu a mãe.

Não me pareceu que quisesse morrer. E como é que se suicidou, ou como dizem que o fez?

No Hospital San Blas informaram que um taxista a deixou à porta das Urgências. O tipo disse que a apanhou na esquina da Setenta e sete com a Noventa, por volta das cinco da madrugada. Disse que ela lhe pediu que a levasse depressa ao Hospital San Blas, que era uma emergência. E que, quando lá chegaram, não acordou. Então ele saiu do carro para a ver, e a Sabrina tinha na mão uma caixa de Tryptanol. Abriu-a, e lá dentro o *blister* estava vazio.

Ou seja, tinha-o tomado?

É o que diz o relatório médico.

Mas fizeram-lhe uma autópsia? Pediram ao taxista que testemunhasse?

A mãe de Sabrina chorava de modo mais sereno.

Tive medo, naquele momento pareceu-me prioritário dar-lhe uma sepultura sagrada. Sabes que os suicidas não entram no reino de Deus?, disse.

Karen tocou-lhe no pé direito, e Consuelo Paredes deixou escapar um

suspiro. Fechou os olhos. Primeiro massajou o peito do pé com um pouco de creme. Depois fê-lo rodar numa direcção e a seguir na contrária. Usou a mão como se fosse um rolo na planta do pé, primeiro para cima e para baixo, depois em círculos.

Não sei o que lhe dizer. Talvez não se tenha suicidado. Talvez...

Naquele momento, o intercomunicador tocou com insistência. Por fim, Karen não teve outro remédio senão responder.

Desculpe-me por um momento, minha senhora. Sim, diz, Annie.

Karen teve de terminar a sessão com a mãe da cliente.

Lamento, minha senhora, o nosso tempo chegou ao fim. Tenho uma marcação que vem a subir agora mesmo.

A mãe de Sabrina vestiu-se depressa. Antes de sair, abraçou-a e deu-lhe um cartão-de-visita no qual se lia: «Consuelo Paredes, agente imobiliária.» E os seus telefones.

Dois toques na porta anunciaram a chegada de Rosario Trujillo.

Como tem passado?, disse ao entrar e sem olhar para qualquer lado. Faça-me o adelgaçante na cintura e nas coxas e no fim retoque-me as sobrancelhas, pode ser?, pediu a cliente, que teimava em adelgaçar, apesar da magreza.

Com todo o gosto, minha senhora, respondeu Karen antes de sair para ir buscar o gel quente, os rolos e a máquina de ultra-sons.

Quando regressou, Rosario Trujillo estava deitada na marquesa a falar ao telemóvel. Assim que a viu entrar, começou a falar em inglês. Karen também já começara a habituar-se a isto.

No final, a cliente já estava tão baralhada que retomou o espanhol ou o *espanglish* quando gritou com o marido: Já disse à tua secretária que não vou a Santa Marta na Indian Airlines, estás a ouvir-me? Ou me pões na primeira classe ou vais sozinho com os miúdos. Desligou.

Logo que acabou de desligar, a senhora Rosario desfez um rosário de queixas: primeiro do calor, depois da voltagem da máquina, a seguir da falta de ventilação na cabina e do pouco tempo que tinha para ela, da empregada doméstica que se despedira sem aviso prévio, de que a filha já não passava quase tempo nenhum com ela, do trânsito na cidade, da má qualidade da água e outra vez do calor... Foi uma hora que passou bastante devagar.

Karen perguntava a si mesma porque ninguém dizia à senhora Trujillo que a sua magreza começava a ser um assunto preocupante e que, decididamente, não precisava de adelgaçar. Esteve tentada a dizer-lho, mas optou por conservar o emprego.

Já está, disse Karen por fim.

Então saiu para ir preparar a conta enquanto a senhora se vestia. Ainda eram só cinco da tarde. Tinha mais três horas pela frente antes de poder sair. Apesar de detestável, deixara-lhe dez mil pesos de gorjeta, algo que agradecia. Ao descer, viu os guarda-costas da senhora Trujillo. As gatas comentavam que estava casada com um político importante. Quando levou a conta até à caixa, voltou a sentir-se observada. Preparava-se para subir com a conta de D. Rosario, quando a cliente seguinte a interceptou com um ligeiro toque no ombro.

Se estás muito atarefada, fico à tua espera aqui na sala, não te preocupes.

Karen deu meia-volta e deparou com os meus olhos.

D. Claire, que prazer em vê-la. Dê-me só um minuto e já venho cá a baixo atendê-la.

Assim que acabou de dizer isto, pousou por um segundo uma das mãos no meu ombro.

Desde aquela vez em que por coisas do destino entrei na Casa, comecei a ir lá com cada vez mais frequência. Procurava sempre a Karen, e, se ela não podia atender-me, preferia regressar noutro dia a deixar-me tocar por outra mulher. Ao seu lado sentia-me muito bem. Podia estender o corpo sobre as toalhas brancas e quentes, abandonar-me ao silêncio de olhos fechados, deixar-me ir.

Karen contou-me do caso de Sabrina e da sua morte inesperada. Também falou da mãe, que teve de interromper em pleno desabafo porque a sua marcação das quatro chegara. Eu ouvia-a, não sei se por deformação profissional se por interesse sincero, a verdade é que a ouvia.

E tu achas que foi suicídio?

Não sei.

E sabes alguma coisa?

Ela ia encontrar-se com o namorado.

Interessante. Que idade teria?

Não sei, nunca me disse, mas era um profissional jovem, na casa dos vinte e sete, trinta, no máximo. Trabalhava fora de Bogotá. Porque é que quando a mãe me perguntou se eu sabia qualquer coisa lhe respondi que não? Porque é que quando a minha chefe me fez a mesma pergunta também neguei saber algo?

Talvez seja qualquer coisa de intuitivo, talvez te estejas a proteger. Ou quem sabe se não estás a respeitar a confidencialidade das tuas conversas com essa rapariga. Em todo o caso, a tua decisão é digna de respeito.

Karen contou-me outros pormenores de que se lembrava: onde ele trabalhava, o seu nome. Reparei que agarrara no esfoliante efervescente de caroços de azeitona que tinha de ficar seis minutos sobre a pele. O tempo passara a voar.

D. Claire, agora fique caladinha durante seis minutos, até eu lhe tirar o esfoliante.

Fala tu.

Mas de quê?

Daquilo que quiseses. E deixa lá o «dona», por favor, Karen.

Durante aqueles seis minutos, Karen falou de Nixon Barros, o pai do seu filho; de Emiliano, de Rosario Trujillo e Karen Ardila, das suas contas de somar e subtrair para chegar ao fim do mês. Falou-me de *Me amo*, de Ramelli, e da importância de se estar alerta aos sinais dos anjos que nos acompanham. Naqueles seis minutos, fiquei a saber que Karen era a protagonista de uma história que começa a escrever-se na minha cabeça.

Agora faz-me uma massagem.

Agora?, perguntou Karen admirada.

Sim, respondi, pretendendo parecer casual.

Não sabia que força estranha me empurrava a permanecer ao seu lado. Não queria ir-me embora. Queria continuar ali, de olhos fechados, a sentir as mãos dela e a sua respiração.

Vou perguntar se tenho alguma marcação, caso contrário, é com todo o gosto.

Quando desligou o intercomunicador, disse-me: Posso fazer-lhe a sua

massagem. Quer umas cuecas descartáveis ou está bem com as que tem?

Estou bem assim, disse, sentindo um ligeiro desassossego. Despi-me de costas para Karen. De qualquer maneira, a cabina estava quase na penumbra. Agora as mãos dela não estavam na minha cara nem no meu pescoço. Estavam por todo o lado. As mãos dela perdiam-se nos meus tornozelos, nas plantas dos meus pés.

Quer ouvir o mar?, disse-me.

Não consegui responder. Fingi dormir. Karen pôs o som do mar na aparelhagem estéreo e voltou para tratar das minhas pernas, às quais nunca dedicara um único dos meus pensamentos e que agora pareciam conter o mundo.

Faz exercício?, perguntou.

Sorri.

Fui desportista há muitos anos, agora mal ando a pé, disse.

Percorreu-me as pernas, o abdómen, o aroma a coco invadia a cabina, as ondas rebentavam de encontro à porta que dava para uma realidade na qual não queria voltar a estar, queria ficar aqui com Karen, para sempre, com o seu perfume a flores, o seu riso de menina, a sua seriedade ao falar de qualquer coisa. Karen falava, e eu só conseguia sentir o meu corpo vivo, ritmado com o universo, vibrante. Não me lembrava de alguém me ter tocado assim alguma vez. Quis chorar. Agora Karen pedia-me para me colocar de barriga para baixo, e eu queria chorar. Virei-me. Ao ficar de costas, com a cabeça enterrada no orifício da marquesa, permiti que as lágrimas saíssem. Há quanto tempo. Há quanto tempo não tinha um contacto pele na pele. Quis abraçá-la, mas poderia interpretar-me mal. Não era isso. Não. Este desconcerto não era desejo. Nunca me acontecera. Nunca gostara de uma mulher. Era uma coisa muito diferente. Era o carinho, era a força da sua juventude, era a ternura que a sua suavidade me inspirava, era aquela simplicidade com que se movia pela cabina, a nitidez do seu perfil, não sei, não sei, mas continuei a chorar em silêncio, com uma mistura de desassossego, turbção e alegria que não sentia há muito tempo.

Apagou a luz da cabina e fechou quando já passava das oito. Voltava a ser demasiado tarde para ligar a Emiliano. As conversas com ele eram cada vez mais um ritual de domingo, e temia que com o passar do tempo ela se tornasse uma daquelas mães que um dia foram trabalhar para a capital, com quem pouco a pouco se perdia o tema de conversa em chamadas cada vez mais curtas e esporádicas. A sua ideia inicial de se instalar e mandar vir Emiliano poucos meses depois não resultara. Esses poucos meses já tinham passado. Pensou que naquele dia só tinha recebido onze mil pesos de gorjetas, havia dias em que chegava aos vinte ou mais, mas também outros em que nada recebia. Também não lhe agradava que lhe dessem notas de mil, sentia-se ofendida, pois as mesmas mãos estendiam essa quantia aos mendigos na rua.

Raramente os dias tinham uma sequência de clientes seguidas umas atrás das outras. Eram quase sempre «as gatas», como dizia Susana, que inventavam todo o tipo de boatos enquanto folheavam vezes sem conta as mesmas revistas de beleza e cor-de-rosa nas horas mortas em que não havia clientela. Então comentavam as dietas dos famosos, os acessórios desta ou daquela actriz na entrega dos prémios *TV y Novelas*, os namoricos de uma modelo local com algum empresário. Embora Karen também gostasse de ver as revistas, aborreciam-na os comentários mal-intencionados de algumas das suas colegas. Por isso preferia os dias em que mal conseguia respirar entre uma cliente e outra. As horas mortas eram aquelas em que ficava melancólica e acabava a interrogar-se para onde ia a sua vida enquanto Deisy lia às colegas a dieta do pepino.

Assim que chegasse ao quarto, iria ver quanto dinheiro tinha. Já não se lembrava se chegava ao milhão redondo, mas estava perto. Voltou a pensar em correr o risco de mandar vir Emiliano com esse dinheiro, porque não? O mais caro seria pagar a alguém que tomasse conta dele. Bem, e ter um bom

tecto, porque o sítio onde estava não era o melhor. Karen fantasiava com um bairro onde Emiliano pudesse ficar a brincar até tarde com outros garotos do quarteirão sem ter de se preocupar. Tinha de se informar melhor acerca do preço das coisas. Tinha de fazer um orçamento mais preciso. Tinha de ir em frente.

Já havia passado a hora de ponta. Não teve de esperar mais de dez minutos na estação. Assim que entrou, e apesar de não haver lugares livres, não se sentiu como sardinha em lata. De manhã a viagem era sempre uma desgraça. As pessoas roçavam umas nas outras, ensonadas, muitas vezes acabavam à luta, para já não mencionar as carteiras, telemóveis e jóias que desapareciam no meio da multidão ou os acidentes daqueles que saltavam as cancelas para não pagar bilhete, sem contar as pisadelas e nódoas negras que deixavam alguns trajectos dos serviços de transportes públicos.

Calculou que dentro de umas cinco paragens poderia sentar-se. Não falhou. À quarta, depois de passar por Héroes, Calle 76, Calle 72 e Flores, conseguiu um lugar vazio junto à janela. Encostou a cabeça ao vidro embaciado e deixou-se embalar pelo ruído do motor. De vez em quando, abria os olhos para ver onde ia. As casas daquela zona faziam-na pensar em tempos melhores. Embora Karen não soubesse, aquelas casas magníficas que via pela janela, agora convertidas em lojas de compra e venda de produtos usados, prostíbulos e mercado negro de peças sobressalentes para automóveis, tinham sido estâncias de recreio de famílias ricas há cinquenta ou sessenta anos. As pessoas moviam-se como formigas. Sobretudo nas estações, e ainda mais a esta hora, quando as suas caras e corpos desapareciam e se tornavam meras silhuetas apressadas. Pensava que a sua vida seria mais simples se pudesse viver por aquelas bandas. Acima da avenida Caracas, claro, não em cima dos lugares de *mariachis* e dos bares. Perto da estação Marly, por exemplo, onde havia um supermercado Éxito grande para comprar o material escolar a Emiliano quando chegasse a altura. Só lhe compraria comida saudável, nada de guloseimas, coisas boas, fruta, iogurte, queijo *Pera*, coisas que alimentem e o façam crescer saudável, pensou. Sentiu uma picada na nádega. Os autocarros estavam cheios de pulgas. Na Costa não havia pulgas, havia baratas, pensou. Pulgas malucas.

Agora a mãe mal lhe respondia quando Karen lhe perguntava se o menino comia bem, se era bem-comportado, se lhe controlavam as horas de televisão. «Tu, preocupa-te contigo, menina», dizia-lhe e evitava mais conversa. Tinha de ir baixar o lume ao tacho do guisado ou apanhar a roupa que lavara ou ver a novela ou ir dar banho ao tio. Sempre a mesma coisa.

Se tivesse algum dinheiro, pensou Karen, arranjava uma enfermeira para ajudar a mãe, para que não tivesse de andar sempre a limpar a caca e o mijo do tio. Além disso, o homem estava cada vez pior. De vez em quando perdia o controlo ou esquecia-se ou quem sabe o que por vezes lhe dava na ideia; «vontade de foder», dizia a mãe, mas Karen tinha dificuldade em acreditar que fosse verdade. Lembrava-se de quando o tio ainda passava o dia a contar anedotas. Entre as que mais gostava de repetir constava aquela em que tivera um papagaio-fêmea de quem gostava tanto «como se de uma filha se tratasse».

A verdade é que levava o papagaio com ele para todo o lado, nas suas voltas para ir comprar a lotaria, jogar dominó, tomar café. Era a relação mais estável e duradoura que conhecera ao tio. Pelo menos assim foi até ao dia em que alguém o atropelou.

Era uma história sem testemunhas, o que a tornava ainda mais duvidosa, mais sinistra. Ninguém vira o papagaio ser atropelado. E o mais estranho era a rua ser de terra e por ali raramente passarem automóveis. Era um bairro de motos.

O caso é que nessa noite, quando regressou do trabalho nos Correios, sentaram-se para comer. Karen não se lembra disso, pois só tinha três ou quatro anos e não devia estar sentada à mesa. Comeram, quase em silêncio, como todas as noites, com o rádio a servir de fundo. O tio gostou tanto da sopa que pediu para repetir. Ao acabar o segundo prato, perguntou à irmã: «De que é esta sopa que está tão saborosa?» E Yolanda, a mãe de Karen, sem vacilar: «Da papagaia *Sarita*.» O tio começou por se rir, mas, ao ver que ela continuava a comer, muito séria, levantou-se logo e foi à procura do papagaio por toda a casa, mas não o encontrou.

Nessa noite vomitou até ao amanhecer e, após o sucedido, passaram-se várias semanas sem que os dois irmãos se falassem. Quando Karen perguntou

à mãe porque fizera aquilo, esta respondeu-lhe: «A papagaia já estava morta, que querias que fizesse, que a deitasse para o lixo? Nem se fôssemos ricos.» Embora não se recordasse da cena, lembrava-se da pergunta que fizera e da resposta da mãe. Apesar da idade, Karen sabia que fora um acto cruel, como também sabia que provocara um dano irreversível no tio. Desde então, o homem repetia a história quase todos os dias, e pouco depois começaram as narrações de jogos, como se a cabeça não quisesse estar mais ali, naquela casa, entre aquelas mulheres. A resposta da mãe também ficou gravada em Karen porque foi a primeira vez que alguém lhe disse que não eram ricos. Antes disso não perguntara, mas nem por isso ficar a sabê-lo fora menos triste.

Yolanda Valdés não tinha outro remédio senão limpar a merda ao irmão, dar-lhe as papas e o banho como se fosse um bebé, porque não havia dinheiro para o internar num lar de terceira idade, tal como não havia para pagar a uma enfermeira, nem sequer para terem uma empregada doméstica. Na realidade, a empregada doméstica acabava por ser ela, que, em troca de casa e comida, tinha de se humilhar a tratar do irmão como uma escrava. Apesar da demência, de quando em vez o velho lembrava-se de que aquela casa era dele e de que era com o seu dinheiro que pagavam as despesas.

Karen sabia, a mãe dissera-lhe, que a maior desgraça da progenitora fora parir uma fêmea porque «os homens fazem aquilo que lhes dá na gana, ao passo que nós, mulheres, fazemos aquilo que nos calha». Karen lembra-se que tinha treze anos quando a ouviu dizer isto. Desde então, interrogava-se, perante cada mulher que conhecia, se fazia realmente aquilo que queria ou o que lhe competia. Também perguntava a si mesma se à mãe competia tratar do tio ou se este era uma cruz que escolhera carregar. Não imaginava o que faria a mãe se não tivesse tantas razões para se queixar. A mãe personificava uma forma de infelicidade, era a própria infelicidade.

Desde que Emiliano nascera, Karen sentia que a mãe gostava mais do miúdo do que dela. Talvez porque via nele a possibilidade de dar uma volta à história, de mudar as coisas. A mãe, tal como a avó, tinha a frustração de não ter um filho macho que desse a cara pelos Valdés. Mas também havia outra coisa, a mãe ficara decepcionada com ela. Primeiro, por não ter querido

aproveitar a sua beleza e, segundo, por se ter deixado engravidar por «um negro morto de fome», como descrevia Nixon. Yolanda Valdés foi avó aos trinta e seis anos e sentiu-se mais bem preparada para ser mãe do que quando teve Karen, aos dezasseis, e, sem dúvida, não se sentiu avó, ou pelo menos não o quis dar a entender.

Já estavam a passar pela Profamilia[4]. Alguém lhe dissera que era uma boa clínica, que ali médicos profissionais faziam abortos e nas melhores condições de higiene. Mas não era ilegal?, interrogou-se Karen. Sim, era ilegal, respondeu a si mesma, mas ali faziam-no, caso fosse preciso. Estaria a ficar louca? Como o tio Juan? Na melhor das hipóteses, eram as conversas que estava sempre a apanhar ao acaso, no autocarro, na paragem, na rua, na Casa. Talvez tivesse ouvido aquilo quando uma rapariga conversava com outra, talvez ao passar por ali mesmo, vá-se lá saber. Aquela zona também era bonita. As casas abaixo do cruzamento da Caracas com a 39 eram das mais bonitas que tinha visto na cidade. Havia umas de estilo inglês, com o musgo nas paredes e as janelas quadradas a deixarem adivinhar uma chaminé quente, um chocolate preparado em lume brando e até uns *marshmallow* derretidos ao calor. Claro que, tristemente, a maior parte daquelas casas já não era de família. Agora pertenciam a fundações ou a empresas. E as pessoas não viviam nelas por uma questão de segurança. Nesta cidade ninguém podia ficar parado entre a rua e a casa. Era preciso colocar obstáculos, havia que pôr limites, barreiras de protecção. Um segurança ou vários, uma rede, melhor ainda se electrificada, um cão feroz, enfim, era preciso ser-se idiota para ficar ali, como carne para canhão. Não. Já ninguém acendia uma chaminé dentro daquelas casas com janelas quadradas e musgo a subir pelas paredes, já não. E se em Cartagena tivesse existido um Profamilia e uma amiga dela lhe tivesse dito? E se ela não tivesse ficado tão ofuscada com Nixon? E se não sentisse o temor a Deus como lhe tinham inculcado? E se tivesse contado a alguém? E então tomar pílulas anticoncepcionais não era quase o mesmo que fazer um aborto? Não eram duas maneiras de evitar uma vida antes que fosse isso mesmo, uma vida? Para quê uma vida se ninguém a quer? Sentiu vergonha de si mesma por ter pensado algo de semelhante. Ninguém dá ou tira a vida, só Deus a dá e a tira, disse para si mesma

repetindo esta frase feita e centenas de vezes ouvida enquanto o gordo de barbas saía e se sentava ao seu lado uma rapariga grávida com uns dezasseis anos, no máximo, e pelo menos de sete meses. A rapariga fez o gesto de se sentar e de repente ficou suspensa no ar, com o traseiro a uns vinte centímetros de distância do banco. Karen vira toda a gente com este hábito em Bogotá. Com efeito, quem não deixasse esfriar o assento dos calores do corpo que acabava de abandonar o espaço passava por mal-educado. Suspensa no ar durante sete, dez segundos, a rapariga esperou que o calor das nádegas do barbudo desaparecesse. Susana explicara-lhe que se fazia isso para não apanhar os humores alheios.

A rapariga sentou-se. Karen olhou-a de soslaio, pois não se atreveu a fitá-la de frente. Sem um fio condutor que a levasse até ali, pensou em mim. Pensou que eu era diferente da maior parte das suas clientes. Parecia uma mulher livre, em paz com a vida. Era assim que ela queria ser quando tivesse a minha idade, disseme, dias mais tarde. Se fosse rica, teria gostado de ser uma mulher rica como eu, não como D. Rosario Trujillo. Nesse caso não teria importância ser mulher, «porque aos ricos, homem ou mulher, é-lhes indiferente. Ou não indiferente, mas quase», dissera.

A rapariguita grávida roía e mordida tanto as unhas que já quase não as tinha. O cabelo era gordura pura, e a expressão como que de medo. Karen teve vontade de falar com ela, nem que fosse para a distrair daquilo que tanto a preocupava.

Estás de quanto tempo?

Sete meses.

Para Outubro?

Sim, senhora, para o início.

E o pai, está muito contente?

Sim, senhora, estava.

Já não está?

Já não porque está morto.

Então a rapariga ficou com os olhos marejados de lágrimas. Karen também não dizia nada, mas agora, sim, olhava-a de frente, como se quisesse hipnotizá-la com o olhar ou dizer-lhe algo que não sabia o que era por

palavras. A rapariga voltou a levar os dedos à boca, e Karen, com delicadeza, mas num gesto firme, afastou-lhe a mão e pousou-a na sua perna. Deixou-a ali, quieta, com a sua mão apoiada na dela. E assim se mantiveram na paragem da rua 22, não muito longe do ponto onde começava a rua do Pecado, com as prostitutas a saírem das residências revestidas a azulejo como casas de banho enormes saturadas de cheiro a detergente misturado com sémen e urina com álcool, perto de La Piscina, com o seu letreiro de néon, onde as mulheres se despiam, dançavam e esfregavam o traseiro contra o queixo de um jovem executivo na sua despedida de solteiro, enquanto acariciavam as mamas uma contra a outra em troca de umas quantas notas sob uma luz branca e cintilante.

Para trás tinham ficado as ruas dos *mariachis* onde Karen nunca estivera, tal como nunca estivera num bar ou numa discoteca da cidade em toda a sua vida.

Aqui e ali, apareciam cada vez mais casas com vidros partidos, vendedores de droga, indigentes, travestis, prostitutas velhas, gordas, garotas, doentes. Em contrapartida, a La Piscina só ia gente com dinheiro. Karen ouvira dizer que a garrafa de uísque custava meio milhão de pesos. Assim, decerto tratavam bem as raparigas, decerto não permitiam que alguém lhes batesse ou as infectasse com alguma daquelas doenças asquerosas. As pálpebras fechavam-se com o sono, mas, como o autocarro parou, levantou a cabeça para ver onde estavam. A rapariga grávida saíra, e um homem de idade ocupava o lugar dela. Rangeram-lhe as tripas, e tentou lembrar-se do que comera ao almoço. Pensou se teria alguma coisa para comer no quarto. Tinha de ir às compras. Talvez no domingo. Agora era tarde, só queria enfiar-se na cama. Doíam-lhe as pernas, os braços, os tendões das mãos. Já só faltavam nove paragens. Quando o homem saiu, entrou uma mulher da idade dela. Era atraente e falava ao telemóvel com voz ansiosa. «Mas, mamã, é a minha menina», dizia, «é a minha menina», «é a minha menina», como se repetisse um mantra. Karen fechou os olhos. O autocarro tresandava a sujidade. Uma mistura de suor, cabelo, patchuli, comida de plástico e tabaco. Karen desejava não ouvir a sua vizinha de lugar. Teve medo. Então fechou os olhos outra vez, mas nesta oportunidade quis fazer contas. Procurou

concentrar-se. Começara a enviar à mãe cerca de trezentos mil pesos por mês, era pouco. Mas tinha de fazer melhor as contas, não era possível que famílias inteiras vivessem com o salário mínimo, e ela, a ganhar um terço mais, não conseguisse. Já Maryuri lho tinha dito mal acabara de chegar a Bogotá: «Tu és uma pobre tão má que nem sequer sabes ganhar mais uns cobres.» E o pior é que era verdade. Karen sentia que não só era má pobre como talvez fosse má para esta vida. A mãe troçava dela e dizia-lhe que ela pensava pertencer a uma família melhor. Não era isso. Era porque tinha uma melancolia colada ao corpo desde pequenina que não a largava nem por nada. Talvez tivesse herdado isso do pai. Pensava que devia ser parecida com o pai, porque com a mãe não tinha quaisquer semelhanças. Herdara da mãe um corpo nervudo, um pescoço comprido, os lábios carnudos e os olhos grandes, mas não a sua alegria, nem a gritaria, nem a cavaqueira, nem a paixão pela dança, pela aguardente ou pelo rum. A mãe costumava dizer-lhe que lhe faltava uma fervura. Como quando o arroz fica um pouco duro, ou o esparguete, algo do mesmo estilo, «talvez porque saíste da panela antes de estares bem cozida», dizia a *seño* Yolanda, «talvez tenha sido por isso que saíste seca, com alma de montanheira».

Voltou a olhar. Ainda iam apenas na paragem de Fucha, e o velho que agora estava ao seu lado cabeceava de um lado para o outro, como aqueles cães que abanam a cabeça nos táxis. Quando deixou de cabecear, pareceu sentir-se muito confortável, com a cabeça encostada no ombro de Karen. Mas quem julga ser este atrevido?, pensou, sonolenta. Respirou fundo, e pouco depois pararam na estação do Restrepo, onde havia sempre ruído e movimento. Fosse lá por aquilo que fosse, o tipo acordou, fez uma cara de idiota, esfregou os olhos e, apesar de não ter pedido desculpa, endireitou a cabeça e manteve-a firme até à paragem de Olaya. Voltou às contas. Tinha de rever quanto dinheiro havia debaixo do colchão. Estava melhor ali do que numa conta no banco. Talvez alguma colega pudesse dizer-lhe como era o esquema com as escolas e ajudá-la a procurar alguém que tomasse conta do filho. As escolas públicas não serviam para nada. Deisy tinha a filha de nove anos numa, e ela ainda não sabia ler nem escrever. Que pena, pensou Karen. Mas seria uma história muito diferente pagar um colégio privado. Nunca

conseguiria pagá-lo.

Na melhor das hipóteses, poderia mandar vir Emiliano pelo Natal. Tinham-lhe falado das iluminações do Parque Nacional. Também havia uns autocarros que faziam o percurso para ver as luzes. Teria de arranjar uma ventoinha para Emiliano, o ideal seria uma pendurada no tecto, como a branca que tinham na casa e que ela às vezes receava que lhes caísse em cima e os esmagasse a meio da noite. Karen lembra-se dessas primeiras noites em Bogotá. O frio fazia-lhe doer os ossos, mas, mesmo assim, não conseguia dormir; sentia a falta da ventoinha no tecto, do seu som embalador, do vento.

O trajecto começava a parecer-lhe interminável. Queria chegar, contar o dinheiro, apontar as contas e que já fosse o dia seguinte para começar com as somas e as subtracções; queria que fosse Natal, queria trazer Emiliano, queria sentir o calor das mãos dele, queria abraçá-lo, queria dormir abraçada ao seu bebé como nos velhos tempos, queria acordá-lo com uma *arepa* de ovo acabada de fazer e uma salsicha de vitela para tomar o pequeno-almoço com queijo fresco da costa e um bolo de milho, queria ver a cara dele ao entrar no Transmilenio, ao ver o tamanho da cidade a partir de Monserrate, onde ela ainda nem sequer fora, mas tinham-lhe dito que era uma beleza.

Olhou para o relógio, eram quase nove horas. Ter-se-ia enganado? Em vez de ter apanhado o expresso, devia ter-se metido naquele pastelão que parava em todas as estações. Por isso ia tão vazio. *Arepa* de ovo, pensou, mais com o estômago do que com a cabeça. Karen não percebia o que viam na abençoada *almojábana*. Um pão seco e insípido que deixa a língua pastosa. Um pão leitoso e tão adocicado como os *cachacos*[5], pensou. O estômago respondeu-lhe com uma contorção tão ruidosa que o rapaz que ia ao lado dela ergueu as sobrancelhas.

Quer *roscón*?

O quê?, perguntou Karen.

Tenho meio *roscón* num saco, se quiser.

Obrigada, disse, envergonhada.

O rapaz tinha sotaque *valluno*[6]. Puxou o saco de papel, abriu-o com cuidado e passou-lho. *Roscón* sempre é melhor do que *almojábana*, pensou Karen. «Sim, esta semana já consegui comprar o cinto para as calças. Ainda

não, mas um colega emprestou-me duas gravatas. Sim, senhora. Sim, claro. Não tenha pressa porque já andei a ver e com o próximo pagamento compro uma para mim e devolvo a emprestada», dizia o rapaz ao telefone. Karen estava tão atenta à conversa que quase se esquecia da sua paragem. O *roscón* tinha carne por dentro e devorara-o em duas dentadas. Pensou se Emiliano já teria provado *roscón* alguma vez na vida. Se calhar aprendeu desde miúdo a comer *almojábana* e já lhe apanhara o gosto. Seria engraçado se tivesse que lhe comprar *almojábana* para o pequeno-almoço, pensou e sorriu para si mesma.

O garoto crescia à custa de fritos, água de coco e *peto*[7]. Ai, como tinha saudades de um petisco fresco ao final da tarde. Era a bebida de cadeira de balanço por excelência. No pátio, bem fresco, em copo de plástico. Ah, e os doces de tamarindo, que a mãe sabia fazer tão saborosos.

Em sua casa só havia louça de plástico e nunca compravam guardanapos. «P’ra que serve isso?», perguntava D. Yolanda. No lava-louça havia sabão *El Rey* para tirar a gordura dos fritos após cada refeição. Karen pensou que a pele seca das suas mãos talvez se devesse a isso. Aqui, em vez de um triciclo de *peto*, despertava-a o som dos altifalantes da moto com a panela carregada de *tamales*: «Sim, há, sim, temos *tamales* de mil e de dois mil, siga, siga, sim, há *tamales*», e Karen acordava aborrecida porque podiam ser sete da manhã de domingo e já estavam com os altifalantes em volume alto no único dia em que as pessoas podiam descansar até tarde. «Sigam?», interrogava-se Karen ainda entre sonhos, «mas se era uma moto a vender. Onde é que as pessoas iam a seguir?», e tapava a cabeça com a almofada. O autocarro já travara quando Karen leu o letreiro de Santa Lucía. Desceu de um salto e sorriu para o condutor, mas este já não conseguiu ver.

Uma das vantagens de viver onde vivia era a casa ficar apenas a três quarteirões da paragem. À excepção de um ou outro candeeiro partido ou fundido, a rua estava iluminada, mas todos os cabos de electricidade estavam à mostra como as tripas escorridas de animais mortos. Durante o primeiro quarteirão, caminhou descansada e sem notar nada de estranho, mas de seguida ouviu os carros-patrolha da Policía e depois, ao dar a volta na Carrera 19, junto à pensão Brisas del Sur, deparou com um tumulto de gente. O

caminho encontrava-se cortado por uns quinze táxis, e tinham delimitado a zona à volta de um destes. Do outro lado da rua, metiam um corpo numa ambulância. Alguns curiosos espreitavam para a rua e apreciavam a cena. Os taxistas gritavam «Matem-no!», «Matem-no!» e atiravam pedras contra as janelas de uma das casas da avenida, enquanto a polícia tentava contê-los. Karen tinha reparado que em Bogotá as pessoas só se juntavam na rua quando havia um morto, um assalto, um acidente. De resto, toda a gente se mantinha fechada em casa. Em contrapartida, na Costa, as pessoas levavam cadeiras de plástico para a rua, traziam o gira-discos, punham a tocar um bom *vallenato* e ofereciam aos vizinhos uma *Costeñita* ou uma *Águila* bem fria para passarem a tarde a ouvir *vallenato* ou *bachata*.

Que se passa?, perguntou a um idoso de pijama.

Deram um tiro a um taxista para o roubar. Querem linchar o ladrão, que se escondeu naquela casa.

Quando atravessou para seguir pela Carrera 20, viu aproximar-se um blindado da Polícia antimotim. Em menos de três minutos, já estava a tentar abrir a porta, com o coração aos saltos e as mãos a tremer. As botijas de gás ecoavam-lhe nos ouvidos. Olhou para cima e pareceu-lhe ver uma luz acesa no seu apartamento. Quando voltou a olhar para baixo, para empurrar a porta, um gato preto roçou-lhe nos pés. Seguiu o gato com o olhar quando uma pressão no ombro a fez virar-se. Era um drogado de calças descaídas e cabelo em pé.

Vizinha, como está você esta noite! Mais bela do que uma estrela, disse exibindo um sorriso desdentado e um hálito a marijuana.

Karen olhou-o por um segundo, devolveu-lhe um sorriso forçado e voltou a tentar abrir a fechadura.

Mas qual é a pressa, princesa?, insistiu o rapaz, prolongando as últimas sílabas.

Nesse momento, Karen reparou que ele olhava para cima, precisamente quando a luz do quarto dela se acendia e apagava de modo intermitente.

Que se passa lá em cima?, disse. A voz tremia-lhe, e sentia-se a ficar com medo. O rapaz puxou de uma faca e apontou-lha à garganta: Nada que tenhamos de ir contar a alguém. Vossemecê comporte-se e vai ver que

ficamos todos contentes.

Karen ficou pasmada, com um nó na garganta e os olhos banhados em lágrimas. Alguém estava no seu quarto, acabava de sair ou o que quer que fosse. Reparou então na sacola que o rapaz levava ao ombro e pensou se as suas coisas iriam lá dentro. Encheu-se de coragem e entrou em casa. No primeiro andar, não se ouviam ruídos, as luzes estavam apagadas. Os donos da casa, que alugavam os outros três quartos, viviam protegidos por uma vedação de rede dupla fechada com três cadeados. *Muñeco*, o cão deles, estava no pátio. Na primeira parte da casa, vivia uma mulher com uma garota de uns dez anos. No segundo andar, onde Karen também morava, havia outro quarto com uma família composta por um polícia, a mulher deste e um bebé de colo. Karen subiu a escada o mais depressa que conseguiu e viu a fechadura arrombada, a porta aberta, a roupa espalhada pelo soalho, o espelho partido ao meio, a fotografia de Emiliano caída no chão e a Virgem Maria sem cabeça. A televisão e o rádio já ali não estavam, tal como a corrente de ouro que o tio Juan lhe oferecera quando terminara o secundário, nem a medalha do Menino Jesus. No entanto, não via estes pormenores, pois só pensava na cama, à qual se atirou com todas as ganas. De fora tudo parecia estar em ordem. O colchão estava no seu lugar, a colcha como a deixara de manhã. Se não fosse pelo espelho, pela Virgem e pela roupa, dir-se-ia que nada acontecera. A chávena de café continuava no lava-louça, cheia até meio, tal como a deixara antes de sair. As migalhas de pão na mesa da cozinha. A toalha estendida sobre a cabeceira da cama e, no entanto, ao levantar o colchão, descobriu que faltava a única coisa que não podia faltar-lhe, a única que lhe importava, que fazia diferença para ela, para a sua vida e para a do seu filho, a única que justificava viver nesta cidade.

O envelope de cartas onde guardava as poupanças dos últimos oito meses desaparecera. Karen procurou-o por todo o quarto, como se pudesse ter mudado de lugar. Procurou nas gavetas da casa de banho, no meio dos tachos, nas gavetas da mesa-de-cabeceira, no armário e até no balde do lixo. Repetiu a busca pelos mesmos lugares várias vezes, como se qualquer coisa no seu cérebro lhe desse instruções para repetir as mesmas acções quantas vezes fosse necessário, desde que não aceitasse que o dinheiro desaparecera

irremediavelmente.

Ao ouvir o telefone, Ramelli esticou a perna, e o pouco que restava na garrafa de uísque foi parar ao chão de parquê. «Vem a minha casa, meu irmão, é uma emergência com cadáver incluído», disse Diazgranados. Desligou. Ao levantar-se, Eduardo voltou a tocar na garrafa, depois tropeçou enquanto tentava calçar um sapato, ainda meio ébrio. Foi então que Lucía apareceu na sala para lhe perguntar onde ia àquelas horas da madrugada.

Um amigo está com problemas graves, precisa da minha ajuda, depois conto-te.

Pouco depois, Lucía apanharia as beatas, limparia a casa e tomaria a decisão, que ficou patente por escrito no calendário da cozinha, de não voltar a deixar alguém fumar em sua casa. Estávamos na manhã de 23 de Julho.

Encontraram-se no Carulla 24 horas da rua 63. Diazgranados vestia uma *sweat-shirt* azul-clara e óculos de sol. Eram cinco da manhã. Conversaram durante sete minutos. Ramelli teve a ideia de comprar o Tryptanol. Sabia que em grandes doses podia provocar uma paragem respiratória. A intenção era evitar a Medicina Legal. Se conseguisse um certificado de óbito credível, podiam safar-se de uma autópsia. Compraram a droga. Ramelli ficou com a tarefa de vestir Sabrina adequadamente, de a limpar e de arranjar um taxista de confiança que a levasse ao Hospital San Blas. Uma vez aí, contariam com o doutor Venegas, que lhes devia vários favores, para tratar da admissão e da certidão de óbito: «Paciente com paragem cardio-respiratória por *overdose* de tricíclicos», escreveria o doutor Venegas duas horas mais tarde. A prova: o *blister* de Tryptanol vazio no bolso do casaco de Sabrina Guzmán e o testemunho do taxista, que corroborava a tese médica como conclusão da encenação.

A certidão do Venegas vai-nos custar uns dois milhões, disse Aníbal a Ramelli enquanto empurrava um carrinho de supermercado com papaia, ananás, leite de amêndoas e uma caixa de cereais.

Temos de resolver um crime, e tu andas às compras?, perguntou-lhe Ramelli.

Mas olha para as coisas que estou a pôr no carro, não é brincadeira. Presta bem atenção. Vês um salpicão, uma embalagem de chouriço, uma pata de borrego, manteiga, feijão, vinho ou xerez?

Ramelli aproximou-se do carrinho e voltou a olhar para o colega.

Faz parte das pistas falsas, disse. Se depois fizerem perguntas ao caixa e este lhes contar aquilo que comprei, ninguém irá pensar que sou eu, disse, antes de soltar uma gargalhada.

Que idiota!, disse Ramelli sem vontade de rir.

Meu irmão, sorri, sorri e descontrai porque agora vais ter de ir limpar e vestir uma morta, disse-lhe Aníbal dando-lhe uma palmadinha nas costas.

Pareces o padrinho, respondeu-lhe Ramelli. Mentira, pareces mais o Pablo Escobar com essa *sweat-shirt* ridícula.

Quanto nos vai custar o taxista?, acrescentou Diazgranados sem sequer prestar atenção ao insulto e enquanto arrumava as compras.

Dez milhões, disse Ramelli.

Que filhos da puta!, respondeu Diazgranados. Isso é o que eles ganham em oito ou nove meses.

Lembras-te de algo melhor?

Não, mentiu Diazgranados. Teremos que ficar com esse anão debaixo de olho, acrescentou. Não nos vá pregar uma rasteira.

E onde o foste desencantar?

Está descansado, é um tipo de confiança, disse Ramelli.

Despediram-se frente às carnes frias. Apesar das suas teorias, Diazgranados não conseguiu evitar e levou uma embalagem de costeletas em promoção. Cada um foi pagar numa caixa diferente. Nem por um segundo Ramelli se interrogou como um tipo que tinha ligações com os paramilitares, que carregava com vários mortos às costas e tinha acesso aos melhores sicários o punha naquela situação. A ele, que nunca na vida cometera um crime e cujo maior delito fora lavar dinheiro sujo ao criar uma Entidade Prestadora de Serviços de Saúde para desfalcas o Estado, tudo sob a influência do seu novo melhor amigo.

Diazgranados andava ansioso. O aumento da sua paranóia era proporcional ao do seu apetite. Sendo já um homem obeso, aqueles que o conheciam viram-no engordar ainda mais nos meses anteriores. Ao pequeno-almoço comia quatro ovos, meio quilo de queijo, um jarro de sumo e três chávenas de café. Às onze da manhã, mandava a escolta levar-lhe uma *arepa* com queijo, um bolo folhado, uma empada de galinha, um pastel de carne e umas *carimañolas*. Quando Ramelli se confessou a Karen, disse-lhe que, de tudo, o que mais o impressionava era a maneira de comer de Aníbal.

Faz-me medo, disse.

E não te faz medo que seja um assassino, um criminoso?, perguntou-lhe Karen.

Não. Faz-me medo e nojo vê-lo comer assim.

Karen foi à casa de banho, assoou-se, lavou a cara com água fria e telefonou à sua colega Maryuri, onde trabalhara mal chegara a Bogotá, a pedir-lhe pousada. A mulher aceitou, mas antes avisou-a de que o espaço era pequeno. Wílmer fazia o turno da noite e regressava quase sempre do trabalho por volta das cinco da madrugada. Karen disse que não seriam mais de três ou quatro dias, e o choro cortou-lhe a voz. Meteu como pôde a roupa numa mala e, apesar de ter tentado descer sem fazer barulho, o senhorio deteve-a na escada e tapou-lhe a boca enquanto a arrastava de regresso ao quarto. Karen tentou pedir ajuda, mas uma mão peluda sufocava-lhe os gritos. Fora ele, com certeza, quem a roubara e, não contente com isso, ficaria com o depósito de quatrocentos mil pesos que lhe cobrara à chegada. Isto sem contar que agora lhe apalpava as mamas por cima da blusa, ao mesmo tempo que lhe mordida o pescoço, e Karen sentia-se uma idiota por não ter notado algo de estranho quando nessa mesma manhã vira o rapaz de calças descaídas que a interceptara à porta a falar na esquina com o senhorio.

O homem atirou-a para cima da cama e deu-lhe duas bofetadas tão fortes que lhe deixaram as bochechas vermelhas e um pequeno golpe devido a um anel de ouro com pedras incrustadas que usava na mão direita. Ao bater-lhe, destapou-lhe a boca, e Karen gritou enquanto o senhorio empurrava com raiva a verga inchada para dentro dela como que animado pelos berros.

Passara-se tudo tão depressa... Karen já não gritava, não pestanejava, não respirava, não percebia o que estava a acontecer, nem sequer se estava a acontecer realmente, até que a dor se tornou tão intensa que já não conseguiu evadir-se. Uma sensação de aperto na garganta impedia-a de voltar a gritar ou sequer de o tentar. Os olhos daquele homem tinham-lhe ficado enterrados no estômago como uma punhalada.

O senhorio parecera-lhe sempre vulgar. Além de ser pesado e de ter as unhas nojentas, cheirava a queijo rançoso. Karen confiava na sua capacidade

de perceber quando um homem a desejava. No entanto, dessa vez falhara-lhe. Até hoje, o senhorio mal se mostrara amável, quase indiferente à sua presença. Talvez não a desejasse minimamente. Só queria destruí-la. Ou talvez a única coisa que lhe interessasse fosse fodê-la ao ponto de evitar que ela o denunciasse e processasse. A violação como trâmite burocrático.

A sensação de uma presença no quarto fê-la voltar-se. Foi então que, por cima da cabeça do senhorio, Karen conseguiu ver D. Clara apoiada na ombreira da porta. Ele também deve ter sentido qualquer coisa porque se virou e viu a mulher a observar a cena com uma expressão estranha na cara: Ai, Jesus, pobre rapariga, que horror, larga-a já!

Lixaste-me, Clara, logo quando já estava a acabar!, exclamou, mal-humorado, o senhorio, deixando a descoberto o pénis meio flácido e vestindo-se à pressa.

Faça-me o favor e vá-se embora. Ouviu?, disse para Karen, como se ela tivesse a culpa daquilo que acabara de acontecer. E, minha filha, se não tiver descido dentro de dez minutos, subo eu para a vir buscar.

A mulher aproximou-se de Karen, que soluçava em posição fetal e tentava tapar-se.

Meta-se no duche e tire a vergonha de dentro de si. A vergonha suja, disse-lhe.

Karen obedeceu. Um desalento profundo invadia-lhe o corpo todo. Até pegar no sabão lhe pareceu uma tarefa difícil. Em qualquer outra situação, teria odiado a cumplicidade daquela velha com o seu marido violador, mas naquele momento só podia agradecer que alguém lhe dissesse o que devia fazer.

Vou chamar-lhe um táxi, não vá apanhar um na rua que a leve a dar o passeio milionário[8], disse. Quando se está com azar, o azar não nos larga.

Karen parara de soluçar, mas não conseguia falar. As mãos tremiam-lhe, sentia arrepios na espinha.

A cena regressar-lhe-ia à cabeça insistentemente ao longo dos anos. O aviso que rezava «Aluga-se parte de casa a mulher só» era um convite para a roubarem, humilharem e deixarem ir embora sem nada nas mãos. Karen deixara o candeeiro da mesa-de-cabeceira. A cama e a mesa não lhe

pertenciam, mas o candeeiro custara-lhe trinta mil pesos e gostava dele. Passar-se-iam vários dias até começar a sentir a presença da ira por todo o corpo. De momento era só dor, medo, fragilidade. O dia fora uma vida, entre o funeral de Sabrina Guzmán e a violação tinham-se passado apenas dez horas.

Só me contaria aquilo que se passara muito depois, quando já não era a mesma que conheci numa tarde de Abril, na Casa da Beleza. A mulher do senhorio deu ao taxista a morada que Karen apontara num pedaço de papel.

D. Clara, porquê?, foi tudo o que Karen conseguiu dizer.

Porque vive sozinha como uma mulher qualquer? Quem a manda?, respondeu-lhe e, dizendo isto, fechou a porta do táxi. Antes de dar meia-volta, acrescentou: «Mais vale não voltarmos a saber de si, para bem de todos.»

Para San Mateo, em Soacha, se faz favor.

Sim, meu amor. A mãezinha já me deu a morada. Ainda bem que já passa das onze, se não não chegávamos este ano.

Karen encostou a cabeça à janela e deixou-se embalar pelo balanço do carro. Na rádio cantava Chico Trujillo, e a cada estrofe ela sentia o estômago ficar cada vez mais revoltado:

Os teus beijos são Toda a minha vida, os teus beijos são O meu mundo inteiro Os teus beijos são (os teus beijos são) são como caramelo (caramelo!) Fazem-me chegar ao céu (ao céu) Fazem-me falar com Deus.

Senhor, pode parar um instante?

Claro que sim!, respondeu o taxista e encostou à berma.

Karen abriu a porta e vomitou no passeio. O taxista passou-lhe um pano de feltro e perguntou-lhe: Vou muito depressa, menina?

Não, não é isso, disse Karen e fechou os olhos. Podemos arrancar, por favor.

De vez em quando Karen irrompia nos meus sonhos com ferocidade. Atribuía a agitação que a sua presença causava em mim apenas à sua juventude. À sua beleza. Não queria ou não conseguia suportar a ideia de algo mais, de algo como o desejo, o apetite carnal. Talvez porque não tenho a certeza de ter sentido algo de semelhante, talvez também porque, mesmo que o tivesse sentido, não teria sabido reconhecê-lo, treinada, como estive desde sempre, para amar homens. Agora também não sei se Karen, essa espécie de negra de cabelo liso com nariz de branca, essa rapariga desprevenida, tão natural a ponto de se tornar quase agressiva num mundo onde já nem as flores crescem na terra, era realmente o motivo da minha agitação e daquilo a que podemos chamar o meu desejo. Não sei se o posso explicar pelo facto de estar a envelhecer. No fim, envelhecemos sempre, desde o dia em que somos atirados para este mundo, e no entanto levamos tanto tempo a termos consciência disso. Não vemos nada. Não nos vamos vendo a desaparecer; tal como a beleza não olha, só é olhada.

Ao entrar na Casa, senti o meu cabelo a cheirar a ar envenenado e decidi pintá-lo.

Borgonha, disse a Nubia.

Pouco a pouco ia-me habituando às recordações que me assaltavam de repente, nítidas, vorazes, indiferentes à minha história recente, de nostalgia implacável. A minha mãe a pôr-me pó de talco no toucador da casa nas ilhas, um amante beijando-me na praia sob a lua-cheia, eu sentada nas pernas do meu pai, a cheirar a loção *Jean-Marie Farina* no seu queixo afilado recém-barbeado, o nascimento de Aline, o seu primeiro dia de escola, o meu corpo nu após um dia de amor incansável, o meu corpo que já não é aquilo que foi, aquele corpo que era eu e já não sou, aquele corpo que me deixou perdida, órfã de mim mesma, embora sã, diria Lucía, que tem aquela invejável capacidade de ver sempre lado bom. Apesar de sã, não posso dizer que me

sinto doente ou, pelo menos, ausente, ida, abandonada, substituída por outra que não conheço nem quero conhecer, na minha constante nostalgia da ausente. Para onde foste? Tento, mas estas ideias de quem sofre, de quem se deixa tomar pela saudade, abandonam-me mal ouço a água a escorrer e abandono-me às mãos de Nubia na minha cabeça.

As portas da Casa da Beleza recebem-me, e lá dentro há aquele silêncio que se dilui numa mistura de perfumes caros, água de rosas, óleos e champô. Quero ficar aqui, digo para mim mesma, ao mesmo tempo que volto a inventar uma desculpa qualquer para uma nova massagem, para outra depilação, apesar de os pêlos ainda não terem crescido o suficiente, outra cor de cabelo, isso, outra cor de cabelo, e abandonar-me nos braços de Nubia, que me aplica o champô com delicadeza, quase com carinho, que me acaricia o couro cabeludo enquanto invento uma memória na qual a minha mãe me lava a cabeça com um champô de camomila e trauteia uma canção em francês.

Tornou-se uma das nossas melhores clientes, diz-me Annie, com aquela sua boca de cereja que me parece cada vez mais voluptuosa, tentadora.

Sorri. Usa pestanas postiças, digo para mim própria, e agora acho encantador aquilo que há uns meses me parecia vulgar nela. Provocador. Retribuo-lhe o sorriso. Já não quero abandonar esta terra de mulheres de modos refinados. Quero ficar aqui para sempre.

Gostaria de conhecer o nosso passaporte?, diz com a sua voz suave, ao mesmo tempo que as suas mãos graciosas se agitam pelo ar com finura.

Um passaporte?

Oferecemo-lo às nossas melhores clientes. Inclui serviços para a pele, corpo, cabelo, tratamentos de limpeza, rejuvenescimento, relaxamento, hidratação, entre outros. Tendo em conta que vem aqui entre uma a três vezes por semana, poderia ser-lhe de grande proveito. Para mulheres como a senhora, a Casa da Beleza é um lar, e, por isso, queremos que se sinta como se estivesse em casa. Está interessado em levar o pacote?

Fazia três semanas que a filha fora enterrada quando acordou com suores frios. No sonho, Sabrina chorava, desconsolada, com o corpo coberto de feridas.

Quando recuperou o ritmo regular da sua respiração, Consuelo Paredes ligou ao ex-marido. Nem se importou que fossem três da manhã. Do outro lado, o telemóvel de Jorge Guzmán tocou sem resposta até disparar o atendedor de chamadas. Desde a morte da filha que o homem não ligava a nada. A sua segunda mulher, com quem tinha uma filha de cinco anos, já fora compreensiva durante quase um mês, mas agora estava furiosa. Desde a morte de Sabrina que o marido descuidara a empresa e mal lhes dirigia a palavra, a ela e à filha.

Quando o telefone começou a tocar pela segunda vez, foi ela quem acordou. Jorge roncava estrondosamente, vestido e calçado. Ela adormecera antes de o sentir chegar, por volta da meia-noite: Querido, o teu telemóvel, disse-lhe, empurrando-o.

Impaciente, tapou-lhe o nariz com o indicador e o polegar. De seguida, Jorge abriu os olhos e endireitou-se na cama. A mulher passou-lhe o telemóvel.

Jorge, és tu?

Que aconteceu? Que horas são?

Do outro lado, Consuelo voltara a chorar.

É a Sabrina. Tive um sonho. A menina chorava, estava cheia de golpes, Jorge, e chorava.

Um sonho? Não vês que está morta?, disse Jorge num tom de voz alémtúmulo.

Promete-me uma coisa, só uma, respondeu Consuelo entre soluços.

O quê?

Quero que amanhã vás comigo ao Ministério Público. Achas mesmo que

a miúda se ia suicidar? Nem sequer lhe fizeram uma autópsia, como poderiam sabê-lo... Para onde a levaram? Onde esteve naquela noite? Quero saber a verdade.

O que dizia a Sabrina?, perguntou Jorge.

Quando?

Ora, no sonho, Consuelo, onde mais poderia ser.

Dizia «eu não queria morrer, mamã, não queria, desculpa-me por ter ido, desculpa-me...».

E conseguiste falar com a esteticista?

Sim. Não me disse nada, mas deve saber qualquer coisa. Bom, sim, perguntou-me porque não lhe tínhamos feito uma autópsia.

Após um longo silêncio, Jorge falou:

Vou ter contigo às oito.

Há aprendizagens que vêm nos manuais. Contudo, quando se tem pouca prática e pouco ou nada se contactou com casos reais, estes podem morder-nos, e nós nem os vemos. Ou não os queremos ver. Agora tenho a certeza de que Karen não voltou a ser a mesma depois daquela noite em que saiu com a sua vida guardada numa mala, num táxi que a levaria de Santa Lucía a San Mateo.

Dois minutos ou menos chegam para mudar tudo. Devia ter imaginado. No nosso encontro seguinte, depois do casamento da filha do ministro, achei-a ausente, distraída, passou-me o óleo duas vezes e depois abria e fechava a porta da cabina, ligava e desligava o intercomunicador. Por um momento, cheguei a acreditar que o fazia de propósito, para me fazer rir, qualquer coisa como um numerozinho *chaplinesco*, mas logo de seguida reparei nas suas olheiras, na opacidade do seu olhar, na sua magreza.

Andas a comer bem?, perguntei-lhe.

Mais ou menos, disse.

Agora exibia um sorriso estático, como de troça, um sorriso que não se harmonizava com a expressão da cara e muito menos com o que quer que fosse que estivesse a pensar.

E tens dormido bem?

Que importa, D. Claire?, respondeu.

Senti que ficara irritada. Depois reparei que usava uma maquilhagem mais acentuada. Desta vez pintara os lábios cor de cereja, como os da recepcionista. Marcara bastante os olhos com o lápis, pusera *blush* e rímel nas pestanas.

Anda a passar-se qualquer coisa de estranho comigo, disse.

E nesse momento reparei num golpe no braço dela, como aquelas feridas que alguns pacientes auto-infligem após acontecimentos traumáticos.

O que se passa, Karen?

Esqueça... o que faz uma mulher da minha idade a viver sozinha, é só para arranjar problemas...

De que estás a falar, mulher?

De uma situação que tive com o senhorio da casa onde vivia, o senhor obrigou-me, mas eu também não devia usar roupas tão justas, disse e calouse. Além disso, uma mulher não deve viver sozinha, como se fosse uma qualquer, acrescentou, como quem repete uma lição.

Não sei o que se passou, Karen, mas, seja lá o que for, não podes atirar as culpas todas para cima de ti, respondi-lhe.

Fico com um nó na garganta, D. Claire. Fico com taquicardia... umas vezes é assim como se ficasse descontrolada e outras vezes parece que alguém me tira o fôlego...

Posso receitar-te um ansiolítico. Mas, diz-me uma coisa, aconteceu algo de grave?

Não preciso de uma médica de doidos, disse Karen.

E de uma amiga?

Nós não somos amigas, disse. Não devia ter falado nisto. Faço-lhe a conta?

Agarrei-lhe numa mão e senti a sua pele ressequida. Virei-a e observei-lhe a palma da mão.

Agora vai começar a inspeccionar-me para ver se estou limpa, como a D. Josefina?, disse, afastando-se.

Não é nada disso! É que estás com a pele muito seca.

Tenho de andar sempre a tomar banho. A sujidade não me sai do corpo.

Karen, vais precisar de ajuda.

Com todo o respeito que tenho por si, D. Claire, a única coisa de que preciso é de mandar vir o Emiliano de Cartagena. Tenho de seguir em frente com a minha vida.

Acho bem, julgo que tens razão, disse.

Diz isso porque não sabe aquilo que se está a passar.

Não sei porque não me contaste. Mas confio em ti. Acho que és uma mulher às direitas e que saberás fazer aquilo que está certo.

Está a falar comigo como se eu fosse uma atrasada, disse Karen num tom

brusco. Só porque você é doutora isso não quer dizer que eu seja estúpida.

Desconhecia por completo a hostilidade dela. Era como se qualquer coisa ou alguém tivesse sequestrado a verdadeira Karen e deixado esta no seu lugar.

As coisas nunca mais voltarão a ser iguais, disse. Depois soluçou, mas conteve-se. Se eu pudesse ficar só a dormir, acrescentou.

Posso dar-te um medicamento para dormir.

Karen não respondeu, mas ficou a olhar para mim como se aguardasse o meu próximo movimento. Procurei na mala e passei-lhe uma embalagem de Zolpidem que uma delegada de propaganda médica me deixara.

É um hipnótico. Toma um comprimido todas as noites.

Karen guardou a embalagem no bolso da bata e saiu para ir fazer a minha conta.

Já lá em baixo, na recepção, enquanto pagava, Karen aproximou-se e perguntou-me: Aquelas imagens estão sempre a aparecer-me na cabeça... O comprimido consegue apagá-las?

Acho que precisas de terapia.

Não tenho tempo, nem dinheiro.

Posso ajudar-te, insisti.

Só quero apagar aquele filme da minha cabeça.

E o que se passa? O que acontece no filme?

Karen calou-se. O seu olhar opaco voltou a perder-se no infinito.

Talvez com a ajuda de Deus, disse e voltou a calar-se.

Já sabes que podes contar comigo, disse-lhe.

Paguei a conta e saí.

Semanas mais tarde, as peças do *puzzle* começariam a ganhar forma. Estava provado que as mulheres vítimas de abuso sexual costumam ficar hiper-alerta perante qualquer estímulo que lhes evoque o sucedido, com comportamentos evasivos, na defensiva ou com os sentidos entorpecidos, anestesiadas emocionalmente, sem motivação e muitas vezes com pensamentos suicidas. Para Karen, a ideia de regressar a casa sozinha e no meio da escuridão provocava-lhe uma sensação de terror, razão pela qual preferia ter companhia à noite, passá-la na rua ou nos braços de quem quer

que fosse, desde que não a enfrentasse sozinha.

Não era apenas o facto de Luis Armando tresandar a álcool. Era o quarto na penumbra, a cocaína espalhada pela mesa, o som gutural que fazia a cada segundo como se tentasse engolir um sapo, a fúria com que sacudia a cabeça, a insistência com que passava a língua pelos lábios, vezes sem conta, o rumor seco da sua mordida, a torpeza com que escarafunchava o nariz até o deixar vermelho, até o fazer sangrar sem parar de sorrir.

Recebeu-a com um beijo brusco que lhe fez sangrar a boca. Sabrina quis dizer-lhe, quis dizer-lhe que a magoara e que não gostava disso, mas nessa altura lembrou-se do que a mãe lhe dizia: «Se não tens nada de bom para dizer, o melhor é ficares calada», por isso preferiu ficar calada e deixá-lo fazer, deixar que lhe servisse um copo de uísque e a obrigasse a bebê-lo, deixá-lo fazer uma linha de cocaína e passar-lha pelas gengivas, metendo-lhe desavergonhadamente os dedos na boca, deixar que lhe arrancasse a blusa branca de colegial, deixá-lo bisbilhotar a sacola que levava consigo à procura sabe-se lá do quê e espalhar a sua roupa pela sala.

Agora Sabrina pensava que fora um erro ter ido ali, mas o tempo para pensar já passara. Tinha a cabeça adormecida, e o corpo mal lhe obedecia. Sentia-se fraca, estava com medo, mas, apesar disso, o seu costume de obedecer, de agradar, de nunca contrariar impedia-a de se mexer, isso ou o medo, isso ou a dor, a tristeza, o que quer que fosse, mantinham-na como uma estátua no meio da penumbra, estática, excepto o coração, prestes a rebentar. O homem diante dela era um príncipe encantado, fora isto mesmo que dissera a si própria, compusera a personalidade dele a seu bel-prazer a partir de dois ou três encontros e de uns quantos telefonemas. Era o filho de um congressista, dissera-lhe que a amava, não ia sair dali a correr como uma garota só porque agora sangrava do lábio, só porque havia alguma coca em cima da mesa; era uma ingénua, imaginara música romântica como fundo, uma garrafa de champanhe e uns balões ou umas rosas, ou ambas as coisas,

na cama e a flutuarem pelo quarto, que teria um aroma a tudo menos a bebedeira, mas a mãe já a avisara, «o casamento é uma cruz» e não é fácil, dizia, não é simples, o amor não era simples, o que pensava ela, que era tudo Disney, que era tudo rosas e corações? Não, só porque ele não a acariciara na cara como fizera de outras vezes, só porque ele estava um bocado bêbado, não ia agora sair dali a correr como uma menina que já não era nem voltaria a ser.

Na autópsia realizada a Sabrina Guzmán Paredes detecta-se uma dose elevada de cocaína no corpo, algo que daria para lhe diagnosticar uma morte por *overdose*. Observam-se pequenas hemorragias (petéquias) na conjuntiva do olho. Vêm-se aparentes hematomas intramusculares no pescoço e petéquias no tórax, segundo os peritos, sinais frequentes de uma morte por asfixia, que não chegam a ser conclusivos devido ao estado de decomposição do cadáver.

Por seu turno, no relatório toxicológico consta que no corpo de Sabrina Guzmán Paredes foi encontrada cocaína na quantidade de 2 partes por milhão, assim como benzoilecgonina. Explica-se que as doses são muito elevadas, pois no corpo de um consumidor habitual os níveis costumam ser de 0,1 a 0,5 partes por milhão e, acima de 1, podem ocorrer convulsões, entre outros efeitos.

Embora o relatório aponte como causa provável da morte a paragem respiratória provocada por intoxicação com cocaína, a possibilidade de o óbito se ter ficado a dever a um quadro de violência física continua em aberto.

No entanto, como já se passaram mais de dez dias e se trata de um corpo exumado, não é possível estabelecer a causa das contusões e petéquias presentes no corpo. Portanto, não se pode concluir se se tratou de uma violação ou de uma relação sexual consentida, como também não é possível estabelecer se houve um quadro de violência física ou se a causa das contusões observadas foi um acidente. Encontram-se vestígios de sémen no corpo da vítima.

Por último, a conclusão do Instituto de Medicina Legal descarta a possibilidade de Sabrina Guzmán Paredes ter sido uma consumidora habitual de cocaína, pois não se encontraram indícios do seu consumo. Não há resíduos de amitriptilina no corpo que validem o uso de Tryptanol como

causa da morte.

Devido ao estado do cadáver, não é possível determinar se existiam escoriações na epiderme.

A conclusão do patologista é que a determinação da causa de morte fica à responsabilidade das autoridades competentes logo que seja possível esclarecer os restantes elementos de prova que surjam ao longo da investigação. O caso passa para as mãos do Ministério Público. Assinado aos três dias do mês de Agosto.

A Igreja de Santo Agostinho é das poucas relíquias do século XVII que permanece de pé na capital. Desci dois quarteirões antes devido ao desfile de camionetas, guarda-costas e polícia. Devia ser a única dos setecentos convidados que viera de táxi.

Quis fugir, mas já era demasiado tarde. Atraíram-me os cantos gregorianos provenientes da igreja. Estuguei o passo e desviei o olhar ao deparar com a perna coberta de chagas de um indigente com um tumor ulcerado no estômago. O seguinte foi mais difícil de evitar por ter dado de caras com ele. Era um velho urinado e choroso com a mão estendida na minha direcção. Confesso que foi então que vasculhei na memória qual fora a última vez que estivera no centro e não consegui encontrá-la.

O convite não dizia que a boda católica decorreria segundo o rito religioso que remonta ao Concílio Ecuménico de Trento, quando o latim era a língua oficial da missa. Instalei-me onde pude, mesmo a tempo de ver entrar a noiva pelo braço do senhor ministro, com um vestido majestoso de pedraria sobre um branco extenso que se prolongava pela passarela vermelha do corredor escuro até ao altar celestial. Era tudo magnífico e, no entanto, era impossível não nos sentirmos intimidados pelo aroma dos jasmims, dos lírios e crisântemos e pela delicadeza das orquídeas sob a luz de milhares de velas brancas, ao mesmo tempo que começava a tocar a *Suite n.º 2* de Haendel.

Para que o rito pudesse ser feito em latim, com o sacerdote de costas para os fiéis, tiveram de pedir uma autorização especial à Conferência Episcopal da Colômbia. Ficaria a saber disto no dia seguinte, ao abrir o jornal e encontrar as fotografias do casamento, com uma crónica bastante pormenorizada daquilo que se passara na noite anterior. No entanto, não precisava de ter lido o diário para compreender que uma cerimónia de duas horas com o oficiante a olhar para o santíssimo no altar é um gesto próprio de um jurista que se declara crente na Virgem, que dedica todos os seus esforços

a abolir o aborto em qualquer dos seus casos e que se opõe à homossexualidade como se se tratasse de uma heresia. Também leria no dia seguinte que os ornamentos e cálices do século XVII foram emprestados pelo próprio bispo como expressão de apreço pelos noivos.

Para onde quer que olhasse havia um ministro, um juiz, um congressista. No meio deste exagero de poder, procurei alguma cara conhecida. Não vi ninguém.

Fiquei crispada quando o cardeal leu uma mensagem pessoal do papa para os noivos. E, quando criticou o casamento homossexual diante de todo o poder político de uma nação que se declara laica, senti-me contrariada.

Ouvi o sacerdote dizer «os pérfidos judeus», pouco antes de se ouvir a *Missa da Coroação* de Mozart. Mas Mozart não era protestante?, pensei. Fechei os olhos e inspirei o aroma dos jasmíns. Não queria estar ali. Se ouvia, sentia-me perturbada, mas, se conseguia isolar o conteúdo e me limitava a apreciar o cenário, a sentir a música, o cheiro das flores, a majestosidade da igreja, a beleza dos candelabros, então sentia-me invadida por uma placidez alegre e superficial.

Tinha as mãos suadas, o coração palpitava mais depressa e sentia um abatimento que já nem o *Ave-Maria* de Schubert nem o *Gloria in Excelsis* conseguiam aliviar.

O Deus em que não acredito deve ter tido pena de mim, pois, contra todos os meus receios, a missa chegou ao fim sem que alguém acabasse lesionado. A noiva saía em longo desfile enquanto lhe atiravam pétalas de rosas desde as primeiras filas. Teria de esperar que os outros saíssem para poder sair. Entre o tumulto, vi a cara de Lucía Estrada, e foi como se um náufrago tivesse encontrado um tronco que o levaria até à margem. Abri caminho por entre a multidão para chegar até ela e apanhei-a, agarrando-a por um braço, já à porta da igreja: Lucía!

Claire, minha querida!, disse ao virar-se com um sorriso. Esperava tudo menos encontrar-te aqui.

Eu sei, o mesmo digo eu. Não é horrível?, disse Lucía.

Pensei que ia morrer, disse.

Sobrevivemos, acrescentou.

Ramelli estava mais à frente, acompanhado por Aníbal Diazgranados, pela mulher e por um dos filhos. Fez um gesto com a mão para Lucía se apressar.

Vens connosco?, perguntou Lucía.

Não sei, não estou muito animada para ir à festa.

Então deixamos-te no caminho. Estás sem carro?

Sim, isso seria fabuloso, não me agrada a ideia de ficar aqui parada no meio da rua a estas horas. Tens a certeza de que há lugar para mim?, perguntei ao ver Ramelli e os Diazgranados entrarem.

Há espaço que chega e sobra, insistiu Lucía.

Está bem.

Decidi que depois de tanto esforço o mais lógico seria ir à recepção e pelo menos cumprimentar os pais da noiva no beija-mão. Na carrinha da frente seguiam o motorista de Diazgranados, a mulher deste, o filho e Lucía.

Se não te importas, vai na de trás, disse Lucía.

Não pude evitar deitar uma vista de olhos ao interior. Queria ver a cara do filho de um dos políticos mais controversos e poderosos do país. Sorri, e o rapaz retribuiu-me o sorriso. Ao contrário do pai, tinha traços finos, queixo quadrado e pernas compridas.

Quis saber o nome dele, mas pareceu-me atrevido perguntar precisamente naquele momento, quando lá atrás me esperavam para poder arrancar. Apressei-me a entrar na segunda carrinha, com Eduardo ao lado do condutor. Atrás, junto a mim, seguia Aníbal Diazgranados, de quem nunca estivera tão perto. O rosto dele era-me familiar por o ter visto nas notícias, mas não sentira a proximidade do seu hálito pesado, nem o seu olhar lascivo para o meu decote.

Ramelli, meu irmão, deixa de ser ordinário, diz-me quem é esta voluptuosa estrela outonal.

Ramelli virou-se e viu-me muito encostada à janela a olhar, absorta, para a rua, enquanto Aníbal me devorava com os olhos. Pareceu-me ver um sorriso irónico no seu rosto.

Congressista, apresento-lhe Claire Dalvard, conceituada psicanalista da Sorbonne.

Meerdaaaa, nem posso acreditar, caríssima doutora!

Claire, muito prazer, disse-lhe, estendi a mão em jeito de cumprimento e observei, com desagrado, que a agarrava entre as dele e beijava com demasiado afecto.

Claro, já ouvi falar de si.

Tudo o que te tenham dito é mentira, disse Aníbal, e diz-me uma coisa, minha linda, quanto custa uma hora contigo?

Se quiser, dou-lhe o telefone do meu consultório, devo ter para aqui um cartão.

Põe um *vallenato* que isto aqui parece um velório, disse para o motorista ao mesmo tempo que guardava o cartão no bolso.

Com todo o gosto, doutor.

*Que te perdone yo, que te perdone como si yo fuera el santo cachón mira
mi cara ve yo soy un hombre y no hay que andar repartiendo perdón*

O meu filho Luisinho adora esta canção, disse Diazgranados gritando o refrão.

Quando passámos pelo cruzamento da Cem com a Sétima, atravessou-se sobre as minhas pernas para ir buscar uma garrafa de prata que estava debaixo do assento do pendura.

Bebe um gole, meu irmão, disse para Ramelli, que aceitou, obediente.

Doutora?

Não, obrigada. Posso perguntar-lhe uma coisa?

Claro que sim, doutora, disse Diazgranados.

Tem um filho que trabalha numa petrolífera?

É isso mesmo. Como sabe?

Pela minha filha Aline, menti.

Voltei a espreitar pela janela. Já estávamos a chegar.

Compadre, vamos finalmente a Sincelejo na segunda-feira?, perguntou Aníbal a Ramelli como se não tivesse dado importância à pergunta.

Sim, sim, vou contigo, respondeu Ramelli.

Aquele que está a ver, o mestre, além de sábio, também se tornou um bom negociante.

Ah, sim?

Conta à Claire os negócios que tens na saúde, disse Aníbal dando outro gole.

Via-se que Ramelli estava contrariado.

Sim, bem, estamos sobretudo na Costa, sabes? Não temos muita presença em Bogotá.

Mas em que área da saúde operam?, perguntei.

Bom, temos licença no Hospital San Blas.

Não sei como tens tempo para fazer tanta coisa, respondi, evasiva.

Nem eu, contrapôs Ramelli, enquanto Aníbal cantarolava uma canção de Jorge Oñate.

Parece que, agora sim, estamos a chegar. Vai dar-me os parabéns?, perguntou Diazgranados.

É hoje?

Claro que sim, hoje, 14 de Agosto. Sou Leão. O signo do poder. Além disso, sou muito apaixonado, acrescentou em tom mais baixo.

Não acredito nessas coisas, disse.

Abri a mala para me ver no espelho do estojo de maquilhagem e retocar os lábios.

Assim estás divina, exclamou Aníbal, que começava a enervar-me.

O homem agitava a garrafa na boca como se quisesse espremer as últimas gotas de uísque, mas sem sucesso. Entretanto, o cortejo de carrinhas e escoltas à entrada do Country Club começava a impedir o trânsito. Não via a hora de fugir dali. Talvez pudesse beber um copo com Lucía, pensei ingenuamente, sem prever quanto faltava para chegar ao salão onde teria lugar a recepção.

A última gota?, perguntou Diazgranados, Cruz Salud convida. Não é verdade, Ramelli?, acrescentou com uma gargalhada estridente.

Quem havia de dizer que a saúde era um bom negócio, não é?, disse eu com sarcasmo.

Ai, doutora, por favor, não me diga que ainda não tinha percebido, respondeu Diazgranados.

Assim que pude, saí, quase saltei da carrinha. Uma passadeira azul,

coberta por um toldo branco, simulava um túnel através do qual os convidados faziam o percurso desde o *valet parking*.

Como se fosse algo excepcional, a noite estava limpa e a lua cheia. Vários fotógrafos seguiam os recém-chegados e disparavam as câmaras. Para os ^{VIP} havia um estrado com iluminação profissional onde lhes era pedido que posassem para «o álbum dos noivos». Encostada ao toldo e tentando não ser vista, avancei o mais que pude para escapar aos fotógrafos. O ministro e a mulher estavam rodeados por um pequeno grupo.

Querida Claire, muito obrigada por ter vindo!, disse a mulher do ministro. Abraçámo-nos entre *flashes* e olhares.

Está tudo tão bonito.

Obrigada, sim, a nossa menina é muito religiosa, queríamos dar-lhe esse prazer.

O senhor ministro aproximou-se para me cumprimentar.

Então é a famosa Claire.

Famoso é o senhor ministro.

Andámos à procura de espaço para remarcar a consulta, mas não conseguimos, disse ele.

Admirou-me o plural.

Irão os dois?, perguntei. Não costumo fazer terapia de casal.

Verá, minha senhora, que as preocupações da minha mulher também são as minhas, por isso, se ela quer falar com uma terapeuta, não posso senão apoiá-la acompanhando-a.

Virei-me para ver a minha antiga colega das Beneditinas, que sorria com um olhar opaco.

Reparei no crucifixo de ouro com incrustações de diamante que lhe pendia do pescoço e dei dois passos para um lado para permitir que aqueles que vinham atrás pudessem cumprimentar. Quis despedir-me de Lucía, mas já a perdera no meio das pessoas. Dei meia-volta e caminhei até à entrada do Club, onde me arranjaram um motorista que me levaria de regresso a casa. Já estava de saída quando deparei com a mulher de Diazgranados.

Conhecemo-nos?, disse-lhe.

Sim, respondeu. Da Casa da Beleza, costumo lá ir. Se não me engano,

somos atendidas pela mesma rapariga.

Pela Karen?, perguntei.

Claro que sim, respondeu Rosario Trujillo antes de pedir licença para se afastar e ficar a três passos de distância do marido.

Já passava da três da manhã. O recinto estava quase vazio. Restavam apenas alguns bêbados, uma modelo a brincar com o microfone no cenário, a banda de Jorge Celedón a arrumar os instrumentos e Diazgranados a escorripichar os restos dos copos que ainda estavam na mesa. Claire nem sequer pusera os pés na recepção, e Lucía saíra não se sabe quando nem com quem.

Nessa noite, Eduardo sentia-se sozinho. Parecia-lhe que todos à sua volta tinham o amor da sua vida como par de dança, precisamente quando ele começava a aceitar que Lucía deixara de o amar. Não queria voltar para casa sozinho, sintonizar um canal porno e masturbar-se até ficar com sono. Decidiu ligar a Gloria, mas esta não atendeu. Era preciso fazer marcação antecipada, sobretudo se fosse ao fim-de-semana. Então lembrou-se de que ela lhe deixara o número da agência. Procurou o cartão na carteira e ligou. Pegou no saco com a roupa e saiu à procura da sua carrinha.

Antes de sair, Karen vestira roupa interior de renda preta, uma blusa de cetim sem mangas e sapatos de salto alto.

Maquilhou-se com o batom cereja e pintou os olhos com um preto intenso. Foi a própria Susana quem lhe escolheu a roupa e lhe deu algumas recomendações para o seu primeiro encontro como *escort service*. Acontecera tudo de modo inesperado. Susana respondeu às suas perguntas e propôs-lhe que comesse por fazer um teste com dois clientes para ver como se sentia. Em troca, Karen dar-lhe-ia uma comissão. Se se sentisse à vontade, Susana apresentá-la-ia formalmente à agência de maneira a entrar para o catálogo. Se tudo corresse bem, poderiam arranjar um *pull* de clientes e, mais tarde, tornarem-se independentes. Os números eram tentadores. Além disso, explicou-lhe a amiga, fazer aquilo durante uns dois anos e ir poupando seria suficiente para comprar uma casa. Ao fim e ao cabo, não se perdia nada em experimentar. A agência ligou a Susana para lhe dizer que havia um cliente à

procura de Gloria. Como não estava disponível, podiam mandar outra rapariga. Era a situação perfeita. Com dois, no máximo três clientes, poderia recuperar o dinheiro que poupava em oito meses.

Os edifícios de New Hope são mais largos do que altos. Ora, talvez por este efeito e por se erguerem numa meia-lua tendo no centro um prado e pequenas pedras cinzentas por onde passa um ribeiro, tão artificial como a relva sintética, como o azul dos vidros e como o som de uma cascata a cair no meio do falso prado que simula um campo de golfe, qualquer pessoa que passe pela avenida Circunvalar ficará atónita ao ver esta construção extraterrestre numa paisagem verde, onde os edifícios se erguem em tijolo vermelho, a cor característica de Bogotá. Karen achou-a lindíssima.

Diz-me o seu nome?, perguntou-lhe o porteiro.

Pocahontas.

Pocahontas quê?

Pocahontas, simplesmente.

O porteiro dirigiu-lhe um olhar incrédulo. Tinha um microfone sem fios e um uniforme azul-real que o tornavam diferente de qualquer porteiro que tivesse visto antes.

Peço desculpa, minha senhora, mas preciso de ver o seu documento de identificação. São as regras da administração.

Karen corou. Sentia-se uma idiota. Pocahontas, disse para si própria enquanto abria a carteira e lhe entregou o documento de identificação. O homem fitou-a, observou o documento e anotou a informação num caderno, assim como a hora de chegada.

Seguindo as indicações, passou por um jardim japonês iluminado por uma ténue luz azulada. Descalçou os sapatos de salto alto para fazer o menor barulho possível ao caminhar pelo estrado de madeira que atravessava o jardim de uma torre até à outra. À entrada, aguardava-a uma ampla recepção com móveis enormes e esculturas de mármore. Agora foi a vez de uma mulher de uniforme escuro lhe pedir novamente o documento de identificação e voltar a apontar a hora de entrada na torre antes de comunicar através de um monitor digital para pedir que chamassem o elevador. Tinha sido tão estúpido dizer Pocahontas, tão infantil. Karen não parava de se

censurar. Se detectassem alguma irregularidade, poderiam informar a agência.

Sentindo-se como uma barata, entrou no elevador do meio e fechou os olhos. Voltou a abri-los e viu o jardim japonês; mais abaixo, a cidade. Estava nervosa e tentava controlar as mãos, que lhe tremiam. O elevador parou, as portas abriram-se, e, do outro lado, encontrou Eduardo Ramelli. Vestia um roupão de turco branco. Estava descalço. Dirigiu-lhe um sorriso caloroso e, por um segundo, Karen teve menos medo. De qualquer maneira, sentia-se surpreendida. Por um lado, decepcionada, ao saber que o mestre contratava este tipo de serviços; por outro, aliviada com o cliente, pois supunha que ele não lhe faria mal. Tentou sorrir enquanto entrava no apartamento e esforçou-se por aparentar naturalidade.

Aceita uma bebida?, perguntou ele enquanto lhe despia o casaco.

Sim, obrigada, disse ela e notou que não a reconhecera.

Ramelli serviu-lhe uma bebida cor de madeira num copo largo que ela bebeu em grandes goles.

Observava-a meio curioso, meio divertido.

És nova no ofício?

Sim, senhor, disse, pousando o copo vazio na mesa.

Deixa lá o senhor. Já nos vimos antes?

Não creio, mentiu Karen.

Recebera-a numa sala de sofás brancos. Karen não queria sentar-se com medo de os sujar. De qualquer modo, Eduardo não lhe pediu que se sentasse. Pediu-lhe, sim, que tomasse um duche antes de irem para a cama e entregou-lhe um sabonete antibacteriano por abrir. Depois mostrou-lhe um roupão e uns chinelos de pano descartáveis que poderia usar ao sair do duche.

Era tudo branco naquele quarto. A cama *king size* ficava de frente para a lareira de mármore encastrada na parede. A ocidente, a vista sobre Bogotá invadia o quarto a partir de uma janela que ia do tecto ao chão.

O conhaque começava a fazer efeito. Tinha a cabeça às voltas e sentia-se ligeiramente anestesiada. No princípio foi ele quem tomou a iniciativa de lhe tocar, mas depois foi a vez dela. É verdade que de início sentiu um pouco de asco. Desagradava-lhe aquela sensação na boca, mais ainda quando teve de

engolir saliva e conter os vômitos. No entanto, depois daquilo tudo, o seu cliente fora amável, e em menos de uma hora já seguia noutra táxi de regresso ao apartamento de Susana.

Tens uma beleza rara, disse Ramelli. Gostava de voltar a ver-te, acrescentou enquanto contava as notas já à porta.

Liga-me, disse Karen, tratando-o por tu e mais descontraída enquanto recebia o dinheiro e o guardava na mala.

Para onde vamos, menina?, perguntou-lhe o taxista.

De acordo com o documento de identificação, chamava-se Floriberto Calvo.

Rua 60 com a Décima, respondeu Karen e sentiu um alívio enorme por não ter de dizer para San Mateo, Soacha, nem para Santa Lucía, nem para Corintio.

Na rádio ouvia-se o noticiário *Alerta Bogotá* da emissora La Cariñosa. A voz inconfundível ecoava pelo *Chevrolet Spark*: *Alerta, Bogotá! Incrível! Porque pensava que o enganava, trabalhador da construção mata a mulher com vinte punhaladas na localidade de Bosa.*

Extra, extra! Um bêbado agrediu um sargento da polícia em Kennedy, porque lhe pediu para fechar a taberna e sala de jogo.

Incrível! Rumbeiro em Cuadra Picha[9] matou um porteiro de discoteca porque não o deixou entrar.

Karen tentou dormir, mas com aquelas notícias era impossível.

Desculpe, será que podemos ouvir outra coisa?

Claro, meu amor, respondeu Floriberto e a seguir procurou outras notícias.

Karen gostava da voz de *Alerta*. Na Costa também se ouvia muito esse programa, mas não tinha vontade de ouvir como as pessoas se matavam umas às outras. Doía-lhe a cabeça.

A maior parte dos bebés que morreram ao nascer em centros de saúde da costa atlântica no ano passado aparecem registados como inscritos na EPS Caprecom. Encontraram-se irregularidades em cerca de vinte Entidades Prestadoras de Serviços de Saúde nas regiões do país, nas quais o grupo de investigações da Contraloría[10] leva a cabo um relatório que será tornado

público em meados do próximo mês. Calcula-se que, até à data, o desfalque na saúde ascenda a três mil milhões de pesos. A Contraloría encontrou inconsistências na gestão dos recursos da saúde dos mais pobres em mais de cem municípios do território. Só em Cartagena, aparecem inscritas mais de dez pessoas falecidas, sem contar com os cerca de três mil pacientes clonados...

Karen adormeceu. Por isso não ouviu quando mencionaram a Cruz Salud na lista das EPS que estavam a ser investigadas. De qualquer maneira, não teria relacionado o facto com Ramelli, e menos ainda com os seiscentos mil pesos que levava guardados na carteira.

Depois de abandonar a casa de Santa Lucía, Karen passara uma noite em San Mateo, em casa de Maryuri, a dormir num colchão de ar num corredor. Chegara à meia-noite, quando Wílmer trabalhava e a garota dormia. Maryuri estava demasiado cansada para a ouvir. Viviam numa zona coberta de pó, na qual se podia aceder a um apartamento de quarenta e cinco metros num conjunto fechado com piscina, salão de convívio e parque para os mais pequenos. Todas as janelas estavam protegidas com grades, e o telhado com cacos de vidro. Maryuri estava casada há dois anos, a menina ia fazer um ano nos próximos dias, e Karen tinha sido convidada para a festa.

Entregou um colchão de ar à amiga, que deixara atravessado no meio de uma sala de jantar onde também se encontrava o frigorífico. A cozinha era apenas uma bancada com um fogão e um lava-louça diminuto. Karen deitou-se no chão, que cheirava a fruta podre. Teve um sono entrecortado e nervoso. Levantou-se duas vezes para vomitar. Ouviu Wílmer chegar de madrugada. Sentiu-o aproximar-se dela e levantar o cobertor para ver quem ali estava. Ela fechou os olhos e fingiu uma respiração descontraída. Karen lembrava-se do queixo quadrado dele, dos seus ombros largos, do cabelo espesso, da pele cor de azeitona e dos olhos grandes e verdes, de pestanas compridas e olhar nervoso.

Quando ficou mais perto, Karen conseguiu sentir o seu cheiro a tabaco, a suor, a chuva e a gasolina. Quis abraçá-lo, mas conteve-se. Além disso, ele pensava que ela estava a dormir.

Uma hora depois, tocou o despertador. Seguiram-se os passos de Maryuri,

os gritos, o aroma a café, as exclamações da garota enquanto a mãe lhe dava um ovo. Karen sentia que se passava tudo por cima dela, e aquele cheiro a manhã e aqueles sons de família reconfortaram-na por instantes até voltar a lembrar-se. Sentiu de novo uma grande melancolia. Depois de deixar os pratos no lava-louça, Maryuri fez-lhe uma festa na cabeça e deu-lhe um beijo na testa: Estás cheia de olheiras, dorme mais um bocado, levo a menina à creche e vou trabalhar. Digo ao Willy para te levar ao trabalho.

Levou-a até à Casa da Beleza só porque Maryuri lhe pedira. Pela janela, Karen achou a cidade mais feia do que nunca. No parque de estacionamento estavam outros táxis.

Liga para mim que eu não atendo, disse Wílmer.

Karen obedeceu. Agarrou no telemóvel e marcou o número que Wílmer lhe ditou. Depois ouviu-o tocar.

Agora grava o meu número. Eu já tenho o teu, disse em tom autoritário.

E para que queres o meu número?, perguntou Karen.

Para que será?, disse ele rispidamente.

Olhou-a dos pés à cabeça e não acrescentou mais nada. Nesse momento, Karen quis que ele lhe telefonasse. Quando chegaram, viu que ele ligara o taxímetro: Já sabes, debes-me trinta e seis mil pesos, foi a última coisa que disse.

Karen saiu do táxi a pensar que teria de pedir dormida a quem quer que fosse e sair de San Mateo nessa mesma noite. Assim que entrou, fechou-se na casa de banho. Pegou numa lâmina de barbear e fez um corte minúsculo no calcanhar. Experimentou várias vezes num pé, depois no outro. A seguir vomitou, apesar de só ter comido meia *arepa* ao pequeno-almoço, vestiu o uniforme e entrou na cabina.

Nesse dia, por volta das três, o intercomunicador tocou. Era Susana, a perguntar se Karen estava livre: «Posso subir e comemos juntas? Só dez minutinhos.» E assim foi. Apareceu com uma pêra e uma sanduíche de mortadela; deu metade a Karen, que tirou um saco de batatas fritas da mala, e, ali, no meio da cabina, acabaram por improvisar um piquenique.

Acho-te muito desanimada, Karencinha.

Fiquei sem casa e estava cá a pensar, não sei se será demasiado abuso...

Queres passar uns dias comigo?

Pode ser?, perguntou Karen.

Claro que pode ser, disse Susana. Experimentamos para ver como nos damos. O sítio é pequeno, mas está muito bem situado: é no Norte.

Para Karen aquelas palavras bastaram: «É no Norte.» Foi a chave daquilo que procurava. Não importava que às vezes Susana lhe parecesse grosseira, um pouco vulgar; falava muito alto, usava roupa justa, olhava-a com uma persistência húmida nos olhos que por vezes a intimidava, mas por agora não tinha opção melhor.

No final do dia, Karen e Susana saíram juntas. A sua nova amiga apanhara um táxi, como se fizesse aquilo todos os dias. Karen não dizia nada. Há já algum tempo que reparava que Susana tinha mais dinheiro, muito mais dinheiro do que aquele que poderia conseguir na Casa.

O apartamento de Susana ficava numa zona fina. Era pequeno e tinha poucos móveis, todos modernos e de boa qualidade. Assim que chegaram, Susana tirou uma garrafa de vinho branco do frigorífico e serviu um copo a Karen, que continuava assombrada. Estar ali era como ter entrado no cenário de uma das novelas que costumava ver na televisão. As duas cadeiras vermelhas lacadas, o *poster* de Andy Warhol, as cortinas de lantejoulas, achava aquilo tudo sofisticado e ao mesmo tempo estranho.

Quatro noites mais tarde, Karen faria o seu primeiro serviço em New Hope. Mais adiante, numa das nossas conversas, chegámos à conclusão de que nessa madrugada, enquanto ela se metia na cama depois de ter passado a noite com Ramelli, eu começava a levantar-me no meu apartamento da 93, a cinquenta quarteirões de distância, no mesmo amanhecer ocre.

Acho estranho que ninguém se refira à beleza singular da luz na cidade. Penso que, se fosse artista, me levantava de madrugada e tentava captar aquele terracota vidrado que desce da montanha. Gostava de ter sido artista. Talvez fotógrafa. E penso que um projecto belo seria tirar centenas de fotografias a personagens variadas em dias diferentes, mas sempre à mesma hora. Suponhamos, quatro e cinquenta e sete da madrugada. A objectiva captaria então uma mulher madura sentada na cama, com uma camisa de dormir de seda, a face pálida e enrugada, o copo de prata em cima da mesa-de-cabeceira com a água ainda fria, o livro de Emma Reyes, a vista da cidade por trás, como um espectro. Noutra imagem estaria Karen, num táxi, a contar

as notas, com a maquilhagem escorrida e a expressão tensa.

A caminho da cozinha, pego no jornal. Preparo um sumo de laranja enquanto a cafeteira faz o seu trabalho. Volto para a cama com um tabuleiro com torradas, sumo e café. Deito-me com o jornal e noto que estou com uma ligeira dor de cabeça. «Apenas dois uísques antes de sair para a missa», digo para mim. A idade tem o seu preço. Dou dois goles no sumo, ajeito os óculos e agarro no jornal com uma mão e na chávena de café com a outra. Como tantas mulheres da minha idade, tenho uma motricidade muito fina. Não foi por acaso que tive lições de dactilografia, bordado e croché, entre outras delicadezas.

Leio com atenção um destaque sobre o roubo à saúde. Quase entorno o café por cima de mim quando encontro na lista a Cruz Salud e, a seguir, o nome de Ramelli como representante legal. O artigo explica que estas entidades prestadoras do serviço criam pacientes, clonam-nos, introduzem no sistema os que já faleceram e receitam medicamentos que ninguém avia para depois ficarem com as participações do Estado. Lembro-me da nossa conversa no casamento. Sabia perfeitamente que Diazgranados era um aldrabão consumado, a cara dele aparecia nos jornais quase todas as semanas e mesmo nos noticiários da noite, mas, como sempre, não se fazia nada. Quanto a Ramelli, intrigava-me como Lucía podia ter passado trinta anos com ele. O nome de Aníbal Diazgranados não aparecia no artigo.

Ao chegar à página do Social, dou com as fotografias da missa. A crónica é cor-de-rosa, escrita por uma rapariga que se mostra pouco menos que deslumbrada com os excessos daquilo a que se convencionou chamar «um casamento à antiga». Farta de ler, prossigo para as colunas de opinião. Não conheço a maior parte dos nomes de quem as assina. Não sei se são cada vez mais jovens, se aqueles que conheço vão passando lentamente para a página da necrologia ou se já estou desligada da realidade nacional. Talvez seja um pouco das três.

A infelicidade que sentira no casamento fez-me recordar a minha festa dos quinze anos. O meu pai, empenhado em fazê-la de acordo com a tradição colombiana, comprou-me um vestido de seda, ofereceu champanhe, e dançámos a valsa. Tive de aceitar o *bouquet* que este e aquele me ofereciam.

Agora que penso nisso, talvez tenha sido precisamente nessa ocasião que tomei a decisão de sair do país e fazer a minha vida no estrangeiro. «Parece tão acanhado», recordo-me de ter dito à mulher do ministro Obando. «Não compreendo», respondera ela. «Não tem importância», disse. Se não estou em erro, foi essa a última vez que tivemos algo semelhante a uma conversa. Agora que penso nisso, nem devia ser preciso explicar que vivemos assim numa cidade de oito milhões de pessoas e que no fim somos sempre os mesmos nos mesmos lugares, como se vivêssemos numa aldeia medieval.

Eu e a Teresa tínhamos crescido juntas e inseparáveis, mas, ao entrarmos lentamente na idade adulta, as diferenças entre nós foram ganhando força e acabaram por nos separar. Olho para o relógio e, antes de dormitar um pouco mais, decido telefonar a Lucía mal sejam nove horas. Caminho descalça até à pequena aparelhagem de som do outro lado do quarto e ponho um disco de Erik Satie.

Espera por mim? Trago um chocolate. Ah, e de caminho a mala, também, não vão as gatas tirar qualquer coisa lá de dentro ou roubarem-ma, disse Susana a Karen naquela tarde em que a recebeu em sua casa pela primeira vez.

Susana sai a correr e deixa o *iPhone*, assim como a marquesa cheia de migalhas. O som de uma mensagem a chegar leva Karen a prestar atenção ao telemóvel. Agarra-o entre as mãos e observa-o; embora a sua intenção não seja ler, deixa-se vencer pela curiosidade: «Se quer sexo pague, mas não me trate mal.» A seguir, aparece um homem que escreve: «Gata, não fique nervosa, pago-lhe o milhão combinado.»

Nesse momento entra Susana, e Karen deixa o telemóvel onde estava.

Um chocolate Jet?, pergunta.

Do que mais gosto é do cromo, diz Karen.

Pois é, eu como um todos os dias e leio para ver o que me saiu, diz Susana.

Vamos lá a ver o que temos hoje para ti: ai, o morcego!, diz Susana a rir antes de adoptar uma pose doutoral para iniciar a leitura.

O morcego (Pipistrellus, pipistrellus).

Os morcegos são os únicos mamíferos voadores do planeta. Embora

pareçam ter asas como as aves, na verdade estas correspondem aos seus dedos extremamente prolongados, unidos por uma membrana que se estende até à cauda, deixa-me ver os dedos, pede Susana agarrando-lhe uma mão. Ai, é verdade. Dedos de morcego, acrescenta antes de continuar. Perdão, digo, asas: Ao contrário da crença popular, a maior parte dos morcegos não se alimenta de sangue. Alguns alimentam-se de fruta, insectos, néctar, e uma pequena percentagem do sangue de animais.

Agora vou passar a chamar-te Solina, rematou Susana.

Qual Solina?

Solina, a tímida secretária que acaba por se transformar numa vampira comedora de homens no *Drácula*.

O filme?

Sim, Solina.

Não vi esse. A sério, se me queres pôr uma alcunha, prefiro Pocahontas.

Pocahontas? Mas isso é nome de índia, exclama Susana a rir.

E não sou mesmo meio índia?, responde-lhe Karen, dando a última dentada no chocolate.

Acabou de fazer uma massagem adelgaçante a Rosario Trujillo e não sentiu curiosidade ao ouvi-la falar em inglês, tal como não se importou quando a viu vestir o casaco *Carolina Herrera* e fitá-la dos pés à cabeça com o sobrolho franzido e a expressão de asco no seu rosto esticado.

Agradeceu a gorjeta de cinco mil pesos com um sorriso largo. Começava a aprender a fazer cara de póquer, assim como a compreender que quem aprende a arte do fingimento tem mais hipóteses de vencer. Rosario Trujillo era uma daquelas mulheres que não conseguem passar mais de cinco minutos num espaço sem fazerem sentir a sua superioridade.

Numa daquelas sessões em que nos juntámos as três com Lucía para organizar os apontamentos para o livro, Karen falou da impressão que Rosario lhe causava.

Então, pensei que Karen se sentia aliviada, de certa maneira, ao ver que Rosario representava o seu papel a partir da insegurança, ou da amargura, que não era uma mulher feliz e que, tal como ela e todos os actores desta trama, interpretava um papel inevitável, como numa peça de Shakespeare na qual as personagens não conseguem escapar ao seu destino, por mais que possam prevêê-lo, como quem sabe que, se der mais um passo, cairá no abismo e, mesmo assim, o dá.

No entanto, para Lucía, o meu olhar tendia a idealizar os motivos de Karen, a enaltece-los e a conferir-lhes um elemento fantástico para a transformar em heroína. «Karen», dizia Lucía quando iniciámos o processo de escrita, «é a heroína desta história, sem dúvida, mas é uma mulher de verdade. Isto não é um conto de fadas nem uma história épica.» De acordo com Lucía, Karen deixou de sentir Rosario Trujillo como uma ameaça quando começou a dormir no Norte, a fazer contas para ter o mesmo casaco *Carolina Herrera* ou a mala *Prada* da sua cliente, sem que comprá-los fosse absolutamente impossível.

Se formos estritamente pragmáticos, a maior diferença entre elas consistia na carteira. Bem, na carteira, na gabardina, nos sapatos, em suma, nas coisas. Karen era uma boa observadora.

Nessa convivência imediata, naquele espaço privado onde ambas partilhavam um quartinho de quinze metros quadrados à porta fechada com aroma a alfazema e música *New Age*, não era o corpo nu de Rosario Trujillo que a tornava superior, era o preço de tudo o que trazia vestido. Pelo menos era assim que o interpretava.

Era o seu sotaque de Bogotá, com aquela voz estridente e a entoação tão característica que usava para os criados, que a tornava melhor? Era por ter uma criada e Karen não? Era aquela maneira de dizer *como tem passado* com um golpe seco na última sílaba e a empinar a voz? Não importa, a questão é que «algo» lhe concedia o privilégio de tratar Karen com antipatia, um privilégio que Karen bem gostaria de possuir em determinados momentos, pois, assim como todas as suas clientes pareciam ter direito a tratá-la mal porque estavam a ter um mau dia, porque eram assim, porque lhes dava na gana —, ela tinha sempre de oferecer a outra face, sorrir, aguentar ou então ir procurar outro trabalho.

Naquela tarde de Agosto, Karen pensou na mensagem que lera no telemóvel de Susana. Quis telefonar a Emiliano. Pensou no milhão de pesos referidos na mensagem. O dinheiro que poupava em oito meses e perdera numa noite, Susana conseguia-o numa noite. Pegou no telemóvel para ligar a Emiliano antes da marcação das seis da tarde. Ao contrário de outras vezes, a mãe mostrou-se amável. Parecia animada e contou-lhe que já estava a correr o processo de interdição que certificava psiquiatricamente a incapacidade do tio Juan e lhe permitiria receber a pensão deste. O assunto ficaria tratado dentro de algumas semanas. Isto significava uma grande mudança, pois agora seria a mãe a governar o dinheiro, e o tio passaria a depender dela, não o contrário. Parecia satisfeita. Depois passou a Emiliano, e este contou uma piada que Karen não percebeu. Falava muito depressa, quase até ficar sem fôlego. Repetiu a piada duas vezes.

Quando vens, mãezinha?, disse por fim. Há tanto tempo não lhe chamava mãezinha. Ao ouvir esta palavra sentiu-se muito longe.

Daqui a pouco, filho, daqui a pouco.

Às três?, perguntou Emiliano.

Bem queria eu que fosse às três, disse Karen. Vou na segunda-feira acrescentou.

Hoje é segunda-feira disse Emiliano, e Karen ficou admirada por ele saber.

Emiliano conta à mãe que já está melhor no futebol e que já não quer uma bicicleta, mas umas chuteiras, umas boas chuteiras.

Se conseguir, ofereço-te as duas coisas no Natal, meu querido.

Falta muito. Quantos *SpongeBob* faltam para o Natal?

Muitos, diz Karen, mas o tempo passa depressa.

Falta muito para o Natal, repete Emiliano.

É verdade. Falta muito, mas também falta muito pouco, diz Karen e não quer pensar que a conversa a aborrece.

E as chuteiras?, volta a perguntar.

Eu levo-te as chuteiras, meu amor. Prometo.

Nessa tarde, Karen e Susana saíram juntas como se fossem amigas desde sempre. Um dia depois daquela conversa, Karen levou as suas coisas para casa de Susana. E, nessa mesma noite, enquanto ambas se acomodavam na mesma cama, Karen atreveu-se a fazer-lhe perguntas acerca da mensagem que lera no telemóvel.

Trabalho há pouco mais de um ano como acompanhante de luxo, boneca, diz Susana e apaga a luz.

Conseguiste poupar?, pergunta Karen, surpreendida com a naturalidade com que a conversa decorre.

Estou a pagar este apartamento.

E quanto custa?

Trezentos e cinquenta dele, gatinha, diz Susana.

Posso perguntar-te quanto fazes num mês?

Num mês? Entre oito e dez.

Karen cala-se. Fica admirada com a rapidez com que faz as contas: é oito vezes aquilo que ela ganha na Casa. É o ordenado de um vice-ministro, disse-lhe eu quando ela me contou.

E tens de fazer coisas horríveis?

Às vezes, mas tudo passa.

Só estive com um homem na minha vida, diz Karen.

Susana dá uma gargalhada.

Estás a pensar nisso. Solina, diz Susana. Solina, a comedora de homens. Eu bem dizia que este nome era uma premonição. Para que conste: não fui eu, foi o chocolate Jet que te marcou o caminho.

Não tenho nada de comedora de homens, alto lá!

Talvez, mas tens medo, diz-lhe Susana. Vejo o medo em ti como se fosse uma mancha escura que tens no olhar. Trazes o medo em ti. Vê-se nos gritos que dás de repente, no riso nervoso, nesse tique de afastares o cabelo da cara. E o que vais fazer para perderes o medo? Atirar-te àquilo que te faz senti-lo como a pessoa que monta um cavalo que acabou de o atirar pelos ares.

Karen não diz nada. Pensa que Susana é uma mentalista. Sabe mais sobre si do que ela própria. E, apesar de não ter pensado nisso até àquele momento, agora que vê Rosario Trujillo sair da cabina, esta recordação regressa com uma clareza que nunca antes teve. Depois crava os olhos na nota de cinco mil pesos e sente-se como quando os adultos têm uma recordação de infância em que algo, digamos, a casa da avó, era enorme, mas, quando lá regressam, já adultos, parece ter encolhido, mais do que isso, o espaço parece diminuto, insignificante. Bom, é isto que se passa agora com a sua cliente: desde que o dinheiro que tinha consigo lhe chegava para suportar a sua insolência, a mulherzinha encolhera.

Tirara-lhe as cuecas e atirara-a para a cama, onde agora se afundava nela com raiva, ao mesmo tempo que berrava com uma expressão tensa, dorida. Ela gritou, deixou escapar algumas lágrimas e viu os lençóis tingirem-se de vermelho, lentamente. Já nada seria igual, pensou. A seguir sentiu a bofetada de Luis Armando deixar-lhe a cara a ferver precisamente antes de voltar a dar-lhe de beber da garrafa e de lhe meter na boca os dedos untados de cocaína.

Começou a chorar. Não passara meia hora desde que ali chegara.

Quando ele lhe ligou, chegou a imaginar um quarto com rosas brancas, um banho de espuma na banheira, uma taça de champanhe, e pensou que Luis Armando seria meigo e delicado, que «não faria nada que ela não quisesse», uma frase que o ouvira dizer numerosas vezes durante os muitos telefonemas que tinham trocado.

A dado momento, Luis Armando sorriu. Como um náufrago que consegue ver terra firme, Sabrina retribuiu-lhe o sorriso. Durante um segundo, julgou que tudo ficara para trás. Mas a seguir ele endireitou-se e deu uma gargalhada. Era como se entre dentes dissesse «voltei a enganar-te». Sabrina pensou na mãe. Pensou na mãe, que lhe dizia «Se não tens nada de bom para dizer, o melhor é ficares calada», mas não conseguiu pensar em nada de bom, fosse para a dizer ou para a calar, tal como nunca mais na vida voltaria a pensar em nada de bom ou de mau.

Naquilo que mais adiante haveria de descrever como uma sala de espera com móveis de madeira de há cinquenta anos carcomidos pelo caruncho, Consuelo Paredes espera há mais de duas horas para ser atendida pelo agente encarregado do caso. Outras sete pessoas aguardam ao seu lado com expressões sombrias.

A que horas diz que regressa?

Está na hora do almoço, sente-se por favor, diz a secretária, que nem por isso pára de limar as unhas.

Mas estou aqui há mais de duas horas.

Deve ter-lhe surgido algum imprevisto.

Consuelo Paredes vê agentes do departamento criminal entrarem em saírem, ouve um a gritar para outro: «Paleta, e desta vez o corpo quis colaborar?» O outro faz um gesto de desdém: «Nem pó!», responde. «E até lhe ofereci dinheiro.» O outro ri sem vontade.

Quando por fim chega o agente, fala em segredo com a secretária, que parece estar a pô-lo a par daquilo que aconteceu durante a sua ausência. A mulher usa uma máquina de escrever que ocupa metade da sua secretária enorme.

O agente vira-se para trás e cumprimenta com um sorriso e um gesto de mão: Tenho cinco minutinhos para cada um de vocês.

A secretária manda entrar as quatro pessoas que tinham chegado antes de Consuelo Paredes. São quase cinco da tarde quando a chamam. Durante todo o tempo que esteve ali sentada foi pensando muito bem nas palavras que dirá ao agente para aproveitar o melhor possível o tempo no gabinete dele. O homem veste um fato cor de caca e uma camisa creme. A gravata é larga e está torcida. Está a ficar careca e não deve ter mais de quarenta e cinco anos.

Em que lhe posso ser útil?

A minha filha, Sabrina Guzmán, foi assassinada.

Minha senhora, lamento muito a sua perda. Mas, digo-lhe, se olhar para estas estantes, verá que são tudo processos. São os deste ano, e garanto-lhe que há mais de quinhentos.

Desculpe-me, mas isso não me parece possível, lembra-se Consuelo de lhe ter dito.

Minha senhora, se quiser, ficamos aqui sentados os cinco minutos a criticar o sistema de justiça, mas, se preferir, vamos falar do caso. Veja, tenho aí desde uma denúncia pelo roubo de um telemóvel a um assalto com arma branca, uma violação, o roubo de vários apartamentos, mais telemóveis, mais assaltos e alguns assassinatos; como lhe disse, é uma miscelânea.

Mas, porventura, tem tudo a mesma importância? Um assassinato vale tanto como o roubo de um telemóvel?

Não, minha senhora, não é a mesma coisa, têm um estatuto diferente, e os protocolos são diferentes. Mas, diga-me uma coisa, a sua filha foi assassinada? O melhor é concentrarmo-nos, minha senhora.

A minha filha, Sabrina Guzmán, morreu no passado dia 23 de Julho em circunstâncias desconhecidas. De acordo com o relatório médico do Hospital San Blas, morreu por ingerir um medicamento chamado Tryptanol, mas a autópsia desmente esta teoria e revela até sinais de violência sexual e consumo de cocaína por inserção violenta no corpo...

Está a dizer-me que a sua filha foi violada e que alguém quer impedir o processo para esconder aquilo que se passou?

Podemos dizer isso, sim, diz Consuelo Paredes, contrariada.

Um: posso ajudá-la arranjando-lhe uma autorização judicial especial do Ministério Público para obter o boletim clínico da rapariga no San Blas. Dois: tente falar com o médico, embora eles tenham direito ao segredo profissional e ele possa ficar calado, se assim entender. Três: se quer o meu conselho, contrate um detective privado.

Mas não devem ser vocês a responder pela justiça?

Muito bem dito, minha senhora, é, sim. E, acredite em mim, fazemos o melhor que podemos, mas veja este gabinete. Vê um computador? Um *tablet*? Não, aquilo que vê são quinhentos casos arquivados em pastas de papel para os quais contamos com uma equipa de agentes criminais bastante

limitada e, ainda por cima, mal paga. Minha senhora: o trabalho faz-se à medida que se pode fazer, mas não dispomos daquilo de que gostaríamos, nem dos recursos. Acredite em mim, não se trata de má-fé. E agora, se me permite...

Mas pode ver como está o caso, pode dizer-me aquilo que se está a passar?

O agente abre uma caixa que tem por baixo da secretária e esgaravata-a. Passados uns cinco minutos, tira uma pasta, abre-a, olha para ela e diz: Estamos a estabelecer os parâmetros para a investigação por parte do departamento criminal.

Está a dizer-me que já se passaram quase dois meses e estão a «estabelecer os parâmetros de investigação»? O que significa isso?

O agente aclara a garganta antes de continuar.

Significa que está a ser estabelecida uma matriz de investigação, de acordo com a qual se define um programa metodológico para iniciar os trabalhos de recolha de informações, acrescenta erguendo uma sobancelha.

E quando vai ser isso?

O quê, minha senhora?

Os trabalhos de recolha de informações que realizam de acordo com o programa metodológico que se define com base na matriz da investigação?, diz Consuelo Paredes.

O agente volta a pigarrear.

O problema, minha senhora, é que esse relatório médico veio alterar a investigação. Veja: se não fosse isso, a autópsia teria sido feita imediatamente e teríamos ganhado tempo porque a seguir ter-se-ia determinado que a causa da morte foi um homicídio. Em vez disso, a autópsia é de há apenas uma semana. Isto sem contar que a autópsia não é peremptória quanto à causa da morte, pois diz que «deixa o assunto nas mãos das autoridades».

Está a dizer-me que não foi homicídio? São vocês que têm de esclarecer se foi ou não homicídio!, exclama, irritada.

Exactamente!, diz o agente com um sorriso exagerado. Muito bem, muito bem, estamos a entender-nos. Primeiro: determinar se foi um homicídio. E depois já podemos tirar esta pastinha e passá-la para a unidade de homicídios.

Está a perceber?

Consuelo Paredes está pálida. Sente-se mais sozinha do que nunca. Agora percebe que será ainda mais difícil do que esperava.

Quanto tempo? Quanto tempo para terem qualquer coisa, senhor agente? Para que determinem que foi um homicídio.

Dê-me uma semanita, minha senhora, uma semanita e pô-la-emos em contacto com o agente do departamento criminal encarregado do caso para que possa discutir com ele o que a preocupa. Volte daqui a oito dias, e entrego-lhe a ordem para que consiga o boletim clínico da rapariga no San Blas. Não desespere, entregue-se a Deus e reze, minha senhora, reze muito.

Desculpe, senhor agente, pode dar-me o seu número de telemóvel ou o seu endereço de *e-mail*?

Com todo o gosto, diz, voltando a pigarrear. Depois de lhe ditar a informação, remata num tom mais baixo. Lamento imenso, minha senhora, mas já há algum tempo que os nossos cinco minutinhos se esgotaram.

Ramelli tinha sido o seu primeiro cliente e ia-se tornando o melhor. Encontravam-se duas ou três vezes por semana. Tinham comido juntos por duas ocasiões. Nunca se tinham visto de dia. Por isso, quando ele lhe ligou para a convidar para almoçar no domingo seguinte, Karen ficou a pensar se a queria ver a ela ou a Pocahontas. Como se fosse uma intérprete, estava a ficar cada vez mais hábil a mudar o registo de uma para outra. Na Casa continuava a ser Karen, mais ainda depois de ver a experiência de Susana, que fora despedida há duas semanas, depois de encontrar o blusão de cabedal manchado de tinta para o cabelo e de se atirar a Deisy.

Karen sabia que, se fosse cautelosa, poderia manter a sua vida dupla durante alguns meses e depois abandonar a Casa para sempre. Mas seria quando quisesse, não quando se visse obrigada a fazê-lo. A lição serviu-lhe para aprender a manter a dualidade das suas identidades. Pocahontas aparecia com as botas *Ferragamo* e a mala da *Massimo Dutti*, ao passo que Karen continuava a aparecer na Casa com os seus ténis *Croydon* e o seu rabo-de-cavalo.

Folheava as revistas com a atenção de um estudante que quer passar num exame. Pensava no que deveria vestir no domingo. Começava a aprender alguns códigos. *Dolce & Gabbana*, *Armani* ou *Versace* pareciam-lhe formas de falar sem ter de dizer as coisas aos gritos. Nessa noite tinha um encontro com um norte-americano que nas últimas semanas a chamara por várias vezes. Teria de comprar outra mala, pois não podia aparecer sempre com a mesma.

O esforço para interpretar a personagem era tão intenso que todo o dinheiro se ia nisso, naquilo a que poderíamos chamar a caracterização. Era tal a sua entrega a Pocahontas que nem se lembrava de ter entrado no jogo para conseguir o dinheiro que lhe permitiria mandar vir Emiliano de Cartagena. E, mais do que isto, a sua recordação tornava-se dolorosa, um

sentimento que aumentava à medida que Karen se ia afastando da pessoa que era quando chegara à cidade.

Depois de abandonar o quarto de Santa Lucía, tinha constantemente a tentação de se expor ao perigo, de se submeter e de se deixar cair, talvez para provar a si mesma que desta vez era ela a controlar a situação.

Karen falava pouco de Wílmer. Só no fim soubemos que tinham continuado a encontrar-se. Creio que a sua relação com ele a fazia sentir-se tão culpada que nem sequer era capaz de falar nela. Saiu do quarto do Laguna Azul cansada, com setecentos mil pesos em dinheiro. Fez um telefonema para Wílmer que não durou mais de dez segundos e seguiu o seu caminho. O domingo amanhecia, e os bancos do parque da 59 estavam ocupados por bêbados.

John Toll abandonou o quarto do motel um pouco depois de Karen; virou na direcção contrária e apanhou um táxi ao acaso, sem saber que tentariam roubar-lhe a pasta e levá-lo a dar o passeio milionário. Karen não estaria ali para o ouvir gritar, atirar-se do automóvel e correr duzentos metros até receber três impactos de bala que o deixariam caído no chão a esvair-se em sangue.

O cliente norte-americano transpirava muito das mãos e costumava pedir desculpa por tudo e por nada. Quem diria que aquele homem desajeitado e inseguro na cama combatera no Iraque e no Afeganistão. Obviando os pormenores, podia dizer-se que gostava de sexo convencional e que não a queria ao seu lado por muito tempo, algo que agradara a Karen.

Karen gostava daquela hora em que as criaturas da noite, de olhos avermelhados e bafo a álcool, se misturam no mesmo passeio com os desportistas madrugadores a caminho da sua rotina no ginásio. Vê-los todos juntos no mesmo espaço fazia-a pensar numa espécie de irmandade entre uns e outros, talvez numa cumplicidade, numa proximidade que durante o resto do dia e da noite parecia incongruente.

Queria estar sozinha. Fechar os olhos, comer e chorar sem se sentir observada. E, no entanto, desde a violação, não conseguira voltar a dormir durante a noite sem ser assaltada pelo pânico. Por isso agarrava-se à rua até ao nascer do Sol ou enfiava-se na cama de Susana.

Enquanto caminhava, viu dois anúncios de «Aluga-se» e sentiu curiosidade. Ao terceiro, quis espreitar. Tinha vinte e dois metros quadrados, sujo e estreito, com o chuveiro em cima da retrete e um quarto sem janelas. O segundo era um primeiro andar também sem janelas, tão escuro que era preciso acender a luz para se conseguir ver a palma da mão. Quando decidiu ver o terceiro e último, antes de seguir para o almoço com Ramelli, fez figas.

A fachada era melhor do que a de qualquer sítio onde vivera em Bogotá. O tijolo à vista e as varandas bege eram idênticos aos da esmagadora maioria das construções. Como acontecia com outros edifícios da zona, este não vivera melhores tempos. Embora até esse momento não tivesse pensado que andava à procura de um sítio onde viver, ao chegar à entrada do apartamento soube que queria ficar ali.

Uma rapariga abriu-lhe a porta. Explicou a Karen que ia viver com o namorado para um apartamento onde houvesse espaço para o seu bebé, mas que o contrato com a imobiliária estava em vigor por mais três meses.

Karen ficou mais do que satisfeita com esta possibilidade. Ao fim e ao cabo, três meses era o tempo de que precisava para poupar e assim conseguir um apartamento maior, onde houvesse espaço para Emiliano e para ela.

Eram quarenta metros quadrados com uma alcatifa amarelada, duas janelas, uma na sala que dava para a rua e outra no quarto. A cozinha era aberta, e via-se uma pequena mesa de apoio com duas cadeiras, onde Karen viu uma chávena de chá e um livro de história. As estantes da biblioteca, feitas de tijolos e tábuas de madeira, estavam a abarrotar de livros. Karen aproximou-se para ver, não encontrou nenhum de Ramelli.

Quero, disse, quero o apartamento.

Mas ainda não viste a casa de banho.

Não importa, vou ficar com ele, insistiu.

A rapariga pediu que lhe pagasse um mês adiantado e mais dois meses em Novembro. Karen aceitou. A renda eram novecentos mil pesos, tirou seiscentos mil da mala e ficou de lhe levar o resto no dia seguinte.

O Sol aparecia por detrás dos montes. Tinha a impressão de que as coisas começavam a correr-lhe bem e de que a partir dali só podiam correr melhor.

Consuelo Paredes andava há vários dias de pijama. Cansou-se de ligar para o número de telemóvel que o agente lhe dera. Disparava sempre o atendedor. Também lhe mandou vários *e-mails*, mas voltavam sempre para trás. Saíra há três dias para visitar Kollak, da agência Kollak e Detectives. O nome atraía-lhe a atenção, pois o pai seguia a série com entusiasmo quando era garota; pensou que podia ser um sinal. O Kojak original escrevia-se com «j» e não com «ll». Ao contrário de Kojak, Kollak tinha cabelo e pintava-o de preto. Tinha um ar sereno e vestígios de acne na pele. Também ele escolhera aquela profissão e aquele nome para a agência porque, quando era miúdo, passavam a série na televisão, e a mãe suspirava pelo agente nova-iorquino. Como ele, vestia fato e gravata e usava sempre um chapéu, embora na sua página da Internet aparecesse com o uniforme do antigo Departamento Administrativo de Segurança.

Na página, ofereciam-se para encontrar pessoas perdidas, localizar devedores para arrestar, penhorar contas, bens e automóveis, investigar crimes, homicídios, furtos e roubos e fazer exames grafológicos.

Consuelo ligou e foi atendida pelo próprio Kollak. Disse-lhe que a podia receber nessa tarde. Apanhou um táxi para o centro comercial Aquarium, situado em Chapinero. Num espaço pequeno, ao fundo do primeiro andar, ficava o escritório. O homem, sentado numa cadeira de madeira forrada a tecido, tinha atrás de si alguns diplomas e fotografias de exumações. Em cima da mesa não havia computador. Apenas um monte de papéis, lupas, uma caveira, uma velha máquina fotográfica, várias objectivas e uma caixa de Kompensan. Tudo parecia velho e anacrónico como nos escritórios do Ministério Público.

Consuelo falou durante bastante tempo.

Receio que possa haver um peixe graúdo por detrás de tudo isto, disse então Kollak, enquanto acendia um cigarro comprido cor de canela como os

do protagonista da série. Se alguém consegue falsear um documento médico numa clínica legal é porque tem muito poder. Temos de procurar entre as coisas da sua filha. Se estiver de acordo, amanhã fazemos uma visita a sua casa com os meus homens e a partir daí elaboramos um programa metodológico.

Isso já ouvi, disse Consuelo, decepcionada.

Olhe bem para mim, disse Kollak abrindo os olhos e apontando para eles ao mesmo tempo. Saí do sistema judicial do Estado porque me fartei do desinteresse. Tudo quanto sei aprendi lá. E, no entanto, alcancei quase todo o sucesso nos meus quarenta anos de vida profissional como investigador privado.

Muito bem, senhor Kollak, ou seja lá qual for o seu nome, foi um prazer conhecê-lo, disse Consuelo, ofuscada, enquanto se levantava da cadeira e lhe estendia a mão.

Um momento, disse ele.

Tinha a mesma voz cavernosa e serena do agente da televisão. Consuelo voltou a sentar-se, deixou-se cair na cadeira e rebentou num pranto descontrolado.

O senhor é um insensível, gritou ela entre as nuvens de fumo que invadiam o seu espaço.

Kollak chegou-lhe uma caixa de lenços.

Consuelo assoou-se. Pouco a pouco, os seus soluços foram acalmando.

Chamo-me Obdulio. Obdulio Cerón.

Consuelo não abriu a boca. Depois, já mais calma, disse-lhe: Prefiro tratá-lo por Kollak.

O tipo sorriu, ou pelo menos foi isso que lhe pareceu.

Ou seja, não se fará justiça no caso da morte da minha filha, disse Consuelo.

Justiça não sei, mas a Kollak e Detectives propõe-lhe que pelo menos fique a saber a verdade.

O nome da sua agência é ridículo!

Kollak, como se não tivesse ouvido a ofensa, prosseguiu num tom pausado: Atrevo-me a dizer-lhe que quem está por detrás disto parece ser

uma figura ególatra. Não tiveram cuidado com a cena do crime, mas também não receiam ser descobertos. Por isso a minha aposta é que se trata de uma ou de várias pessoas poderosas, senhores do universo. Infelizmente, é possível que tenha sido uma noite de sexo que correu mal.

A que se refere?

É uma pena que não se tenha feito a autópsia logo, teríamos a prova de uma violação. Agora já não temos. Mas fica sugerida a possibilidade.

E como encontramos o responsável?

Primeiro temos de encontrar um suspeito. Para isso vamos revistar as coisas da sua filha. Resolvido isso, poderemos ligá-lo ao caso.

Tão simples como isso?

Infelizmente, não. Quando a justiça não está do nosso lado, podemos chegar a um beco sem saída.

Não sei se o estou a compreender.

Como diria o meu admirado Sherlock, «nada é mais enganador do que um facto evidente».

Consuelo olhou para o telemóvel, tinha de mostrar um apartamento a poucos quarteirões dali. Este tipo que parecia um palhaço era a sua única esperança.

Tenho de ir.

Eu também vou sair. Se quiser, acompanho-a, e continuamos a conversar.

Ainda não me falou dos seus honorários.

Deixe-me fazer a visita amanhã. Depois elaboramos um plano metodológico, e então digo-lhe quanto pode custar. Mas não tenha ilusões.

Porque insiste em que talvez não cheguemos a nada?

A experiência, acredite em mim. Já vi casos como este. É doloroso saber a verdade. Pode ser pior do que não a saber.

Isso é ridículo.

Não, não é. A verdade é necessária quando há justiça. Mas a verdade sem reparação envenena a alma.

Além de detective, é filósofo, disse Consuelo, pondo-se de pé.

Kollak pegou no casaco e no chapéu pendurados no bengaleiro e deixou passar Consuelo Paredes à sua frente.

Na esplanada do restaurante Upper Side, onde espera por Karen, Ramelli vê um homem corpulento, de uns quarenta anos, vir na sua direcção. Aproxima-se com *La felicidad eres tú* na mão.

Eduardo Ramelli, é o senhor?

É verdade, responde com um sorriso enquanto puxa os óculos de sol e os coloca sobre a sua cabeleira grisalha e brilhante.

Que honra! Não sabe a importância que este livro teve para mim...

Fico muito satisfeito, é isso que importa... diz Ramelli com nervosismo.

Estou com a minha namorada. Posso dizer-lhe para vir até aqui? Começou com *Me amo* e foi ela quem me falou da sua obra... e, é verdade, mudou-me a vida...

É isso que importa, não é? repete Ramelli, distraído, enquanto vê Karen aproximar-se da mesa.

Acha-a linda. Sensual e elegante ao mesmo tempo, pensa enquanto se prepara para pegar no exemplar de *La felicidad eres tú*. A namorada do homem corpulento aproxima-se da mesa e chega apenas uns segundos antes. Karen repara que Eduardo a devora com os olhos.

Não posso acreditar!, diz a rapariga levando as mãos à cara.

Ramelli volta a sorrir.

Adoro quando fala de ser como um rio a correr... é algo que tento todos os dias, diz a rapariga, que corou e pestaneja exageradamente.

Karen permanece atrás da mulher rubicunda, sem decidir se deve sentar-se ou esperar.

Ramelli termina uma frase sobre o despertar da alma, põe-se de pé e cumprimenta-a com um abraço exagerado.

Sente-se, por favor.

Depois recebe o exemplar das mãos do homem, que além de gorduchas são peludas, e pergunta a quem o deve dedicar.

É um sinal, não achas?, diz a mulher a sorrir para o namorado.

Veja bem, mestre, eu tinha uma auto-estima muito baixa, mas depois de ler *Me amo* isso mudou, comecei a perceber que podia ter tudo o que me propusesse na vida desde que me aceitasse com as minhas próprias limitações e foi então que encontrei o amor.

Ramelli mantém um sorriso fixo, exagerado. O par está fora de contexto. A sua roupa anacrónica, o seu excesso de peso, a sua bonomia destoam do lugar. Karen olha em volta. Estão sentados na esplanada de um quarto andar com vista para a Zona Rosa. As cadeiras são de metacrilato transparente, as mesas de metal. Na parte interior, enormes candelabros vermelhos, também de metacrilato, pendem dos tectos altos. O lugar está pintado de branco, e grandes fotografias de Nova Iorque decoram as paredes. Enquanto Eduardo acaba de se despedir dos seus admiradores, Karen consulta a lista: *Spring rolls* de leitão, *pepper steak*, *baked potato*, *nolita style soup*, *Manhattan style burgers*, *pizzetta* de lagosta, salada Waldorf, frango Tandoori. Não percebe nada. Olha para os franceses da mesa ao lado, que estão a comer uns pratos magníficos, mas não sabe como se pronunciam e menos ainda como se chamam. Finalmente, o par afasta-se. Eduardo observa-a com os seus olhos azul-piscina. Pega-lhe na mão ao mesmo tempo que lhe aperta a palma ritmicamente, sem dizer nada e sem parar de olhar para ela. Ela sente um formigueiro pelo corpo. É o mais parecido com um encontro romântico que teve na sua vida. Então toca o telemóvel de Eduardo, que a larga de repente e lhe diz: Desculpa, tenho de atender esta chamada.

Companheiro!, diz Ramelli. A que se deve esta grata surpresa?

Karen consegue ouvir uma voz de apito do outro lado a falar muito alto, que diz algo ininteligível.

É grave?, pergunta Ramelli. Obrigado, companheiro, encarrego-me do assunto enquanto vais a Barranquilla. Temos de organizar um plano de emergência. Não, agora não. Ligo-te mais tarde, companheiro. Mas não te preocupes, resolveremos a crise. Desliga.

Está tudo bem?, pergunta Karen.

Nisto o empregado aproxima-se para lhes perguntar se já decidiram o que querem pedir.

Karen volta a folhear a lista, agora com alguma de ansiedade.

Quero o hambúrguer, por favor, diz devolvendo a lista ao empregado.

Quer o *bacon burger* ou o *cheese burger*?

O *bacon*, mas sem toucinho, responde.

Eduardo sorri para ela.

Com todo o gosto, afirma o empregado sem a corrigir.

Eduardo pede os *spring rolls* de leitão como entrada e uma *BLT sandwich* como prato principal. Para beber, quer um *gin tonic*. Karen pede uma *Coca-Cola* e logo a seguir sente-se ridícula por ter feito o pedido como se fosse uma garota de nove anos.

Gostas do sítio?, pergunta Eduardo.

É elegante, responde Karen com timidez.

A sério que achas?, acrescenta Ramelli. A comida não é nada de especial, mas a ideia é sentires-te num *top cocktail bar* como os que vês em Londres, Nova Iorque ou Paris, estás a perceber?

Karen concorda. Observa os jardins verticais no tecto. Na zona ao fundo fica o bar, com os seus bancos altos, os seus sofás de couro e as suas mesas de madeira. O céu está do mesmo azul dos olhos de Ramelli. Por um momento, imagina-se a partilhar uma vida com ele; uma vida onde haveria espaço para Emiliano, uma casa, um cão e talvez uma quinta numa terra quente onde passar os fins-de-semana.

O empregado enche os copos de água. Eduardo quebra o silêncio: Olha. Mal te conheço, com esta, sei lá eu, é a sexta vez que te vejo, e, apesar disso, sinto que te conheço desde sempre.

O empregado serve os *spring rolls* de leitão, e Eduardo leva um bocado grande à boca. Parece concentrado em saborear o porco coberto de massa folhada. Com a boca ainda cheia, comenta que o ponto de cozedura está perfeito, antes de criticar o molho agri-doce. Agri-doce é para Karen aquele momento. Custa-lhe compreender essa passagem abrupta de uma espécie de declaração de amor para o sabor de uns crepes de carne. Mantinha o sorriso e o silêncio. Além disso, Eduardo esqueceu-se do nome dela ou, pelo menos, não o pronunciou.

Já sabes que te chamo Pocahontas com carinho, minha linda, diz

piscando-lhe o olho.

Afinal, ele é o mestre, pensa Karen, e quer pensar que tudo o que faz tem um sentido mais profundo, uma lógica que a ela talvez lhe escape. Servem-lhes o prato principal, e Eduardo continua a falar de comida. Agora conta-lhe os diferentes lugares onde se pode comer pato à Pequim em Bogotá. Esquece-se por completo da declaração de amor.

O melhor, de longe, é o do Thai Ching Express, continua Ramelli.

Ela não quer admitir que começa a aborrecer-se. Eduardo está há um quarto de hora a falar de pratos chineses, tailandeses e vietnamitas; dos restaurantes em Bogotá onde se pode encontrar este tipo de comida, assim como do *ranking* de preços e da qualidade.

O par de corpulentos volta a aproximar-se. Agora a mulher tem os olhos vermelhos e as bochechas mais rosadas do que antes.

Não queria ir-me embora sem lhe agradecer mais uma vez, mestre, diz a Ramelli; tê-lo encontrado aqui hoje é um sinal.

O homem que a acompanha concorda com veemência.

Veja só, continua a mulher de mala vermelha, camisola de gola alta e batom da mesma cor, o meu bebé hoje pediu-me em casamento e ao dizer isto deixa escapar um suspiro estrondoso, logo hoje. Acredita nisto?

Incrível, disse Eduardo, ao mesmo tempo que dava um grande gole no seu *gin tonic*.

É um sinal, insiste a mulher, e um sinal que não teria descoberto se não o tivesse lido. Querido mestre, permita-me que o convide para o nosso casamento.

Seria a maior das honras, acrescenta o corpulento; mas estamos a ser mal-educados... ainda nem nos apresentámos. Alfredo Largacha, proctólogo e um criado às suas ordens, disse, estendendo-lhe a mão.

Ramelli aperta-lha, mas só depois de a observar, talvez mais atentamente do que o que mandam as boas maneiras nestes casos.

Gloria Motta, bacteriologista, diz ela, estendendo também a mão.

Foram feitos um para o outro, diz Eduardo com o mesmo sorriso crispado.

Depois de ficar a saber que o casamento teria lugar no município de

Cachipay, Ramelli promete fazer os possíveis para estar presente, mas avisa-os de que lhe parece ter uma viagem marcada por volta dessa data. O doutor Largacha deixa-lhe o cartão-de-visita, «porque nunca se sabe quando o proctólogo é indispensável», rematou, piscando um olho. Ramelli, em jeito de resposta, apresentou Karen, que, pelo canto do olho, achou tão irresistível, e, ao reparar no olhar lascivo com que o médico a admirava, não foi capaz de evitar a tentação de dizer: Apresento-vos a Karen, a minha namorada.

Karen quase se engasga com uma batata frita, mas, apesar da vermelhidão e da timidez, consegue levantar-se para cumprimentar o par.

No final do almoço, diante de um gelado frito que Ramelli saboreava enquanto bebia pequenos goles de um café expresso duplo, parece lembrar-se da conversa inicial.

Onde é que eu fiquei? Ah, sim... depois de viver a minha vida, sem saber qual era o rumo a seguir e a viver cada momento sem pensar no futuro, aparece alguém capaz de me cortar a respiração, e esse alguém és tu...

Eduardo continua a falar enquanto repete o movimento rítmico e suave de lhe apertar a palma da mão e de a olhar com intensidade.

Dois dias depois, quando seguia no autocarro, Karen reconheceu nestas palavras a letra de «Aventurera» de Carlos Vives.

Mas naquele momento não quer pensar em Ramelli como se fosse uma fraude, quer deixar-se levar pelo romance, sentir-se como uma miúda de quinze anos alvoroçada. Ramelli acaricia-lhe o rosto e beija-a intensamente ali, na esplanada daquele restaurante anódino, como se fossem um par de namorados.

Mesmo antes de entrarem no elevador, quando, mais do que andar, Karen flutua, apesar dos saltos altos de oito centímetros que lhe torturam os pés, enquanto ele a agarra pela cintura e ela se sente como uma princesa, dão de caras com um homem de nariz aquilino e pêlos no peito.

Doutor, prazer em vê-lo, diz Eduardo.

Igualmente, mestre, responde o médico.

Apresento-lhe a minha namorada, diz Ramelli, e dessa vez Karen cumprimenta sem corar.

Muito prazer, Karen Valdés.

Roberto Venegas, apresenta-se o médico.

Já no elevador, Karen pergunta: É o teu médico?

Não, querida. É um dos meus funcionários da Cruz Salud, a EPS que eu e o meu sócio temos.

Tens uma entidade de saúde?, pergunta Karen.

Vê tu bem!

Fazes tantas coisas, diz, já decidida a satisfazê-lo e a ser a sua namorada de domingo. Vais levar-me a passear?, e agarra-lhe a mão.

Vou levar-te a voar. Mas antes disso tenho uma surpresa...

Ramelli tira um embrulho da parte de trás do carro. *Carolina Herrera*, lê Karen no saco, e já não precisa de mais palavras ou gestos para sentir que aquilo é amor puro e verdadeiro.

Karen chegou a contar uma boa parte do que sucedeu naqueles meses omitindo Wílmer, não sei se deliberadamente ou se por o seu inconsciente silenciar a recordação daquele homem; o único que procurava.

Lucía, no entanto, acredita que Karen calou sempre muitas coisas. No dia em que falou da sua festa de quinze anos, não fez qualquer referência ao alisamento do cabelo nem a como todo o procedimento lhe doeu. Talvez, devido ao desejo de preservar uma boa memória, a sua mente evitasse recordar as coisas que lhe eram penosas.

Só algumas semanas mais tarde trouxe o assunto à baila enquanto me fazia uma massagem. Já deitada na marquesa, cocei a cabeça várias vezes. Disse-lhe que os produtos da *Pantene* me irritavam o cabelo, que era muito gorduroso e que tinha de o lavar todos os dias. Karen pareceu ausente por um momento, não disse nada sobre o assunto e de repente, enquanto me desfazia um nó nas costas, começou a falar:

A primeira vez que fiz um alisamento com produtos químicos foi para a festa dos meus quinze anos. A minha mãe explicou-me que, se eu coçasse a cabeça, ficava com feridas. Quando fico nervosa, dá-me sempre para coçar a cabeça. Foi uma dor como nunca tinha sentido. Fiquei com o couro cabeludo cheio de feridas.

Eu gosto de caracóis, disse. Nunca experimentaste deixá-los ao natural?

Quando era muito pequena. Na escola diziam-me que parecia um macaco. Faziam sons de orangotango para mim e para outras raparigas com cabelo afro. Algumas, apesar de muito pequenas, já iam alisadas.

E a tua mãe?

A minha mãe faz o alisamento com produtos químicos desde que eu me lembro. É um ritual que se repete de dois em dois meses, religiosamente. Tal como as mulheres que aqui vêm: de duas em duas semanas a cera, de oito em oito dias as unhas, de mês a mês a limpeza facial, de três em três semanas as

pestanas postiças... E isto sem contar com os tratamentos estéticos, a depilação a laser, o *botox*, enfim, tanta coisa que há agora. Eu, de tudo o que há, nunca deixo de fazer o alisamento nem a cera. O alisamento é uma loucura não só porque dói, mas também porque cheira a ovos podres. Faz arder os olhos. Em Cartagena sabem disso. Passam o ferro, enrolam, desfrisam e voltam a desfrisar, domam os caracóis mais selvagens. O Nixon dizia que era desprezar os nossos antepassados. Eu não sei nada sobre isso. Só sei que não gosto de me ver ao espelho como se fosse uma preta despenteada. Acreditei algum tempo no Nixon. Pareceu-me que tinha alguma razão. Se Deus me fez com o cabelo encaracolado, para quê contradizê-lo? Pensava eu, que então ia à igreja quase tanto como alisava a cabeça. Deixei de fazer o alisamento, mas, como já o fazia há quatro anos, o cabelo não se encrespou logo, ficou muito estranho, como uma escova de arame dura. Sentia-me feia, depois engravidei e fiquei triste. Não suportava ver-me ao espelho. O Nixon insistia em chamar-me preta. Mas eu nunca tinha pensado nisso. Em mim como uma preta, não. Pensava logo na minha mãe, de quem me ria por dizer que era «canela» quando é preta retinta. Mas eu, eu tenho outra cor de pele, eu, sim, sou quase canela, talvez o mais negro que tenho seja este cabelo espesso e intratável. Na televisão estão sempre a falar do cabelo brilhante, sedoso, suave, o cabelo dos negros não tem nada disso. O afro é para os que vivem nas ocupações de El Pozón, foi isso que a minha mãe me ensinou desde pequenina, para os que vivem no meio do lixo ou nos pântanos, sem trabalho, sem sequer terem papéis, sem uma casa. Foi isso que me ensinaram, por isso, quando o Nixon me chamava preta e me lia poemas de Artel, eu sentia o sangue ferver-me por dentro, como um orgulho que não conhecia de uma coisa que de um modo geral me envergonha. Sei que sou bonita, ou pelo menos que sou bem feita, sei que os homens olham para mim, que me desejam, mas sei que com um cabelo afro os mesmos homens que se orgulham de me exhibir como se fosse o prémio que lhes saiu na lotaria teriam vergonha de mim. Quando me chamam índia, não me incomoda tanto. Ao fim e ao cabo, temos a índia Pocahontas, que é bonita e que aparece num filme da Disney. Ser preta parece-me pior, e não suporto que me tratem assim, só as pessoas que tenho a certeza de que gostam de mim e que o dizem

de modo carinhoso. E a si, pareço-lhe preta, D. Claire? Acho que sou mais ou menos da cor do presidente Obama, mas com traços de branca e cabelo de alcatrão. O meu cabelo tem sido um sofrimento. Odeio o cheiro dos produtos químicos. Às vezes dão-me vômitos e, quanto mais os anos passam, mais os odeio. Mas, apesar disso, não seria capaz de deixar de os usar. Quando engravidei, dizia para mim própria que, pelo menos, precisava de me sentir linda. No fim de contas, para mim, sentir-me linda e ter o cabelo liso são a mesma coisa.

Fiquei em silêncio. Sabia que Karen alisava o cabelo, mas não imaginara o martírio por detrás disso.

Karen massajou-me as barrigas das pernas, depois ocupou-se dos meus pés durante algum tempo, parecia ter mergulhado no sótão dos seus pensamentos.

O Nixon pensava de maneira diferente, diz de repente. Se fôssemos mais como o Nixon, talvez as coisas nos corressem melhor, acrescenta. Eu é que, sinceramente, não gosto do cabelo afro. O que havemos de fazer? Lá no bairro havia uma negrinha linda que desistiu do cabelo afro. Julga que conseguiu trabalho? Era bem bonita e tinha estudos, mas ninguém quer uma desordem daquelas no seu escritório, no seu consultório, na sua loja e ainda menos no seu salão de beleza. Já viu uma melena afro bem comprida e agreste? É como um ciclone, um tsunami. A minha mãe via-a passar e dizia-lhe: «Vou pentear-te um dia destes, quando estiveres a dormir, e vou fazer uma almofada.» Eu ria-me. A rapariga andava a tirar um curso esquisito. Acho que era Sociologia. Tentava juntar as pessoas, como o Nixon, falar-lhes do orgulho, dos antepassados e da importância disso tudo, e numa reunião houve uma senhora que lavava roupa que lhe disse: «E tanto orgulho e irritação serviram-te para arranjares trabalho?» Os outros largaram uma gargalhada. Eu tinha pena da rapariga, pois alguma razão havia de ter, não se devem discriminar as pessoas pelo cabelo, isso eu entendo, mas também percebo que um afro não fica bem num escritório. Acontece que a rapariga saiu do bairro. Nunca mais soubemos o que foi feito dela. Alugara uma parte de casa numa vizinha, mas só ficou lá alguns meses. Talvez não fosse o local mais indicado para ela. Às vezes lembro-me dela, embora me tenha

esquecido de como se chamava. Espero que alguém lhe tenha dado trabalho e que não tenha sido preciso alisar o cabelo. Para ela teria sido, muito mais do que doloroso e aborrecido, um verdadeiro trauma. Pode virar-se, D. Claire?, pediu-me.

Fiquei a observá-la. Via a silhueta dela. Os seus lábios, que achei mais carnudos do que nunca. Os seus olhos pardos; e imaginei-os a olharem de noite. Confesso que quis beijá-la. Quis, mas, em vez de o fazer, fiquei quieta, totalmente quieta. Procurei controlar o ritmo da respiração. Fechei os olhos. Desejei que a massagem de Karen nunca acabasse e que a voz dela, aquela voz que tantas vezes me ecoava nos ouvidos quando à noite, na cama, dava voltas sem conseguir adormecer, me falasse ao ouvido, doce, suavemente, devagar, com a sua cadência lenta e brincalhona, com a sua intensidade de tambor, com o seu sabor, com a sua língua.

Eram três da tarde de uma terça-feira; os funcionários usavam chapéus de festa. Partiam um bolo coberto com uma generosa dose de *chantilly*, e a mulher da limpeza, também com o respectivo chapéu de festa, distribuía soda *Colombiana* por copinhos de plástico.

Desculpe, disse Consuelo levantando a voz para se fazer ouvir, apesar do volume da música. Queria saber se o senhor agente se encontra no escritório.

Não está, fez ponte, só volta amanhã.

Mas a ponte não acabava hoje?

Se calhar tirou o dia, não sei, respondeu a secretária visivelmente aborrecida. Além disso, não sou só secretária dele.

Poderia dar-me o número do telemóvel dele?

Não, minha senhora, não posso. Não estou autorizada.

É que ele ficou de me pôr em contacto com o agente da secção criminal que vai tratar do caso para que possamos falar de... disse-me que cá viesse hoje.

E o advogado?, pergunta a secretária.

Como?

Eles normalmente atendem os advogados do caso, não as famílias, explica a secretária antes de acrescentar: interponha uma acção de impugnação. Sem impugnação será muito complicado atenderem-na, ele deve ter uns quinhentos casos no gabinete?

Mas o agente disse-me que...

Repare, ele tem de gerir muitas pessoas, não consegue dar conta de tudo, disse a secretária levando o copo de *Colombiana* à boca.

E não deixou indicação para eu pedir o boletim clínico da minha filha no San Blas?

Não, minha senhora, não me deixou nada, nada, respondeu a secretária e retirou-se aos pulinhos, pois os colegas já tinham acendido as velas do bolo e

esperavam por ela para cantar o *japi verdi*.

Consuelo seguiu-a e disse-lhe que o agente lhe dera um número de telefone errado, que disparava sempre o atendedor de chamadas.

Não posso fazer nada, menina, disse-lhe. *Sorry*, bebé.

Nessa tarde, Consuelo Paredes ligou para o ex-marido e contou-lhe de Kollak e das suas visitas ao tribunal. Ao contrário daquilo que esperava, ele reagiu positivamente à contratação do detective e até se ofereceu para ajudar a pagar os honorários. Também se comprometeu a ajudar a procurar um advogado competente para agilizar o processo. Consuelo comentou os progressos de Kollak e dos seus homens, que, ao que parece, eram seus sobrinhos. Disse-lhe que tinham estado lá em casa e virado o quarto de Sabrina de pernas para o ar.

Encontraram alguma coisa?

Uma nota escrita numa página de caderno.

O que diz?

«Sabias que existem mais de trinta tipos de beijos? E ainda só demos um. Espera que eu volte e ensino-te os outros vinte e nove», leu Consuelo.

Que nojo!, exclamou Jorge Guzmán. E está assinada?

Tem as iniciais LAD.

LAD?, perguntou Jorge Guzmán.

Não faço ideia, retorquiu Consuelo.

Julgas que é ele?

Quem sabe? Mas, para se poder fazer o teste grafológico, é preciso saber o nome.

Vamos averiguar quem é esse tal LAD.

Consuelo preferiu ficar calada. Ia começar a contar-lhe pormenores da visita ao Hospital de San Blas e da matriz de procedimentos que seguiriam, quando o ex-marido a interrompeu: Julgo que o melhor é falarmos destes assuntos pessoalmente, nunca se sabe.

Nunca se sabe o quê?

Se alguém nos está a ouvir. E já falei de mais. Vemo-nos amanhã, e mantém-te calma. A algum lado havemos de chegar.

Jorge, o que fizeram à nossa menina?

Do outro lado da linha, Consuelo ouviu o pai da falecida filha desfazer-se em pranto.

Um golpe seco nas costelas, como uma punhalada, tirou-a do seu ensimesmamento. «Vais fazer aquilo que eu disser», ordenou Luis Armando, que nessa altura já se transformara numa coisa estranha, num monstro que sabia bater, que sabia como e onde pôr a mão para não deixar marcas e apenas dor na sua vítima. «Mas não fiques com essa cara de medo, assim não me dás vontade de te comer», disse-lhe enquanto procurava o tubo de papel para snifar outra linha. «Que estás a fazer?», atreveu-se Sabrina a perguntar ao vê-lo esfregar-lhe cocaína na vulva. «Eu deixo.»

A última coisa que Sabrina pensou foi que era tudo culpa dela. Nunca chegou a conhecer aquela pessoa que agora a sacudia de um lado para o outro, que usava o seu corpo para descarregar a raiva que tinha do mundo. Para ela, ele foi uma voz suave, uma voz que a fez sentir-se especial. Um homem elegante, com classe, que a achava bela. E meiga. Bela e meiga, dissera-lhe daquela vez no Unicentro, quando a convidou para um hambúrguer. Um tipo com uma carrinha *BMW*. E *sexy*, acrescentou da segunda vez que se encontraram, um mês mais tarde. Nesse dia, foi delicado ao beijá-la e perguntou-lhe por duas vezes se era virgem. Seriam todos os homens monstros na intimidade? Sabrina sabia que não. O seu pai não era um monstro. Era um homem bom. Pensar no pai deitou-a abaixo, e esta queda fê-la sentir com mais premência a vontade de urinar que já sentia há algum tempo. A dor voltou, e com ela os seus pensamentos esfumaram-se. Já não pensaria que não faria nada do que tinha imaginado, que não conheceria o amor, que não seria mãe, que não estudaria gastronomia e que não viveria fora do país, como imaginara. Morreria sem pensar que nunca mais voltaria a ver a mãe ou o irmão, que não estaria presente na festa de formatura da escola, que não conheceria Los Angeles, que não chegaria a experimentar marijuana nem voltaria a sentir que era a mulher mais *sexy* do mundo e também não faria as pazes com o pai, a quem nunca perdoara ter-se

divorciado e formado outra família.

Agora Sabrina sabia que tinha sido injusta. As relações acabam, um dia o amor desaparecia, e não era culpa de ninguém. O pai encontrara uma mulher que o acompanhava, tudo bem. Agora via as coisas desta maneira. Pareceu-lhe que Luis Armando se mexia a uma velocidade impossível, pressentia-o a subir pelas paredes até ao tecto e a regressar ao chão. Largou uma pequena gargalhada idiota. Já não sentia nada ou sentia, mas isso não a incomodava. Talvez se a mãe se tivesse mostrado mais disposta a falar. Talvez se não tivesse sido uma imbecil, pensou. Tentava seguir as instruções de Luis Armando mais depressa, mais devagar, mais ritmado, que imaginara ser um *Chupa-Chups*, bom, um gelado, que ao mesmo tempo subisse e baixasse a mão, mas mais depressa, não, mas não tão depressa, que era muito pacóvia, que o melhor seria desaparecer da merda do seu quarto, gritou-lhe, e então Sabrina pensou que aquele pesadelo estava prestes a terminar, uma vez lá fora, no passeio, tudo teria terminado, só teria de descer e chamar um táxi, um telefone, ligar para a mãe, nunca mais sairia com um nojento como este, um desconhecido, um psicopata disfarçado de galã, mas então o «nunca mais» deu uma volta inesperada, e ele agarrou-a pelo pescoço como se fosse estrangulá-la, ela deixava as lágrimas correrem, não conseguia gritar, não podia fazer nada, ele ergueu-a pelo pescoço e disse-lhe que nunca saberia fazer um homem feliz, que o seu corpo de menina doente dava vontade de rir, Sabrina quis levantar-se, mas sentia-se fraca, Luis Armando continuava no seu jogo, abanava-a como se fosse uma boneca, puxava-lhe o cabelo, virava-a de um lado para o outro, ela não opunha resistência, já não conseguia chorar, pensou que já estava morta, pensou que era um alívio acabar por morrer, pensara que ia morrer da primeira vez que desejou que aquilo passasse, supôs que já estava há mais de uma hora no quarto e soube que ninguém viria salvá-la. Já não importava. Fechou os olhos. O coração ia explodir. Sangrava. Não sabia por onde, mas sangrava. Uma tepidez viscosa algures, talvez no fundo das pernas. Não sabia onde. Todo aquele sangue, pensou. Já não sou virgem, disse para si própria. Já não. Lembrou-se das luvas brancas do Gimnasio Femenino. «O símbolo da pureza», costumava dizer a reitora. Não o viu a vestir-se à pressa nem a atar os atacadores dos sapatos com agilidade

enquanto voltava a fazer o nó da gravata, como se tudo tivesse sido uma actuação magistral e não estivesse nem bêbado, nem drogado, nem louco. Não o viu passar a cara por água. Não o viu sentar-se na cama e ligar ao pai. Não o ouviu dizer o que tinha acontecido, nem ouviu quando o pai lhe disse que Ramelli trataria do assunto, que se mantivesse calmo. Não se viu a si mesma com a boca aberta, os olhos aterrorizados, como se toda a sua vida tivesse ficado suspensa num grito, e não se apercebeu de nada disto, porque, depois de muito o temer, e depois de o desejar intensamente, Sabrina estava morta.

Para Diazgranados, uma psicanalista não era muito diferente de uma terapeuta da fala ou de uma nutricionista. Talvez por ter estudado em Paris tivesse melhores técnicas para o ajudar a perder cinquenta quilos sem parar de comer, pensou. No entanto, aquilo que realmente o levou a telefonar foi a tal pergunta sobre o seu filho. Aníbal quis saber se Luis Armando tinha uma amiga chamada Aline, e o filho respondeu-lhe que não a conhecia. Porque razão a doutora, que aparentemente não tinha qualquer ligação com ele ou com a sua família, mentia para lhe sacar o nome do filho? Pediu uma marcação. Porém, depois de a obter, pediu que a seguissem. Foi assim que ficou a saber que um dos lugares que mais visitava era um salão chamado A Casa da Beleza, do qual, por acaso, a mulher também era cliente assídua.

Depois ficou a saber que quem atendia tanto Claire Dalvard como a sua mulher era uma rapariga lindíssima chamada Karen Valdés, a putazinha que Ramelli tratava como uma namorada. Pensou que o cão não se deixa capar duas vezes e resolveu que teria de ficar alerta quanto ao assunto. O que poderia saber a rapariga acerca do sucedido? O jornal não noticiara que uma das últimas coisas que Sabrina Guzmán fizera antes de morrer fora uma visita ao salão de beleza na Zona Rosa? E se o salão de beleza fosse o mesmo? E se Claire, a sua mulher, Karen e a defunta estivessem ligadas num espaço vedado aos homens no qual cabiam todas as conspirações, o secretismo?

Já passava das sete. As segundas-feiras eram um bom dia na Casa, mas esta fora especialmente má. Karen queria falar com Susana, contar-lhe que ia viver sozinha. Vinha com vontade de conversar, de se deitar no sofá e de tagarelar com a amiga. Nessa noite não tinha clientes. Pelo caminho, comprou um gelado. Seria a sua última noite sob o mesmo tecto, iriam divertir-se. Mal entrou, percebeu que as coisas não iriam ser como imaginara. Embora o espaço fosse pequeno, não se conseguia ver o outro lado devido ao fumo. Deitada no sofá, Susana via *Protagonistas de Novela*. O ambiente

tresandava a marijuana. Karen cumprimentou-a, mas Susana não lhe respondeu. Sentou-se ao seu lado, mas não desviou os olhos do ecrã, onde um grupo de homens e mulheres, num estúdio pobre, andavam de um lado para o outro vestidos com *t-shirts* pretas com os seus nomes estampados. Karen leu «Júver», «Yina», «Everly», «Omar» e «Ana María». Sentou-se junto à amiga. Reparou que Yina, enfiada nuns *jeans* muito justos, com extensões no cabelo, pestanas postiças e rímel azul, dizia para Júver: «Deve ser mesmo traíçoera a cadela que votou na sua melhor amiga para a expulsar da casa.» Na cena seguinte, Júver enfiava a língua na orelha de Ana María.

Como estás?, tentou Karen.

Estou a ver isto, disse Susana ao mesmo tempo que dava uma passa num charro.

Este programa é asqueroso.

Como única resposta, Susana aumentou o volume.

Não és obrigada a ver, se não queres, disse.

E Karen sentiu um cheiro a álcool no ar.

Dás-me um gole da tua *Coca-Cola*?

Vai buscar uma, há mais na cozinha.

Só quero um gole, Karen pegou no copo. O rum está bom.

Sei o que estás a tentar fazer, respondeu Susana.

Karen desligou o televisor no preciso momento em que Andrea Serna dizia: «E o ameaçado da semana é.» Susana levantou-se, colérica.

Dou-te guarida em minha casa, abro-te a porta para um trabalho bem pago... Mais do que isso, um trabalho que te vai mudar a vida! E tu apareces aqui a julgar-me como se fosses melhor do que eu.

Se o trabalho me vai mudar a vida, espero que não seja como mudou a tua.

Que queres dizer com isso?, perguntou Susana.

Andas a beber muito. Passas a vida bêbada... e pedrada.

E?

E isso não é bom.

Então, o que é bom para mim, na tua opinião, mosquinha morta?

Karen ficou calada. Susana ligou o televisor. Já não estava a dar

Protagonistas de Novela. Uma voz dizia «Guerrilheiro, desmobiliza-te, a tua família está à tua espera», e via-se um campo verde com girassóis sob um céu azul ao fundo e uns miúdos a correrem pelo prado.

Vou-me embora, disse Karen.

Desaparece.

Não, estou a falar a sério. Encontrei um apartamento e vou ficar com ele a partir de amanhã. Já paguei o mês de Outubro.

E o Emiliano? E o teu sonho de o mandares vir para viver contigo? Eu sabia, sabia que era tudo pura merda, disse Susana. Encara as coisas, boneca. Andas há anos a contar mentiras a ti própria. Não és melhor do que eu e já te esqueceste do teu filho.

Karen deu-lhe uma bofetada. Susana fitou-a fixamente e continuou: Quanto te custou alugar esse apartamento? Se até te tinha dito que podíamos receber o Emiliano aqui. Que te ajudava.

Aqui não há espaço, apressou-se a responder Karen.

E lá sim? Tens um quarto para ele? Ou não tens porque o dinheiro para pagares um apartamento de duas divisões já o tiveste, mas gastaste-o em botas, blusas, malas e perfumes?

Sem dar resposta, Karen agarrou na agenda de telefones de Susana, no telefone sem fios e fechou-se na casa de banho.

És uma puta! Aceita isso! Uma cadela, uma interesseira. Já só queres ter coisas bonitas, *bitch!*, gritou Susana ao mesmo tempo que batia na porta da casa de banho.

Cheia de raiva, Karen procurou a letra «M» de mãe na agenda da amiga. Ali estava o número da mãe de Susana, que nunca vira, mas já ouvira ao telefone com a filha. Marcou o número que encontrou, esperou que tocasse duas, três vezes.

Está lá?

Estou a falar com a mãe da Susana?

Sim, quem fala?

Fala Karen Valdés, sou amiga da sua filha.

Aconteceu alguma coisa à Susy?, perguntou a voz do outro lado.

Sim, minha senhora. Sofreu uma recaída. Anda a beber demasiado, a

consumir drogas, a dizer incoerências, está fora de controlo, talvez seja preciso interná-la, acrescentou Karen num tom de voz pausado. Lamento imenso. Fiz tudo o que pude, minha senhora, mas a verdade é que a sua filha está doente, e eu não a posso ajudar.

Quando Karen saiu da casa de banho, Susana desaparecera. O televisor continuava ligado. Guardou as suas coisas na mala tão depressa quanto conseguiu e saiu. Nunca mais teve notícias de Susana.

Tinham-se passado anos desde a última vez que fizera pés e mãos, mas hoje teria de fazer pelo menos quatro. Dilia não viera, e tinham de dividir as substituições.

Sentada de cócoras, Karen limava os calos do doutor Del Castillo com uma pedra-pomes. Ao lado encontrava-se a mulher deste, a ser atendida por Nubia, a mais antiga da Casa.

Karen olha para aqueles pés ressequidos de unhas esverdeadas e imagina como será o membro do doutor Del Castillo. A ideia provoca-lhe uma ligeira náusea, e sente um desejo pungente de esfregar as costas na parede.

Sim, menina, uma pena, a sério. Tu, que és nova, devias sair do país, começar noutro lado. Aqui cresce esta «nova Colômbia» de gente com dinheiro, mas vinda sabe-se lá de onde, dizia D. Elena para a senhora María Elvira.

É claro que nós, os do Country, continuamos a ser os do Country. Mas, presta atenção, o problema dos *nouveaux riches* está em toda a parte.

Exacto, responde D. Elena.

E isso para não falar na violência tão terrível.

Hoje em dia, apanhar um táxi é como atirarmo-nos de um quinto andar.

Mas não ouviram a notícia na rádio hoje de manhã? Um tal John saiu de uma dessas residências de Chapinero na madrugada de domingo e, por não deixar que o levassem a dar o passeio milionário, deram-lhe três tiros, intervém o doutor Del Castillo.

Ah, sim, diz D. María Elvira, que parece saber tudo. John Toll, agente da DEA; no Twitter informaram que o coitado não sobreviveu, uma pena, era um lourinho tão querido...

Karen sente vontade de vomitar, mas aguenta. Vê três pés em vez de um. Faz um esforço. Respira, como lhe disseram para fazer. Concentra-se em inspirar e expirar. Tenta contar até cem, como a aconselharam a fazer quando

está à beira de um ataque de pânico. Tenta imaginar que está no campo. Continua a ver três pés em vez de um. Não consegue contar além de dez.

Que vergonha perante a opinião internacional, diz D. Elena, é por isso que olham para nós como olham.

Que miséria de país, acrescenta D. María Elvira.

Esses bandidos deviam ser apanhados e receberem aquilo que merecem, diz o doutor Del Castillo. E sabes os pormenores do incidente?

O homem resiste a entregar a mala, e então dão-lhe três tiros. Está a esvair-se em sangue quando um bom samaritano o leva ao Hospital de San Ignacio, mas mal chega o coitado esvai-se...

E onde é que isso aconteceu?

No parque «S» da cinquenta e nove, imaginem!

Uma monstruosidade, diz o doutor Del Castillo.

Karen interroga-se se haverá outro *gringo* que tenha saído das residências de Chapinero, atravessado o parque da 59 na madrugada de domingo e apanhado três balázios que não fosse o John que na madrugada de domingo lhe entregara um envelope com setecentos mil pesos.

E o que andava esse tipo a fazer no Chapinero a essas horas?

Pois, com certeza, com uma prostituta. Não vês há que por ali residências?, diz D. María Elvira.

Nesse preciso momento, Karen perde o controlo do corta-unhas. O doutor Del Castillo dá um grito.

E a prostituta não seria uma cúmplice?, pergunta D. María Elvira ignorando o grito.

Ai! Minha filha, cuidado que estou quase morto, mas ainda não morri! Pobrezinha, diz o doutor Del Castillo quase entredentes, o facto de ser prostituta não faz dela uma assassina. Umas gotas de sangue correm pela água.

Desculpa, mas uma prostituta não é nenhuma santinha, diz D. María Elvira.

Pobre família, acrescenta D. Elena.

Pobre, concorda D. María Elvira em eco. Sabiam que o tipo lutou no Afeganistão e vem morrer a Bogotá às mãos de um índio selvagem? Não há

direito.

Peço desculpa, diz Karen num tom de voz que mal se ouve. Corre para a casa de banho. Vomita. Depois, senta-se na sanita. Tem a cabeça a andar à roda. Tenta pensar. Por um momento quer ligar a Wílmer, perguntar-lhe se foi ele que o fez. Tem uma obscura suspeita. Levanta-se. Desce ao segundo andar sem dar explicação ao doutor Del Castillo, que fica a olhar para ela, boquiaberto. Entra na cabina, procura na carteira o cartão de Consuelo Paredes e liga-lhe. Luis Armando Diazgranados, D. Consuelo. Foi com ele que a sua filha se encontrou no dia em que lhe fiz a depilação.

Com quem estou a falar?, diz Consuelo Paredes, ainda em choque.

Com a Karen, da Casa da Beleza.

Como assim?, quase grita Consuelo Paredes. Porque não disseste antes? Que mais sabes? Fala!

Não sei. Estou desconfiada de que isto vai acabar mal. Peço-lhe, por favor, para não dizer que fui eu quem falou. Se mais tarde me acontecer alguma coisa, procure Claire Dalvard, encontra o número dela na Sociedade Nacional de Psicanálise.

LAD, diz Consuelo como se falasse para si própria.

Como diz?, acrescenta Karen.

Esquece e obrigada por teres ligado.

Ao desligar, Karen volta a pensar se deve telefonar a Wílmer. Hesita. Marca o número, e o telefone toca. Do outro lado, ninguém responde.

Jorge Guzmán arranhou um advogado que soube accionar o processo do caso e, no espaço de poucos dias, garantir que um agente comesse a trabalhar na investigação. Tinham uma lista de entrevistas a realizar: a duas amigas de Sabrina, ao médico que redigira a certidão de óbito e a Karen Valdés, por ter sido a última a vê-la. Pelas esquadras da cidade circulava um retrato-robô do taxista que deixara Sabrina à entrada da sala de urgências. Por outro lado, graças a uma ordem judicial, puderam começar a indagar nos hotéis do Norte da cidade, a mostrar uma fotografia de Sabrina e a perguntar se a tinham visto. Também procuraram o nome dela nos livros de registo, mas suspeitaram que entrara com um nome falso e que este não seria o melhor caminho. No que dizia respeito à autópsia, não foi possível encontrar coincidências de ADN ou sémen por se terem passado quase três semanas entre os acontecimentos e o momento do exame. Tinham conseguido uma amostra da caligrafia de Luis Armando Diazgranados e, segundo os cálculos de Kollak, o teste grafológico levaria duas semanas a ficar concluído. Se coincidissem, poderiam ligá-lo ao caso e pedir imediatamente uma listagem das chamadas que realizara nos últimos seis meses e começar a segui-lo. A prova de ADN, que teria sido a evidência mais contundente, só teria servido se a autópsia tivesse sido realizada dez dias antes. Apesar disso, o processo estava em curso. Pela primeira vez em quase quatro meses, Consuelo Paredes e Jorge Guzmán não se sentiam completamente derrotados.

Estavam a 31 de Outubro, o dia do seu aniversário. Como se fosse uma coisa especial, Lucía comprara um pão de chocolate e estava a comê-lo com uma taça de morangos. Folheava o jornal quando uma fotografia de Eduardo a apanhou de surpresa. Já não se tratava do artigo que lera há cerca de dois meses, no qual se falava de Cruz Salud como uma das entidades prestadoras do serviço suspeitas de corrupção, agora acusava-se directamente Eduardo Ramelli, na qualidade de representante legal, de estar a roubar recursos ao Estado. Leu o artigo, e ainda não chegara ao fim quando o telefone começou a tocar e nunca mais parou. Contudo, não eram pessoas a ligar-lhe para lhe darem os parabéns, eram pessoas que estavam incomodadas com o artigo e que lhe telefonavam para expressar a sua solidariedade para com Ramelli. Ouviu frases como «deviam fechar esse pasquim por dizer mentiras» ou «sabemos que o Eduardo nunca faria uma coisa dessas», usando um plural que Lucía achava confuso por não saber quem incluía. A própria mãe de Lucía ligou e resolveu rapidamente as felicitações para lhe dizer que estava com ela em momentos tão duros, uma frase feita que Lucía interpretou como um gesto de solidariedade mais dirigido ao ex-marido do que a si própria. Num tom confidente, concluiu: «Deviam mandar esses jornalistas para a prisão por infâmia.» Lucía preferiu ficar calada. Preparava-se para desligar o telemóvel quando recebeu a minha chamada.

Como estás?, perguntei.

Lucía desatou a chorar.

Queres que vá a tua casa?

Despacha-te, disse.

Olhava em volta com estranheza. Agora as coisas, aquelas que sempre a tinham acompanhado durante toda a vida, pareciam alheias. Ela mesma, a sua própria vida. Estava desgostosa. Não percebia porque tomara as decisões que tomara. Já era demasiado tarde para se reinventar, pensava. Já ia com

cinquenta e sete anos de atraso para começar de novo.

Levei-lhe uma caixa de chocolates e uma manta de lã. Lucía preparou chá. Cheguei bastante depressa, atendendo aos padrões do trânsito da capital, e recebeu-me de *sweat-shirt*, com a cara vermelha e congestionada.

Como estás?, voltei a perguntar, agora fitando-a nos olhos.

Lucía tirou um chocolate da caixa e ficou a olhar para ele antes de o levar à boca.

Achas que é verdade?, perguntei.

Sim, respondeu Lucía a olhar para outro lado e acrescentou, a vida de uma pessoa é uma invenção, não achas? Uma coisa que uma pessoa inventa do princípio ao fim. Mesmo os supostos momentos felizes que lhe dão sentido são uma invenção.

Mal acabou de dizer isto, devorou um chocolate de uma só dentada.

Outro?, perguntei.

Que se lixe! Serve-me um uísque, pediu Lucía.

Pareceu-me desnecessário referir que era terça-feira e pouco passava das dez da manhã. Abri os armários até dar com a garrafa, fui procurar um copo, enchi-o até cima e passei-lho.

Tu não bebes?, perguntou-me.

Tenho doentes à uma hora.

No entanto, depois de dizer isto, levantei-me e servi um para mim, embora em menor quantidade.

Dantes interessava-me pelo mundo... Houve uma época em que tive uma curiosidade inusitada por coisas pequeníssimas, sabes? A vida dos ácaros, das pulgas...

Lucía bebeu um grande gole de uísque.

Julgo que o meu pai sempre me viu como uma mulher inteligente, mas na cabeça dele o meu papel principal era casar com alguém importante, um ministro. Ele achava-me muito suave e discreta. Dizia à minha mãe: «A Lucía é tão suave e discreta. Vai casar muito bem.» Aquilo espantava-me num homem como o meu pai.

Como foi essa história das pulgas?

Interessavam-me. Se calhar podia ter sido bióloga, especialista no órgão

reprodutor das baratas, por exemplo.

Se calhar...

O Eduardo já não está comigo, é verdade, mas eu também não estou. Estás a compreender-me? Já não resta nada no lugar onde eu estava, Claire. Resta este corpo velho e feio, estes desejos desfeitos de uma vida simples, com alguns vislumbres de felicidade. Eu sempre quis aprovação, Clairezinha. Foi este o meu carma. Se apenas pudesse voltar a viver a minha vida, disse Lucía e bebeu um gole de uísque.

Estás desgostosa?

Não sei, respondeu Lucía pegando na manta que estava em cima do sofá e dobrando-a meticulosamente. Estou triste. Porque é que alguém se empenha em viver uma vida que não é a sua?

É verdade, é isso que não tens, filha, disse-lhe.

Atirou-me uma almofada.

Nem isso sequer, acrescentou com um sorriso forçado. Ainda bem que o meu pai não viveu para o ver. Teria apanhado uma tremenda decepção.

Lucía calou-se. Olhou para o infinito, como se estivesse a ver um programa de televisão na parede. Também pensava em quantas mulheres sentiam que tinham estragado as suas vidas por quererem satisfazer um terceiro, por fazerem as coisas para serem vistas a fazê-las, mais do que pelo gosto ou pela intenção de as fazerem. E talvez muitos homens também, mas disso não tinha provas.

Embora não achasse que fosse esse o meu caso, acreditava, isso sim, que saíra quase a fugir de uma sociedade que achava limitada, para chegar a um país onde sempre fui estrangeira. Era um pássaro sem árvore e, no entanto, sentia-me bem. Mesmo assim, não era completamente feliz. Era tão difícil aprender a alcançar a medida certa. Entregarmo-nos ao outro sem nos perdermos a nós próprios. Então não consegui evitar sorrir com ironia, pois estes eram os temas dos livros que Ramelli escrevia.

São muitas as mulheres que nem sequer chegam a ter consciência daquilo que me estás a dizer, afirmei.

Olha que bom! Quanto não daria para ser uma delas, retorquiou Lucía.

Acendi um cigarro, Lucía roubou-me uma passa.

Não me lembrava que fumavas, disse-lhe.

Não o fazia há mais de vinte anos. Na verdade, não gosto nada de cigarros, confessou dando outra passa. Está ali no calendário, vê?, perguntou virando a página para o mês de Julho Este círculo vermelho significa que desde esse dia ninguém pode fumar aqui.

Mas estamos a fumar, disse.

Claro, porque nós podemos.

Parece-me justo, respondi.

Desde há algum tempo que me perguntava como podia vir tanto dinheiro da venda dos livros... não fazia sentido, mas se calhar desviei o olhar, não quis ver.

Não te podes culpar por isso.

Então atiramos as culpas para cima de quem?

De ninguém.

Neste país nunca ninguém é culpado de nada.

E onde queres chegar com isso?

Que alguém tem de assumir a responsabilidade, Clairezinha. Alguém tem de ser culpado.

Então vais ser tu? Ofereces-te voluntariamente como culpada?

Sabias que existem mais de duas mil e duzentas espécies de pulgas?, disse Lucía bebericando o que restava de uísque no seu copo.

Quem é capaz de roubar dinheiro à saúde?, disse.

O meu ex-marido!, respondeu Lucía servindo-se de um segundo copo. O inútil com quem dormi durante mais de três décadas!

Ele sim, não tu.

O guru da espiritualidade e dos valores da vida quotidiana. O tipo que prega sobre o viver bem e a transparência nuns livros que eu escrevo!

O que disseste, Lucía?

Que parte?, disse, já com os olhos avermelhados.

Quem escreve os livros és tu? Estás a falar a sério?

Lucía calou-se.

A sério que escreveste um livro que se chama *Me amo*?

Larguei uma gargalhada. O riso humedeceu-me os olhos e sacudi-me o

corpo todo. A minha reacção foi tão feroz quanto inesperada. Deixei-me cair no sofá. Lucía olhou para mim, primeiro admirada, e, pouco a pouco, foi-se deixando contagiar pelo riso até acabarmos fundidas numa gargalhada. Fomos retomando a calma. Não era o momento para afogar Lucía com perguntas incómodas sobre como acabara por se tornar a escritora-fantasma do ex-marido, aquela confissão fora o suficiente.

Agora que te puseste de pé, não achas que se calhar por baixo do teu sapato está um belo par de pulgas a copular?

Aquela ideia fez-me sorrir.

Dedicaste-te aos seres humanos, quando aquilo que te interessava eram os ácaros. Como conseguiste afastar-te tanto?

Deixei-me levar.

Ao meio-dia, estávamos as duas bêbadas. Lucía preparou um café duplo.

E não pensaste em experimentar a narrativa?, perguntei, já com uma chávena de café entre as mãos.

Não pensei nisso.

Tens uma escrita bem treinada, e, sem dúvida, imaginação é coisa que não te falta. Gosto dessa história das pulgas a copular, disse, daria uma boa banda desenhada ou um álbum ilustrado.

É um interesse sério, Clairezinha, disse. Na minha opinião, quem tem a veia romancista és tu; se calhar, sem saberes, neste momento já estás a trabalhar em qualquer coisa.

Estou um pouco velha para isso, disse.

Não insistes em que estamos muito bem?

Bem, para umas coisas, para outras... Adivinha quem vai à consulta daqui a uma hora.

Quem?

O sócio do teu ex-marido.

O Diazgranados?

O próprio.

É muito estranho.

Eu sei.

É mais fácil um muçulmano acreditar no Menino Jesus do que esse tipo

na psicanálise.

Não vejo porque é que um muçulmano não tem direito a acreditar no Menino Jesus, disse.

Se fizeram aquilo que dizem que fizeram, são perigosos.

Estás a falar no plural.

Eu sei. Duvido que o Eduardo esteja inocente.

Achas que são capazes de matar alguém?, perguntei sentindo-me subitamente alerta.

Não sei. Isto não é brincadeira, disse Lucía, cobraram dinheiro através de impugnações, em nome de pacientes mortos, por medicamentos e receitas que não foram adquiridos... Aqui até o gato tem culpa. Isto é uma porcaria. *La Recontra* falava em três mil milhões roubados. Vai dar a tua consulta, acrescentou Lucía, obrigada por teres vindo. E não me lighes para o telemóvel se quiseses falar comigo deste assunto. Isto não é brincadeira.

Então marcamos um encontro para a próxima semana. Queres ir a minha casa? Assim conto-te o que o Diazgranados queria e pensamos no que vais fazer.

Isto vai ser um pesadelo. Ninguém vai acreditar que eu não sabia de nada, disse Lucía.

Talvez te chamem para lhes contares coisas, mas depois cala-se tudo, vais ver. Posso perguntar-te uma coisa?

O que quiseses.

Como foi que te apaixonaste pelo Eduardo? Não consigo perceber.

Nem eu. Despertava-me ternura. Parecia-me indefeso, gostava de sentir que podia ser o consolo dele... não faço a menor ideia.

Demos um abraço demorado à porta.

Lembras-te da Karen, de quem te falei? Uma cliente dela morreu em condições muito estranhas depois de um encontro com Luis Armando Diazgranados, o filho do Aníbal. Convocaram-na para ir testemunhar, disse.

E tu, o que pensas? Que o rapaz está envolvido nessa morte?

A sério que não sei, disse. Mas talvez sejam ainda mais perigosos do que imaginávamos.

Eu sei. Duvido que o Eduardo perceba até que ponto está metido com

criminosos, afirmou Lucía.

Achas que está inocente?

Inocente, não. Pode ser um ladrão de colarinho branco, mas não é um assassino, acrescentou.

Então será melhor que o avises, disse eu. Se calhar ainda é mais ingénuo do que pensas. Talvez não veja o perigo em que está metido.

Porquê? Achas que lhe podem fazer qualquer coisa?

Não sei, disse.

São sócios, mas o Eduardo é que está a apanhar com as culpas todas, disse Lucía.

Exactamente. O Diazgranados pode recear que o Ramelli o denuncie. Não achas?

Não me deixes sozinha no meio disto tudo.

Demos outro abraço, e saí.

Karen não costuma olhar para trás, tão absorta no dia-a-dia que não consegue recordar. No entanto, de vez em quando é assaltada por algo de si mesma, nem que seja apenas por um instante. Foi assim quando, em casa de um cliente no bairro de Santa Ana, esteve a acariciar as cortinas durante muito tempo e a pensar no vestido que poderia ter sido confeccionado com aquele tecido. De vez em quando uma ideia, uma imagem, um cheiro recordavam-lhe quem era. Mas quem era ela? Ao ver-se ao espelho, já pronta para sair, o cabelo liso, as botas altas, a mala e a gabardina, sabia que esta Karen de agora era uma mulher que podia entrar num edifício sem ser inspeccionada da cabeça aos pés, que a cumprimentariam tratando-a por «doutora», «menina» ou «senhora» com um certo respeito no tom de voz, algo que vinha com a roupa, com a sua cabeleira sedosa e com a maneira de pronunciar as palavras. Karen queria ser esta que agora se via ao espelho, à saída do apartamento com chão de mármore e torneiras douradas, não aquela que acariciava as cortinas para imaginar um vestido feito com esse tecido, nem a que recordava com nostalgia o calor peganhento de um meio-dia em Cartagena, o antro onde se dançava salsa enquanto as paredes suavam e ela se abandonava no corpo de um homem só para se deixar fundir na música, sem ter de trocar uma palavra e com liberdade para se ir sentar à sua mesa assim que a canção acabasse. Apesar da fome, do medo, da falta de sono, de uma vigília atónita que a mantinha pasmada e alerta, Karen queria ser esta pessoa magoada; destroçada, mas respeitável.

Talvez por isso, pelo esforço investido em ser essa mulher de aparência rica e educada, pelo seu desejo veemente de ser realmente essa que a sua imagem projectava, Karen abraçava a satisfação de passear pelo centro comercial Andino ao domingo de manhã, entre mães que à última da hora compravam um presente de aniversário para a amiga das filhas, miúdos gordos montados incessantemente nos brinquedos mecânicos, idosos que

acorririam à sessão de cinema com desconto para a terceira idade, montras luxuosas e homens de negócios que andavam à procura de um presente de aniversário. A aparência de riqueza era suficiente para que Karen se sentisse acolhida por aqueles que antes a pareciam repudiar.

Talvez por isso tenha sido apanhada de surpresa quando D. Josefina de Brigard a chamou. Perguntou-lhe a referência do batom que começara a usar nas últimas semanas. Ingenuamente, Karen respondeu com entusiasmo. Depois perguntou-lhe onde comprara a gabardina, as botas e a mala. No final, disse-lhe: O macaco, mesmo que vista de seda, continua sempre macaco.

Perante o olhar atónito de uma Karen ofendida, continuou:

Nada combina, joaninha. Pareces uma caricatura de algumas das mulheres que passam pela tua cabina.

Karen não deu resposta.

Posso retirar-me, minha senhora?

Podes, autorizou Josefina de Brigard cravando os olhos nuns papéis e já sem voltar a olhar para ela.

Karen fechou-se na casa de banho, mas agora, em vez de chorar ou de ligar a Wílmer ou de me ligar a mim, ficou a admirar-se demoradamente ao espelho para tentar compreender onde errara quando se vestira.

Cheguei dez minutos atrasada a casa. Aníbal Diazgranados abriu e mandou-me entrar.

Querida Claire, bem-vinda.

Convidou-me a passar para a salinha onde eu fazia as sessões e ocupou o meu lugar, de modo que não tive outro remédio senão ocupar o lugar do paciente. Perguntava-me onde estaria Luz, a empregada doméstica, mas não me atrevi a inquiri-lo.

A Luz foi à farmácia comprar-me uns comprimidos para a tensão, disse, como se me tivesse ouvido os pensamentos.

E ela aceitou deixá-lo aqui sozinho?

Digamos que posso ser persuasivo.

Com ameaças?, perguntei.

Com empatia, disse, piscando um olho.

E como se consegue essa empatia?

O melhor é contar-me você, doutora Claire: é das que maltratam as empregadas domésticas? Porque a minha mulher trata-as mal e é uma mulher muito boa, não me interprete mal. É que ainda não conheci uma mulher boa que não o faça.

Que quer dizer com isso?

É assim que ganha trezentos mil pesos por hora? A fazer contra-
perguntas?

E o senhor, congressista, é-lhe muito difícil ganhar o seu salário?

Digamos que é mais difícil do que estar sentado num cadeirão a fazer perguntas idiotas.

É assim que vê a minha profissão?

A sua maneira de me interpelar deixa transparecer agressividade, doutora, disse Diazgranados.

Brilhavam-lhe os olhitos de toupeira, muito pequenos naquela cara

grande e flácida, delimitada por uma volumosa papada.

Posso oferecer-lhe um copo de água?

Agradeço, disse Aníbal.

Saí para o ir buscar. Pergunto-me como terá feito para que Luz abandonasse a casa. Regressei com o copo e encontrei-o a alargar o nó da gravata como se lhe faltasse o ar. Tive o impulso de o pôr fora de minha casa, mas contive-me. Depois tive vontade de lhe atirar a água à cara, mas não o fiz. Fui cobarde. Entreguei-lhe o copo de água, que bebeu em grandes goles, ao mesmo tempo que pensava como poderia desfazer-me dele aqui mesmo, no meu consultório. Talvez com o candelabro de ferro forjado, disse para mim, ou com o corta-papel, herança da minha avó. O homem corpulento fazia barulho a beber. As suas mãos eram grossas, peludas, com dedos pequenos. Agora perguntei-me como conseguiu entrar não só no apartamento, mas no próprio edifício. Luz tinha instruções estritas, como qualquer empregada doméstica, assim como o segurança. O segurança não podia deixar passar ninguém que não fosse autorizado pelo proprietário ou pelo residente do prédio.

Porque marcou a consulta?

Vi-a cumprimentar a minha mulher no casamento da filha do ministro.

Não estou a perceber.

Cumprimentou a Rosario, a minha mulher.

Frequentamos o mesmo salão de beleza. É crime?

Porquê, alguém fala de crimes lá dentro?

De repente senti-me sufocada entre a ligeira bebedeira que não me deixa pensar, o medo e o cheiro exagerado a loção que pairava no ar. A que será que cheira quando não despeja meio frasco de patchuli todas as manhãs? As náuseas começaram a formar-me um remoinho no estômago.

Sabia que o meu avô foi um conservador dos convictos? Contava-me que na época da Violência[11] teve de empunhar o machete e treinar os pescadores a cortarem cabeças como quem tira pétalas a malmequeres. Sabia que uma cabeça pode continuar a gritar depois de cortada?

Não sabia, mas parece-me cientificamente improvável.

E não lhe parece engraçado?, pergunta Diazgranados emitindo uma

espécie de grasnido.

Na verdade, não.

Veja, doutora, fui criado numa família forte, sempre fizemos política, defendemos aquilo que era nosso com os dentes, como os lobos.

Continuo a não perceber a que vem tudo isto.

É simples: um dá aquilo que o outro recebe. Colhe aquilo que semeia. Compreendeu?, pergunta Aníbal.

Está a ameaçar-me?

Tem uma fixação nessa palavrinha, doutora, devia mandar analisar essa questão.

O nosso tempo chegou ao fim, disse a olhar para o relógio, enquanto Aníbal puxava de um molho de notas.

Posso comprar. Uma semana, um mês, um ano. A sua vida inteira.

Assim não funciona, disse.

Tenho a impressão que você, como a sua classe intelectual e académica, se apega às normas e aos papelinhos, mas ignora a realidade. Doutora, permita-me dizê-lo de modo claro: é você que não quer ver como é que as coisas funcionam.

E qual é essa realidade que ignoro, na sua opinião?

A realidade é que uma cabeça grita depois de cortada.

De novo uma ameaça.

Chame-lhe aquilo que quiser. Só lhe estou a dizer que há coisas que é melhor não verificar. Aceite isto como o conselho de um amigo.

Sim, agradeço. Agora saia, disse.

É verdade que aquilo que se diz aqui não sai daqui? De outra maneira, teria de duvidar do seu profissionalismo.

Não consegui responder às palavras dele. Fiquei com a garganta completamente apertada. Tremi. Fiz um esforço para me levantar da cadeira e lhe abrir a porta.

Por favor, disse.

Antes de sair, rematou: Você tem uma amiguinha, Karen Valdés, a rapariga não é grande coisa, mas você tem a atitude da colonizadora que vem para ajudar os pobres. Um conselho, doutora: deixe a rapariga assumir o seu

próprio destino. Já temos o caso dela resolvido, não há mais nada a fazer, e quem se meter pelo meio sairá queimado.

O que fez a Karen?

A Karen não é aquilo que você pensa doutora, a Karen Valdés é uma prostituta e uma criminosa.

Isso é mentira, disse. O que lhe vão fazer?, insisti com a voz a fugir-me.

Senhora Dalvard, acalme-se, agradeça pelo facto de você e da sua filha gozarem de liberdade e de boa saúde. E agora, compreenderá que, para um congressista da República, ausentar-se do plenário tem consequências nefastas para a pátria. Estamos a debater projectos de grande envergadura, como a reforma da saúde, por exemplo, e nada mais nada menos que o Marco Jurídico para a Paz. Por isso peço-lhe, minha senhora, que não me faça voltar cá. Para o seu bem, para o meu e para o da pátria. Uma última coisa antes de me despedir: sabe que medicamento posso tomar para emagrecer?

Não, disse.

Claro. Tal como eu desconfiava. A sua formação «médica» só serve para lidar com doenças imaginárias.

Levantou-se parcimoniosamente da cadeira, e, ao abrir a porta, vi Luz na ombreira da cozinha a segurar timidamente num pequeno embrulho.

Obrigado, irmã, disse-lhe Aníbal fazendo uma vénia.

Eu é que agradeço, irmão. Foi um prazer servi-lo, acrescentou Luz.

E como entrou?, perguntei a Luz logo que a porta se fechou.

É o pastor. É congressista e pastor.

O homem só disse isso e deixou-o entrar?

Sim, minha senhora.

Porquê?

É irmão da minha congregação.

Os vômitos obrigaram-me a ir a correr para a casa de banho, onde acabaram por ir parar os uísques que tinha bebido com Lucía. Ainda eram apenas duas da tarde, tinha pela frente mais quatro pacientes até terminar o dia. Depois de gargarejar, alisei a saia frente ao espelho, compus uma madeixa de cabelo atrás da orelha e regressei ao consultório, desta vez para me sentar na cadeira de cabedal.

A tarde passou devagar. Ouvi os meus pacientes como que através de um vidro, como se estivesse dentro de um aquário, e as suas vozes soassem distorcidas e longínquas. Quando, por fim, terminei a última sessão, deitei-me na cama a ver o noticiário. Entre as imagens do mau tempo de Inverno, pessoas atoladas na lama, sem tecto nem comida, dei por mim a pensar na minha relação com Luz, construída a partir de uma série de rituais aprendidos desde a infância. Ela aprendeu, de cabeça baixa, o «sim, minha senhora», «não, minha senhora», «a que horas vai almoçar hoje, D. Claire?», e eu aprendi a dar as ordens, de cabeça erguida, voz tensa como uma corda lisa: «Este frango saiu-lhe muito bem», «já pode ir para casa», «não se esqueça de aspirar o consultório». E Luz, de cabeça baixa, ensinada a acatar, segue ordens, concorda, sorri, sorri e acata. Senti uma certa vergonha ao descobrir que Aníbal conseguiu relacionar-se com ela a um nível humano numa questão de segundos, mais do que eu própria fiz, apesar de a ter visto quase todos os dias no último ano e meio. Que sei eu acerca de Luz? Que é de Cómbita, que tem um filho e dois netos. Nada mais. Nem sequer sei se gosta do café com açúcar.

Karen fora violentada, a sua terapia fora deixar-se quebrar à vontade. Com o passar do tempo, à força de se destruir, ia-se tornando mais resistente. Nela, a obediência era uma forma de autodestruição.

Havia uma fenda na parede. Pensou dizer a Eduardo, mas conteve-se. Ele acariciou-lhe a cara com ternura e olhos vidrados. Karen achou-o mais velho do que nunca.

Gosto muito de ti, disse-lhe e acariciou-lhe o ombro.

Era 29 de Outubro, dois dias antes do aniversário de Lucía, do dia das bruxas e do aparecimento de Eduardo nos tablóides como responsável pelo desvio de cerca de mil milhões de pesos dos mais de três mil milhões roubados à saúde no país.

Há uma coisa que tenho de te pedir, disse ele.

Diz, disse Karen, impaciente para ir tomar um duche.

Ajudavas-me a guardar um dinheiro? Será por duas semanas, no máximo.

Karen calou-se.

Se ficas mais descansada, conto-te a história. Para que saibas quanto confio em ti e que não te faria mal.

Que história?

Eduardo falou da madrugada de 23 de Julho, quando, deitado no sofá da ex-mulher, com demasiados uísques na cabeça, recebeu ao amanhecer uma chamada de alguém próximo que queria encobrir a morte de uma rapariga.

Contou-lhe do encontro no Carulla 24 horas, da madrugada em que decidiram armar uma encenação para ocultar aquela morte. Falou-lhe do médico envolvido, assim como do taxista, com quem falara pessoalmente. Karen olhava para ele como se o visse pela primeira vez. Parecia-lhe impossível que o mesmo homem que encobrira um crime fosse o autor dos livros que ela lia. Sentia-se desencantada e ao mesmo tempo apanhada na sua própria história.

Karen supôs que esse sócio perigoso era Aníbal Diazgranados, pai de Luis Armando. No final, como se falasse de outra pessoa, Eduardo acrescentou: Se um dia acontecer alguma coisa, o Aníbal Diazgranados, o congressista, é meu sócio. Vai ter com ele. Ele sabe que tu tens o dinheiro.

Ainda não lhe disse se o vou guardar, pensou Karen, mas não chegou a dizê-lo. Em vez disso, perguntou-lhe: Tem alguma coisa a ver com Luis Armando Diazgranados?

É o filho, disse Eduardo. Foi teu cliente?

Não, respondeu Karen.

Apesar de a pergunta a ter ofendido, não disse nada.

Bem, também não me espanta, tem fama de maricas, replicou Eduardo e vestiu um roupão de seda.

Também pensou se haveria alguma hipótese de o dito Luis Armando Diazgranados ser alguém diferente da pessoa com quem Sabrina fora ter no dia em que a atendera pela última vez. No duche, Karen pensou no que poderia acontecer se não aceitasse guardar o dinheiro a Eduardo. Quando saiu, ouviu vozes na sala. Vestiu-se rapidamente enquanto tomava a decisão de me contar tudo. De pé, junto a uma mala grande, dois homens observavam-na. Foi nesse momento que percebeu pela primeira vez que podia estar em perigo.

Karen, minha querida, eles vão acompanhar-te para guardares o dinheiro no teu apartamento.

Era uma mala grande, com capacidade para uns setenta quilos. Um dos homens olhava-a dos pés à cabeça com descaramento. Estava armado.

A tua missão é simples, pões isto num lugar seguro e esperas que um destes senhores, se não eu próprio, a vamos buscar.

Karen disse que olhou para Eduardo com uma expressão suplicante, mas sem resultado. Ele piscou-lhe o olho, sorriu e disse-lhe: Vai com eles, *piccolina*, vais ficar bem.

Faltavam dois dias para sair o resultado do teste de grafologia, através do qual se determinaria se o bilhete encontrado no quarto de Sabrina fora escrito por Luis Armando Diazgranados. Quanto ao resto, necessitavam de uma ordem do Ministério Público para terem acesso ao boletim clínico do San Blas; uma vez na posse da prova, poderiam interpor uma ordem para interrogar Luis Armando Diazgranados e obter a listagem das chamadas do seu telemóvel.

Jorge Guzmán não parara de andar às voltas pela sala do apartamento da ex-mulher, onde estavam reunidos. Tinha os olhos injectados de sangue. Consuelo Paredes esfregou as mãos e falou para si própria. Tinha o sobrolho franzido e não parecia acompanhar a conversa.

Advogado, diga-me que vai conseguir.

O quê, doutor Guzmán?

Apanhar o assassino.

Farei o que estiver ao meu alcance.

Consuelo aproximou-se e serviu uma água aromática ao ex-marido.

Ai, filho, disse. O melhor era o nome desse tipo não aparecer metido nisto, ficávamos mais descansados.

Mas há mais, interrompeu. Acho que apanhei o nosso taxista. Estive a falar com uns amigos dos serviços de informações e consegui reduzir os candidatos a três: operam todos na zona e às vezes fazem outro tipo de trabalhinhos.

Taxistas assassinos?

Auto-intitulam-se contratistas.

E já localizou os três?, perguntou Guzmán.

Há um que me cheira porque esteve metido com peixes graúdos. Às quintas-feiras joga bilhar num bar de Chapinero.

Ou seja, amanhã, disse Guzmán.

Correcto. Amanhã vou fazer uma visitinha ao homem, dou notícias logo que fale com ele.

E o médico?, perguntou Consuelo.

O médico não quer falar.

E se o fizermos falar?, perguntou Guzmán.

Consuelo olha para ele, surpreendida.

Não me encarrego desse tipo de trabalho, mas, se quiser, arranjo-lhe alguém, disse Kollak.

Jorge Guzmán calou-se, mas havia tanta raiva no seu rosto que um ruído surdo se espalhou pela sala como uma enxaqueca.

Liguei para Lucía e contei-lhe uma a uma as palavras de Aníbal Diazgranados. Tinha medo.

Não pode ser a sério, Claire, disse-me.

E se faz mal ao Eduardo? O teu ex é um palerma, disse.

Vou ligar-lhe agora mesmo, disse Lucía.

Uma hora mais tarde, voltei a telefonar-lhe.

Falaste com o Eduardo?

Não responde, deve estar a jogar golfe.

Depois avisas-me?

Logo que fale com ele.

Não conseguiu falar-lhe nessa tarde, nem na seguinte, nem na do dia a seguir, nem devolver-lhe a chamada, nem responder-lhe ao telefone das muitas vezes que Lucía tentou ligar-lhe. Talvez se alguma de nós tivesse achasse que Eduardo corria algum perigo tivéssemos agido de outra maneira, teríamos ido à procura dele, pelo menos isso. Nunca imaginámos. Lucía chegou a deixar-lhe mensagens no *voice mail* do telemóvel. Primeiro para lhe dizer «Liga-me quando puderes, por favor» e depois: «Eduardo, é sobre o Diazgranados, responde-me, suplico-te.» Mas ele não respondeu. E, quando o fez, foi no próprio dia 31 de Outubro, enquanto conduzia rumo ao seu encontro com o doutor Venegas.

Eduardo, sabes que o Aníbal foi a casa da Claire e a ameaçou?, disse-lhe finalmente.

De que me estás a falar?

Ameaçou matá-la.

Mas o que me estás a dizer?, perguntou e soltou uma gargalhada. Sabes uma coisa, mulher? É Halloween, percebo que nestes dias as histórias de terror nos metem mais medo, mas descontrai, toma um chá, aquece os pés...

Podemos falar a sério uma vez na vida?

Juro-te que estou a falar a sério, e muito a sério... se me deres quinze minutos, estou a estacionar, não demoro, ligo-te já a seguir.

Eduardo, tem cuidado, está bem?

Será dessa telenovela que andas a ver à noite?

Não vejo novelas, vejo séries.

Bom, alguma dessas porcarias está a dar-te cabo da cabeça, menina, desliga a televisão.

Pareces satisfeito, disse Lucía.

De vez em quando aparece uma miúda que me aquece a cama.

Não me digas, que surpresa!

És uma chata. Já te ligo. E, *by the way*, parabéns, menina.

Pensei que não te lembravas.

Então, hoje é um dia especial para a humanidade inteira!, disse Eduardo.

Estás a dizer isso por causa do artigo do *La Recontra* sobre o desfalque que fizeste ao tesouro nacional?

Cala-te, mulher! Sim, é por isso que não tenho atendido o telefone!, disse antes de desligar.

Duas horas antes, estava deitado no sofá com a camisa aberta e as calças para baixo. Apesar do escândalo, sentia-se alegre. Ter aquela mala a salvo deixava-o descansado. No pior cenário, mandá-lo-iam para a prisão durante dois anos e ficariam a salvo, ele e o dinheiro. Teria valido a pena.

Tinha o peito coberto de pêlos brancos. Estava em boa forma, e Karen achava-o descontraído. De olhos fechados, deixava-a trabalhar. Em breve, tudo voltaria à normalidade. Acariciou a cabeça de Karen, que agora tentava sorrir.

Que farias com todo aquele dinheiro, se fosse teu?, perguntou-lhe sem parar de a acariciar.

Ela encolheu os ombros.

Acabava metida num sarilho qualquer, disse meio a sorrir.

Mas o que gostavas de fazer?

Ia para muito longe.

Podias ir para muito longe e fazer outras coisas, é imenso dinheiro.

Sempre o quis fazer numa piscina, sabes?, disse Karen de repente, pondo-

se de pé, evasiva. Já fizeste?

Não é grande coisa, respondeu Ramelli. Mas, se queres, podemos fazê-lo agora numa piscina, para que não fiques com dúvidas, Karen sorriu. Ou preferes ir a uma dessas festas de Halloween?

Detesto mascarar-me, disse Karen.

Anda. Vamos, acrescentou e pegou-lhe na mão.

Comoveu-a pensar que, com quase setenta anos, Eduardo a agarrara pela mão para a levar até à piscina para lhe satisfazer uma fantasia de adolescente. Até então só estivera em piscinas atulhadas de gente.

Saíram do elevador, despiram o roupão, meteram-se na água aquecida. Através do vidro, podiam ver as luzes da cidade derramar-se para ocidente.

Tu e eu, o que somos?, perguntou-lhe Eduardo após um beijo prolongado.

Eu sou a que te guarda a mala, respondeu Karen e deu um grito quando uma mulher de meia-idade entrou, olhou para eles de soslaio sem os cumprimentar, deixou o roupão numa das cadeiras da piscina e entrou na água.

Hoje não é o nosso dia de sorte, disse Karen enquanto ajeitava o sutiã.

Acreditas se te disser que vivo aqui há mais de um ano e que nunca tinha partilhado a piscina com ninguém?

Antes de sair, Eduardo agarrou-a pela cintura.

Gosto muito de ti, disse-lhe olhando-a nos olhos.

Karen desmancha-se numa gargalhada.

És tão insensível, disse Eduardo.

Peço desculpa, acrescentou Karen, sem parar de rir.

Eduardo puxou-a por um braço e aproximou-a do seu peito: Vou-te foder até te rebentar a cabeça.

Karen não disse nada. Saiu da piscina em silêncio. Secou-se com a toalha enquanto via a mulher de pernas brancas e redondas a nadar de costas.

É tarde, disse, subitamente ansiosa.

São quase oito horas.

Por isso, é tarde.

Sobe um bocadinho.

Foi um dia longo, gostava de ir para casa, disse.

Claro, vais contar as notas na mala, se é que não as contaste ontem.

Subiram ambos no elevador. De pés descalços, foram subindo numa caixa de vidro a partir da qual se via Bogotá. Karen sentiu-se longe, desligada. Foi invadida por uma sensação de agonia acompanhada de uma secura na boca e de taquicardia. Sentiu uma dor no peito e começou a hiperventilar. Há vários dias que não se sentia assim. Eduardo olhou fixamente os tornozelo cortados, depois os pulsos, parecia que só agora reparava neles. Abriram-se as portas do elevador, Karen tinha as mãos suadas. Ele ajudou-a a entrar no apartamento, deitou-a na cama, foi buscar um copo de água à cozinha, Karen ainda não respirava normalmente. Eduardo ligou para o doutor Venegas pelo telemóvel e perguntou-lhe o que devia fazer.

Preciso de uma receita para isso?

Já me sinto melhor, disse Karen, apesar de continuar com taquicardia.

Ainda nem sequer são nove da noite quando Eduardo decidiu ir ter com o doutor Venegas, que lhe ia entregar uma coisa para Karen.

Volto já, não saias daqui.

Karen ligou a televisão e ficou admirada ao ver uma fotografia antiga de Eduardo: «Tudo aponta para que a pessoa por detrás deste encobrimento seja o conhecido autor de auto-ajuda, também presidente da Cruz Salud, a prestar serviço no Hospital de San Blas de Bogotá...»

Karen voltou a ligar-lhe, desta vez para lhe contar aquilo que estava a ver nas notícias, mas não obteve resposta. À quarta vez, respondeu-lhe um agente da Polícia, que lhe perguntou qual era a relação dela com o exânime.

Com o quê, senhor agente?, perguntou Karen, endireitando-se.

Com o morto, menina, desculpe dar-lhe a notícia desta maneira, o dono do telemóvel para onde está a ligar foi encontrado baleado no cruzamento da setenta e seis com a quinta, junto a uma vítima identificada como Roberto Venegas, médico-cirurgião, funcionário do Hospital de San Blas.

Passava pouco das dez. O agente continuou a falar, mas Karen deixara de o ouvir.

Era a segunda vez que ia a uma missa fúnebre em quatro meses. Parecia-lhe que a sua vida se podia resumir nesse tempo. Vestiu-se o melhor que pôde, apesar do desalento. Empregou as suas escassas energias a fazer um carrapito, pintar os lábios cor de terra, escolher os sapatos apropriados, a blusa de decote moderado, a gabardina *Massimo Dutti* e a pequena mala preta *Carolina Herrera* que Eduardo lhe oferecera, ainda por estrear. Tinha-o visto pela primeira vez no funeral de Sabrina Guzmán. Se tivesse estado atenta aos sinais, talvez tivesse percebido que nada de bom se pode esperar da relação com um homem que se conhece num funeral. Apesar de ter passado pouco tempo, Karen tentou recordar esse dia chuvoso em que fora à missa da cliente. Sentiu que quem entrava hoje na igreja era uma pessoa diferente.

As pessoas amontoavam-se em La Imaculada. Karen escolheu a última fila, um lugar lateral. Homens bem vestidos, guarda-costas, carrinhas blindadas à entrada da igreja, vidros fumados, poucas crianças, alguns jovens, muitos seguidores. A rádio e a televisão nacional marcavam presença. Queriam falar com Lucía, que parecia pouco interessada em prestar declarações à imprensa. Era a despedida de «um grande guia espiritual colombiano dos desiludidos emocionais», como o descreveu um jornalista. Karen não ouvia as palavras do padre. Também não ouviu quando um militar de farda repetiu a palavra amor três vezes enquanto erguia o punho no ar. A tosse de um idoso ecoava pelas paredes da igreja. O coro estava desafinado. Parecia tudo errado, em desacordo.

Talvez a dissonância generalizada se devesse à fealdade com que haviam matado Ramelli. Sendo um homem elegante, ou que pretendia sê-lo, fora apanhado de *sweat-shirt*, à queima-roupa, numa esquina do bairro fino de Rosales, para onde foi atirado, como um cão, à vista dos curiosos até que um bom samaritano se dignou a chamar a Polícia. Fazia tudo parte de um grotesco mal-entendido. Quando o militar terminou, uma mulher com a cara

queimada por ácido subiu sem ser vista, pegou no microfone e disse que Eduardo a ensinara a sobreviver, que graças a ele não dera um tiro na cabeça. Algumas pessoas aplaudiram-na timidamente. A mulher de Diazgranados chorava, desconsolada. Karen voltou a sentir um nó na garganta ao ver que se tratava da sua cliente, Rosario Trujillo.

Contar-me-ia mais tarde que, enquanto tudo isto acontecia, sentia um vento quente, o vento quente, húmido e sufocante de um meio-dia em Cartagena, metida num autocarro que anunciava as paragens, «María Auxiliadora», «Blas de Lezo», «Castellana», e que ela se deixava levar pelos odores, a nêspira, a sargo, sob um sol que apagava os contornos das coisas para fazer que tudo se cobrisse de um dourado esfumado, adocicado como o coco ou como o sumo de tangerina, enquanto um homem vendia cachos de uvas por mil pesos à jovem do lado e outro vendia um dicionário escolar inglês-espanhol, e uma idosa dizia para o neto que não ia pagar dois mil por um dicionário, e o neto olhava para os lápis que vendia outro negro que também apanhara o autocarro, um autocarro velho e grande, como uma baleia fora do seu ambiente, com mais fumo do que tempo e menos passageiros do que vendedores ambulantes; o dos marcadores fluorescentes, o do almanaque *Bristol*, o da água fresca, o da água de coco, e os porta-chaves, as capas para os telemóveis, os autocolantes, as revistas, os escapulários, as bolachas; quando Karen já quer sair, um rapaz volta a anunciar os destinos aos gritos sob um calor sufocante que impregna as unhas de bedum e não deixa respirar. E este mesmo calor sentem-no os do autocarro ao lado, que vai para o mesmo sítio, mas também vazio, todos os outros que vão para o mesmo lado, com seis, sete, oito passageiros, são autocarros desconjuntados, rogando por passageiros com a imagem da Virgen del Carmen, do Divino Menino, a de Guadalupe, de Jesus Cristo, e os que anunciam Cristo Vive tapam a passagem aos que anunciam Virgen del Carmen, porque todos têm de chegar primeiro, mas a via é só uma e está em obras, além disso, só resta um sentido, pois o outro está fechado porque aí puseram a estação para os autocarros, embora depois a tivessem abandonado e agora tem os vidros partidos e está cheia de escombros e, se caminhamos pelo mercado de Bazurto, as bancas dizem «Deus protege esta loja», «Sumos o sangue de Cristo» e «Carnes vá com

Deus», domina um odor a morto, a bofe, a porco, a peixe, a tripas, a vísceras espalhadas pelo chão, a cadáver de vaca e de porco por onde caminham os pés descalços dos negros que limpam as entranhas dos animais quando passa uma carreta que se chama «A menina Karen», então pergunta o que sentirá quem tem um pai que trabalhe num mercado ou onde quer que seja e que chame à sua carreta «A menina Karen», e um pai que saiba preparar *arepa* com ovo, carne com mandioca, milho com leite bem fresquinho com muita canela, e agora em Cartagena qualquer edifício é branco com vidro azul, tudo, tudo, tudo é vidro azul, dizia a sua mãe, como se não existisse vidro verde, amarelo, vermelho ou transparente, e assim seja, dizia a sua mãe, e assim seja, dizia Karen, mas tantos autocarros e todos para os mesmos destinos, e aquele engarrafamento com tanto calor, e aquele cheiro a terra de mar, aquele cheiro a suor do mar, a água do mar, e aquela ladainha da *champeta*, *champeta* na Boquilla, numa discoteca do bairro El Bosque, e ver rebentar o bairro à custa do gira-discos, fazer a sesta na cadeira de baloiço, e a mãe a preparar bolinhas de tamarindo no portão da casa e a dizer «menina, não me procures porque me vais encontrar», porque já ninguém lhe chama menina, já ninguém a procura e muito menos a encontra, já nem ela se encontra, nem sequer sabe onde está, cada vez mais perdida, cada vez mais aqui e ali ao mesmo tempo e, no entanto, em parte nenhuma em simultâneo, e aqui ninguém joga às cartas à sombra de uma mangueira, aqui não há uma cabaceira, aqui não existe a igreja pentecostal com a mangueira à entrada, aqui não existe o parque, não existe a Igreja Nova do Cristo Redentor, não há uma banca de milho limpa, aqui não resta nada, pensa Karen, aqui não está o Emiliano, não está a mãe, aqui está gente raivosa e a morte a pairar sob um céu de chumbo, e sente aquele vento quente e transpira porque a boca sabe-lhe a tamarindo, mas não a tamarindo seco, a bolinha doce, àquela que a avó também fazia quando ela era uma miúda e tinha uma avó, quando era uma miúda e queria ser rainha de beleza, antes da *champeta* e da primeira comunhão, antes de pensar em sexo e de saber que antes do casamento era um pecado, antes de ir à igreja do bairro, antes de começar a benzer-se diante de cada igreja sem se importar com o seu credo, antes de ser a melhor aluna, de querer ser esteticista, se é que alguma vez o quis ser, e depois venderia a

febre do corpo ao calor da música de Harry Flow, antes de se envolver com o negro maluco, de ficar grávida, de se tornar quem era, de compreender que não podia sair de si mesma, que já era isso e nada mais, aquele corpo como palmeira, como gazela, aquela carinha assustada, aquela tristeza lânguida, aquela altivez desperdiçada, aquele orgulho que não encontrara onde se fixar neste mundo, aquela vontade de chegar sem ter onde, outro pássaro sem árvore numa cidade de cimento onde não havia drogarias, nem lojas de bairro, nem máquinas papa-moedas, nem uma cidade diferente dentro de uma muralha onde passam as férias a realeza do Mónaco e os actores de Hollywood, essa cidade muralhada que já não lhe iria pertencer, pois era só dos turistas e das poucas famílias ricas que restavam; não havia um concerto de música clássica na rua, não havia uma carroça a passear um par de namorados canadianos, nem sequer havia um porco ali, no pátio de uma casa como se fosse qualquer coisa, nem roupa molhada a secar ao vento, pendurada nas grades, como também não havia grades, grades para se proteger de fora, embora fechado lá dentro, nem havia telhados cobertos de cacos de vidro para afastar os ladrões, nem mesmo ter um cão, embora «cão que não seja de terra quente, se lhe dás peixe fica sarnento», dizia a sua mãe, como se ela alguma vez tivesse tido um cão de terra fria, como se ela tivesse estado em terra fria, como se soubesse alguma coisa acerca de cães; Karen pensa que é um animal de terra quente, volta a interrogar-se o que faz no frigorífico, o que a levou até Bogotá, a aprender a fala lenta e bajuladora, a sorrir, a aprender uma amabilidade falsa, a comer *almojábana* em vez de *carimañola*, a esquecer-se de quem era, o seu Emiliano encontrava-se agora mais longe do que nunca, o seu Emi que dizia que ninguém sabia massajar-lhe os pés como a sua mãezinha, porque lhe chamava «mãezinha» e, quando estava mais carinhoso, «mamitica», e ela que não lhe tocava nos pés há quase um ano, um quarto da vida de Emiliano, dizia a sua mãe, um quarto da vida do teu filho levas tu sem estar aqui, rapariga; Karen, absorta, olha para as portas do templo, um grupo de pessoas permanecera no exterior com cartazes nos quais se lia «Mestre dos mestres, jamais morrerás» e «Guarda-me um lugar no céu», entre outras palavras de despedida a Ramelli. Karen olha para eles como se não estivesse ali, lembra-se que Ramelli morreu, e outra vez a

náusea e aquele autocarro balança pela Pedro de Heredia, e a sua mãe que diz «as morenas a venderem fruta na praia», como se ela não fosse «uma morena» também, e qual era o medo de dizer preta; as pessoas iam saindo, e a chuva ganhava impulso, e as camionetas estacionadas ao longo da avenida arrancavam em tumulto enquanto Karen continuava sentada a observar sem ser vista, sentiu que suava, peganhenta, o odor do tamarindo, mas já estava outra vez debaixo da chuva, sempre a chuva e o fumo nesta cidade cinzenta, e o pó cinzento, a nuvem cinzenta, os fatos cinzentos dos empregados de escritório, o *smog* cinzento, a puta *cinzentura* desta cidade ia matá-la com a puta da tristeza, mas, se tivesse um pai, diria cinzenta, *cinzentura* ou *cinzentice*? Se tivesse um pai, ele saberia a resposta, e mesmo que não soubesse não tinha importância, se tivesse um pai não sentiria que estava a morrer, ou que já tinha morrido e andava pela rua como fazem os fantasmas, por isso a pisavam, por isso lhe davam cotoveladas e pontapés no Transmilenio, porque não a viam, Eduardo tinha-a visto, Eduardo tinha-a acariciado assim que a vira, e tinha-lhe pago e fodera-a como fazem os vivos, mas agora estava morto. Pôs a língua de fora e sentiu o ar áspero. O ar pesado e tóxico. A chuva como agulhas. Apanhou um autocarro e, agarrada ao varão de metal, voltou a sentir o odor a suor concentrado. Talvez estivesse viva. Estava viva porque lhe cheirava a merda. Estava viva porque tinha ido para a cama com mais de quarenta e sete tipos em dezasseis semanas, estava viva porque tinha sido violada por um gordo asqueroso e ressabiado, estava viva, só que não o estava pelas razões certas.

O telefonema de Kollak deixou Consuelo Paredes desalentada. Começou por telefonar a Jorge e disse-lhe para ir urgentemente a sua casa.

Estou em Abastos.

Está bem, mas venha, por favor, o mais depressa possível.

É só o tempo que demora a chegar, respondeu antes de desligar.

Nesse lapso, com as mãos a tremer, Consuelo abriu a agenda e ligou ao advogado, que não atendeu. Depois procurou o número da Sociedade Nacional de Psicanálise, onde lhe deram o meu telefone. Marcou imediatamente e, como não obteve resposta, deixou uma mensagem no atendedor: «Estou a ligar da parte da Karen Valdés, sou a mãe de Sabrina Guzmán. Ligue-me de volta, por favor», disse Consuelo Paredes e deixou o seu número. Voltou a ligar para o advogado.

Vou ter de abandonar o caso.

Como? Precisamente agora que começa a andar?

Sim, peço-lhe que me perdoe.

Mas o que aconteceu?

Motivos de força maior, senhora Consuelo.

Não me venha com essa desculpa, advogado, disse Consuelo com a voz a fugir-lhe.

Hoje de manhã chegou um pequeno caixão a minha casa. Lá dentro estava o nome do meu filho e do outro lado o da sua filha. Por favor, compreenda-me, disse antes de desligar.

Consuelo tentou voltar a ligar-lhe, mas em vão.

Procurou o número do agente da secção criminal com quem falara por duas ocasiões:

Senhora Consuelo, estava a pensar em si, queria contar-lhe que alguém anda a piratear o Facebook da sua filha. Mas não consegui passar daí porque acontece que acabam de me informar que nomearam outro agente para o

caso. Isto quer dizer que ele vai formar outra equipa, e o mais certo é eu ser afastado.

Mas porquê? A mim ninguém me disse nada...

Tudo o que lhe disserem é mentira, minha senhora. Bem, estão a chamar-me.

Porque estão a fazer isto, agente?

É possível que estejam a tentar culpar alguém inocente pelo crime, para desviar a atenção do verdadeiro culpado. Desculpe, minha senhora, mas tenho de desligar.

Consuelo ficou com o telefone encostado ao ouvido, estupefacta.

Entrou na Casa deixando um charco de água à entrada e, sob o olhar insolente de Annie, fechou-se na casa de banho do primeiro andar. Cruzou os dedos para desejar uma tarde agitada, apesar de ser terça-feira, e deste modo não ter de aturar a conversa das colegas. Sentia a falta de Susana. Chorou com o ruído do secador de mãos a abafar-lhe os soluços antes de sair e ver um grupinho de mulheres que achou ainda mais envelhecidas e opacas.

Agia como um autómato. O pânico tomaria conta dela a qualquer momento. O desejo de fazer mal a si própria esmagava-a. Perseguia-a uma imagem permanente de si mesma a cortar a barriga da perna com um bisturi até golpear um pedaço do músculo. Quando não era isto, imaginava-se a mutilar um dedo, uma orelha. Depois, quando olhava, tinha uma ferida no tornozelo, outra no cotovelo. Não se lembrava de as ter feito a si mesma.

Karen subia as escadas quando a inconfundível voz nasalada de Karen Ardila a interrompeu:

Pocahontas, és tu?

Continuou sem parar. No entanto, ainda nem sequer fechara a porta, e já Annie estava a tocar para lhe anunciar que D. Karen já ia a caminho.

Karen Ardila despiu-se, deixando cair a roupa no chão. Só lhe entregou em mãos o casaco e a mala. Karen sentia-se transtornada, mas preferia evitar um confronto.

O que vai fazer?, perguntou enquanto apanhava as cuecas, o sutiã, a blusa e os sapatos do chão.

Virilhas. Completo.

Dê-me um instante, D. Karen, para lhe aquecer a cera.

Movia-se muito depressa. Cortou os pedaços de gaze, decidiu esquecer a manta térmica, iriam fazer as coisas depressa, para o bem de ambas. A nudez daquele corpo que tinha de virar de um lado para o outro, as suas impurezas, a mancha redonda na anca, os poucos pêlos na púbis, o sinal de nascença

perto da vagina, a humidade; tudo aquilo provocou-lhe náuseas.

Via aquela vagina à sua frente, aquela vagina vermelha, húmida, aberta diante do seu nariz, como uma ameaça, como um insulto com cheiro a peixe podre, porque era a isso que cheirava, era a isso que lhe cheirava. D. Karen chamou-a pelo nome:

Karen? Sente-se bem? Está a transpirar.

Karen teria gostado de lhe responder, agradecia que a tratasse pelo seu nome, era a primeira vez, mas naquele momento já era demasiado tarde, pelo canto do olho vira o seu cabelo ondulado no espelho e sentiu raiva. Tanto esforço. Os vômitos não a deixaram responder a D. Karen, e não teve outro remédio senão abandonar a cabina infringindo uma das regras da Casa, suplicando para conseguir chegar à casa de banho, onde vomitou e sentiu uma bola de asco no estômago.

Karen passa água pela cara. Tira uma lâmina de barbear do bolso. Agarra-a com a mão e faz um corte no antebraço. Um ligeiro arrepio percorre-lhe o corpo. Repete a operação três, quatro, sete vezes. São cortes superficiais. Quer fazer um mais profundo. Sangra. Abre o estojo de primeiros socorros, põe um penso. Baixa as meias e faz um corte mais profundo no tornozelo. Expira profundamente. Põe outro penso. Guarda a lâmina no meio do papel higiénico, o sangue é escandaloso, mancha-lhe as meias brancas do uniforme, os sapatos também brancos. Abre a torneira e molha o cabelo com fúria para tentar alisá-lo com a mão. É inútil. Está cada vez mais molhado e crespo. Karen está a gritar. Está fechada na casa de banho da Casa a tentar alisar o cabelo com água e aos gritos. Tira as meias, passa-as por água no lavatório, e entretanto a canção de Los Diablitos continua a ecoar-lhe na cabeça como um disco riscado, *E voa voa, por outro rumo, e sonha sonha, que o mundo é teu*. Quando acaba de as lavar e já prestes a calçá-las sem se importar que estejam molhadas, repara que há sangue no chão, agacha-se para o limpar com uma meia, ao mesmo tempo que repete o refrão da canção, *E voa voa, por outro rumo, e sonha sonha, que o mundo é teu*. Ouve duas pancadas na porta, depois uns passos, a seguir a voz de D. Josefina, e mais movimento e mais pessoas que vão e vêm. Karen canta e limpa o chão com a meia, mas a ferida continua a sangrar, assim como o corte que fez no antebraço.

Karen, abre a porta.

É a voz de D. Josefina. Não se lembra de muito mais. Quando abre os olhos, está na sua cabina, a mulher foi-se embora. Tem uma ligadura à volta do tornozelo e gaze a envolver-lhe o antebraço e os pulsos. Uns minutos mais tarde, D. Josefina aparece à porta da cabina:

Vai ao meu gabinete quando te sentires melhor.

Karen fecha os olhos e afunda-se num sono profundo.

Josefina de Brigard pediu a Karen que abandonasse a Casa imediatamente. Aconselhou-a a procurar ajuda psicológica.

Joaninha, estás doente. Não podes estar aqui. É melhor vir alguém buscar-te.

Karen tentou ligar a Susana, mas esta não atendeu, tal como nunca mais voltaria a atender. Depois ligou para mim e apanhou-me a tomar um café com Lucía. Disse-lhe que ia já buscá-la. Lucía acompanhou-me. Ajudámo-la a arrumar as coisas dela. Karen insistia em ver Susana, pelo que me comprometi a ajudá-la a encontrá-la.

Fomos para a minha casa. Entrou pela primeira vez no meu consultório. Deitámo-la no divã. Lucía chegou-lhe uma manta de alpaca, com que tapou os pés. A tarde estava a chegar ao fim. Um dia frio como quase todos.

Tinhas razão, é linda, disse Lucía.

Karen adormeceu. Um raio de sol dividia-lhe a cara, deixando um lado luminoso e o outro na penumbra. Preparei um bule de chá. Ligámos a fonte que estava no terraço e dava para a grande janela do consultório. O som da água ajudava-me sempre a acalmar os pensamentos. Esperava que produzisse o mesmo efeito em Karen. Lucía começou a ler uma revista de psiquiatria que tinha à mão.

Gostava de abrir um consultório. Estarei muito velha para isso?

Serias muito boa, respondi-lhe.

Zelámos pelo sono dela durante quase uma hora. Quando abriu os olhos, era noite cerrada.

Tu és a a Lucía, disse por fim.

É verdade, disse com um sorriso.

Era uma mulher que inspirava confiança. Tinha um rosto plácido. Sereno. E o sorriso era sincero. No entanto, Karen não se apercebeu disso. Prestou atenção aos seus cabelos brancos, aos pés-de-galinha, aos seus dentes

amarelados. Voltou a fechar os olhos.

Queres ficar a dormir aqui?, perguntei-lhe.

Porque estão a fazer isto comigo?

Porque queremos, disse Lucía. Estás mal e sei que ajudaste o Eduardo, foste a companhia dele nos últimos tempos, eu amei-o, rapariga, algo nos une.

Karen voltou a abrir os olhos e ficou a olhar para ela.

Que pretendem de mim?, disse Karen.

Gostava de contar a tua história. De facto, gostava de a contar com a Claire.

O que acham se eu cozinhar uma massa? Alguém tem fome?, perguntei.

Eu não, disse Karen.

Fui à cozinha e coloquei esparguete no tacho ao mesmo tempo que tirei um molho de tomate do congelador e o aqueci noutro tacho. Não as deixei mais de meia hora. Assim que tudo ficou pronto, fui chamá-las. Antes de bater à porta, ouvia-as rir. Já à mesa, Karen bebeu o copo de vinho como se fosse de água e pediu mais. Fez o mesmo com o segundo e a seguir pediu água antes de falar.

Vou fazer isso, acabou por dizer.

O quê?, perguntei.

Contar.

Magnífico! Isso merece um brinde.

Karen repetiu o esparguete e concordou em tomar um calmante quando a deixássemos em casa. Era importante que tivesse um sono reparador. Disse ter tomado alguns dos comprimidos que lhe deixei. Dormia bem. A partir de agora, eu encarregar-me-ia da sua medicação, assim como do seu tratamento psicoterapêutico. Levámo-la a casa. Combinámos ter uma primeira reunião no dia seguinte, para começarmos a trabalhar no livro. Pedi-lhe para me telefonar se precisasse de qualquer coisa.

Deixei-lhe outra caixa de Zolpidem e o telefone à mão. Despedimo-nos com um abraço demorado.

De regresso, entre o trânsito e os aguaceiros, já eram quase nove horas. Cheguei exausta, preparei um chá de camomila com torradas e sentei-me

diante do televisor. A seguir a um espaço de anúncios, chegou a notícia que iria dar uma volta à história: «Um novo ingrediente vem lançar pistas quanto à morte do mestre Eduardo Ramelli. O *Noticias Hoy* conseguiu descobrir que o autor de *La felicidad eres tú* e *Me amo* mantinha uma relação clandestina com Karen Valdés (na imagem), prostituta presumivelmente envolvida na morte do agente da DEA, John Toll, que faleceu minutos depois de um encontro com a mulher, às mãos de um taxista que, depois de o roubar e balear, se pôs em fuga. Toll passara a noite com a mulher, que durante o dia era esteticista no conceituado salão Casa da Beleza, situado na Zona Rosa de Bogotá, onde trabalhou até ao dia de hoje, quando foi despedida devido aos seus transtornos mentais e comportamento agressivo. As autoridades investigam a possível ligação de Valdés com a morte de Ramelli e John Toll, tal como ao caso da morte, também em condições estranhas, de Sabrina Guzmán Paredes, na madrugada do passado dia 23 de Julho. Valdés foi a última pessoa a ver a menor com vida, a qual fora fazer um tratamento de beleza nessa tarde. Por outro lado, a mala roubada pelo taxista continha um dispositivo com informação valiosa dos serviços secretos. A DEA junta-se às autoridades colombianas para esclarecer a responsabilidade de Karen Valdés no crime. No momento do fecho da notícia, ainda não se conhecia o paradeiro do taxista.»

À medida que a notícia avançava, comecei a sentir uma pressão no peito. Não costumo ser uma pessoa impulsiva. No entanto, desta vez nem pensei um segundo que fosse. Como se tivesse estado toda a minha vida a preparar-me para desempenhar este papel, levantei-me de um salto. Peguei nas chaves e na mala e fui buscar o carro. Lá fora chovia, como sempre. Enquanto conduzia até ao apartamento de Karen, sentia o coração a bater com força. A droga faria efeito. Fazia sempre. Uma paciente confessara ao marido que tinha um amante há cinco anos. Depois dera meia-volta e adormecera, como se nada fosse. No dia seguinte, levantou-se, admirada por não o encontrar ao seu lado. Esquecera por completo a sua confissão. Em casos mais drásticos, um homem medicado com Zolpidem matara a mãe no ano passado em Bogotá. Acontece em toda a parte e até nas melhores famílias. Foi o próprio quem ligou para o 112 no dia seguinte, aos gritos, para dar conta do

assassínio. Alguém lhe apunhalara a mãe! Foi aberta uma investigação. O homem foi o primeiro a ser apanhado de surpresa ao conhecer os resultados. Paradoxalmente, foi declarado «não culpado». Costumamos achar que quem comete um crime é sempre culpado. E, no entanto, sê-lo requer o exercício da vontade. Neste caso, ter cometido o crime e ser culpado eram duas coisas distintas. O problema é que, se isto se aplicasse à lei, pagaríamos cada vez menos pelos nossos crimes e pecados. Andamos inconscientes dos nossos próprios impulsos, desejos e cogitações. Somos sombras numa caverna sem saída.

O porteiro abriu-me a porta do parque de estacionamento. Ao fim e ao cabo, umas duas horas antes tinha-me visto entrar com Karen.

Entre, doutora, recebeu-me como se me conhecesse. Recorde-me o seu nome?

Claire, Claire Dalvard.

Entre, não é preciso mais nada, é o quatrocentos e dois.

Apanhei o elevador. Já diante da porta, tive de tocar várias vezes. Finalmente, Karen veio abrir. O cabelo a tapar-lhe a cara. Os olhos abertos. Sorria. Não havia dúvidas de que tomara o comprimido. Estava sonâmbula. Responderia a qualquer pergunta com honestidade.

Entre, disse com o corpo rígido.

Sentei-me. Depois de lhe fazer algumas perguntas triviais, se tinha jantado, que planos tinha para o dia seguinte, percebi que estava pronta para responder em modo de piloto automático.

Diz-me uma coisa: como organizaram o passeio milionário do John Toll?

Levara o gravador que às vezes usava com os meus pacientes para gravar as sessões. Liguei-o.

Isso foi o Wílmer.

Wílmer? Sabes o apelido dele?

Delgado.

E já faziam isso há muito tempo?

Faziam?, perguntou. Depois desatou a rir.

Faziam o passeio milionário, disse, tentando não perder o fio à meada.

Não, não muito. Por duas ou três vezes perguntou-me onde é que eu

estava e a que horas o meu cliente tinha saído, eu só respondia, pensava que o fazia só para me vigiar. Nunca combinámos fazer mal a ninguém. Isso não. Também não sabia do passeio milionário.

E tu querias ajudá-lo?

Está casado com a minha amiga.

Quantas vezes lhe deste informações sobre um cliente?

Umas quatro ou cinco. Fi-lo porque ele me obrigou a fazê-lo. Ameaçava que ia contar à Maryuri o que se passava entre nós. Não pensei...

Obrigavam as vítimas a levantar dinheiro no multibanco?

Isso não sei, já lhe disse, ele só me pedia para lhe dizer de onde saíam os meus clientes e a que horas.

E o Eduardo?

O que tem?, disse.

Encontravas-te com ele pelo dinheiro?, perguntei.

Qual dinheiro?, disse. O que está na mala?

Depois de perguntar isto, acomodou-se em posição fetal sobre a cama e adormeceu. Dera resultado. Fora tudo tão simples. Abri o armário e lá estava, uma mala rígida e escura. Abri-a. Lá dentro havia uma quantidade inverosímil de dinheiro em molhos de cinco centímetros de cem e quinhentos dólares. Voltei a pô-la no seu lugar, levantei-me e saí. A chuva não dava tréguas. Durante o caminho de regresso, não pude evitar sentir uma ligeira excitação. De repente, tinha o papel de protagonista. Via com clareza. Não prestara atenção aos sinais de alarme. Como com alguns dos meus pacientes viciados, tinha a sensação de estar a assistir a uma epifania. Pensei que, por causa da empatia que sentia por Karen, não fora capaz de a questionar. Talvez porque a via com uma certa condescendência, com pena ou com a culpa que algumas pessoas sentem. Não passava de uma vítima da minha suposta superioridade. Sentira-me satisfeita por ser a confidente de uma beldade do povo, de aparência humilde e reservada. O meu ego levava-me a continuar a ouvi-la, a procurá-la e a oferecer-lhe a minha ajuda, sem conseguir ver que estava a ser manipulada. A minha suposta função como psicanalista era tirar o véu aos meus pacientes, aquele que todos vamos construindo dentro de nós mesmos acerca do mundo que nos rodeia. As

deformações da realidade permitem protegermo-nos do sofrimento, mas ao mesmo tempo tapam-nos a visão.

A minha intuição deixou de ser fiável. Vi em Karen uma pessoa delicada. Consciente até do menor dos seus gestos. Plena. Desperta. Atenta. Afectuosa. Espontânea. Boa. E era tudo um engano. Karen não é mais do que uma assassina a sangue frio, uma mulher que acabou com a vida do marido da minha amiga, que até teve o descaramento de me falar sobre uma das suas vítimas, fazendo-se passar por mártir. Conquistou a minha compaixão e vendeu-me uma história completamente oposta à realidade: Karen não era mais do que uma puta viciada pela ambição, ao ponto de ser capaz de matar por dinheiro.

Cheguei a casa quase à meia-noite. Decidi não telefonar a Lucía. Tomei um comprimido para dormir, fechei os olhos, mas de nada serviu, dei voltas na cama, levantei-me, acendi a luz, eram duas da manhã, tomei outro comprimido para dormir, apaguei a luz, só via Karen com a sua cara de boa pessoa, Karen a falar-me do filho, Emiliano, Karen que ao princípio usava roupa comprada em San Victorino e meses mais tarde uma gabardina fina, umas botas, uma mala de couro genuíno. Mas como é que não me apercebi? Como é que não consegui ver antes? Karen a queixar-se das contas que tinha para pagar, Karen a sofrer, Karen a magoar-se, Karen a passar a mão pelo cabelo, Karen a sorrir, Karen de perfil com a mão na cintura, Karen a acariciar-me as costas, Karen a provocar-me, a perturbar a minha cordura com a sua sensualidade descontrolada. Os seus comportamentos vinham em todos os manuais, e eu parecia uma novata no ofício. Karen era uma sociopata, não seria de estranhar que fosse capaz de qualquer coisa, com certeza que a primeira vez que me viu entrar na Casa disse esta é a pessoa de que preciso. Por isso se atirou a mim, fui a sua presa e não o consegui ver porque Karen tem esse poder, ela sabe, a sua beleza é uma arma, por isso me olhava daquela maneira, por isso o seu toque na minha pele tinha aquele jeito de se instalar nela; devia ter suspeitado das nossas conversas, dos risos partilhados, daquela falsa cumplicidade que ia crescendo no interior da cabina, acendi a luz, já eram cinco horas, precisava de dormir, não estava a pensar bem, senti a boca pastosa, levantei-me, enchi um copo de água, bebi-o

em grandes goles, voltei a ver a sua cara de menina olheirenta, o seu sobrolho franzido enquanto aquecia a cera, e a sua barriga lisa, os peitos empinados, o corpo espigado e alto, o queixo quebrado e a boca, aquela boca carnuda, bela como um morango silvestre.

Quando Luz me acordou, o meu primeiro paciente já chegara. Tive de passar a cara por água, trocar de roupa à pressa e entrar no gabinete. Estive sempre muito distraída, não conseguia tirar Karen da cabeça. Atendi mais dois pacientes e, ao meio-dia, peguei na agenda e liguei para cancelar as consultas da tarde. Depois telefonei para a Polícia e disse ter informações sobre o caso Toll. Deram-me outro número e, após muitas voltas, puseram-me em contacto com o agente encarregado. Disse-me que acabava de ser nomeado para o caso, pois o anterior fora promovido. Ao que parecia, queriam resultados o mais depressa possível. Marcou uma reunião comigo no seu gabinete, essa mesma tarde.

Almocei à pressa e meti-me no carro. O agente era um homem já de idade. Quis saber o que acontecera ao anterior, não entrou em pormenores, disse que eram ordens vindas de cima. Não podia dar-me mais pormenores.

Agora compreendo que agia por despeito, por desejo de vingança. Sentia-me traída, por isso não fui capaz de pensar naquilo que estava prestes a fazer. Fui directa. Falei durante cerca de um quarto de hora. Entreguei-lhe a gravação, assim como a morada de Karen. Expliquei-lhe onde encontraria a mala. Prometeu que o meu nome permaneceria no anonimato. Agradei-lhe. Senti um certo alívio, pelo menos momentâneo, pois, já de regresso, no automóvel, comecei a duvidar. A atitude do agente não me parecia de todo fiável. Dissera: «A tese actual sugere que Karen terá contratado uma pessoa para contactar a Sabrina através do Facebook, marcar um encontro num lugar, com instruções para lhe fazer mal.» Segundo eles, fizera-o porque estava apaixonada por Eduardo, que Sabrina perseguia.

A típica história do triângulo amoroso, acrescentou o agente. A tese actual? Perguntei a mim própria. E quem propunha uma tese ou quem estava por detrás desta história rebuscada do «triângulo amoroso»?

«As colegas do salão reforçam a teoria da sua deterioração mental; não há

dúvida, como diz, doutora, que se trata de uma pessoa desequilibrada», insistiu o agente. Tive dúvidas. Já estava a chegar a casa.

Quando lhe perguntei quem lhes falara da relação entre Sabrina Guzmán e Ramelli, o agente respondera que fora «um informador anónimo». E se esse informador anónimo fosse Diazgranados? E, se fosse ele, quem estava por detrás de uma encenação? Deixei o carro na cave e subi no elevador. Assim que entrei em casa, o meu telemóvel começou a tocar. Era Lucía. Não fui capaz de responder. Pedi um chá a Luz, pensava deitar-me na cama, tentar descansar antes de fazer qualquer outra coisa. Quando me sentei, vi piscar a luz de mensagens do outro lado da sala. Aproximei-me do telefone, carreguei no botão e ouvi a voz de Consuelo Paredes a dizer que queria ver-me. «Karen Valdés pediu-me para a contactar, tenho informações sobre a morte de Sabrina Guzmán, sou a mãe dela.» Telefonei-lhe logo. Combinámos encontrar-nos uma hora mais tarde no Il Pomeriggio. O tempo passou devagar. Via e revia mentalmente aquilo que acontecera nos últimos dias. Por fim, fui a pé até ao ponto de encontro. Encontrei-a sentada cá fora, com uns óculos enormes de armações douradas e o cabelo a tapar-lhe a cara.

É a Claire?, perguntou quando me viu.

Sou sim, como sabe?

Suponho que o aspecto coincide com o nome, explicou. Tirou os óculos. Tinha umas olheiras profundas e os olhos vermelhos.

Muito prazer, Consuelo Paredes.

Claire Dalvard.

Sentia o corpo a tremer. Sentámo-nos perto da fonte. Parara de chover, mas o dia estava frio, um frio seco que se entranha nos ossos.

Foi a Karen quem lhe falou de mim?, perguntei.

Foi, sim, parece admirada.

Um pouco. Que lhe contou a Karen?

Disse-me que confiava em si.

Senti um aperto no coração.

Claire, julgo que ela corre perigo. Veja. Sei que trocaram o agente que estava encarregado do caso. Falei com um agente da secção criminal. Ele explicou-me que às vezes fazem isto quando querem *influenciar* um

processo, como dizem coloquialmente.

Não compreendo.

Quando alguém quer dar a volta a uma investigação, mudam o agente encarregado, o investigador da CTI[12], e estes já estão comprados, pelo que apresentam uma tese prefabricada, um culpado e um álibi.

E quem estaria por detrás disto?, perguntei, apesar de já saber a resposta.

Aníbal Diazgranados. Sabia que ele é o pai do homem que julgamos ter matado a minha menina?

Não fazia a menor ideia, menti. Mas tem alguma prova?

É precisamente disso que lhe queria falar.

O empregado de mesa aproximou-se.

Desejam fazer o pedido?

Para mim um *capuccino*, disse Consuelo Paredes.

Eu quero uma genebra com água tônica, por favor. Conte-me, disse, sentindo a garganta seca.

Para resumir a história, contratámos um detective privado com muita experiência. Ele encontrou um bilhete no quarto da Sabrina, estava assinado LAD.

Luis Armando Diazgranados?

Isso mesmo. O investigador conseguiu uma amostra da escrita do jovem, e fez-se um teste grafológico.

Deu positivo?

Deu, respondeu Consuelo Paredes.

E essa prova serve para o ligar à morte da sua filha?

É o que vamos tentar, embora, ao que parece, os tipos que estão a tomar conta do caso não a vão ter em consideração. Dizem que foi obtida por meios ilegais, logo, não tem validade.

Não pode ser!, exclamei.

O meu advogado desistiu porque o ameaçaram de morte. Claire, isto é grave. Alguém quer incriminar a Karen pela morte da minha filha e assim proteger as costas do Diazgranados.

O que a leva a pensar isso?

O Facebook da minha filha foi pirateado. Pelo menos o Kollak

confirmou-o, e a nova unidade de investigação que está a tratar do caso também. Querem fazer uma encenação do encontro da noite em que ela morreu.

Kollak?

O detective.

Chama-se Kollak, como o da série da televisão?

Sim, disse Consuelo, impaciente.

Está bem, disse, enquanto tomava um grande gole de genebra. Não tinha nada a acrescentar.

A verdade é que esperava mais apoio da sua parte. Parece-me um pouco indiferente, a única coisa que lhes falta para culpar a Karen de três homicídios é uma prova vinculativa, mais nada. E, entretanto, o Luis Armando anda à solta, e o desgraçado responsável pela morte de Toll também. Percebe que a podem extraditar? A DEA está por detrás disto. O governo quer entregar-lhes alguém, e a rapariga acabaria por ser o bode expiatório da morte de Sabrina, de Ramelli e do agente Toll sem lhes ter feito mal nenhum.

Senti-me agoniada.

Ficou pálida, disse Consuelo. Sente-se bem?, perguntou-me. Claire, não está a ver? Se a Karen cometeu um delito foi ter sido acompanhante de luxo, mas isso é muito diferente de ser uma assassina!

E como sabe tudo isso?

Pelo Kollak. Ele falou com a Susana, uma colega da Karen no salão. Disse que a Karen era prostituta, que de facto mantinha uma relação com Wilmer Delgado, embora não soubesse que ele roubava os clientes da Karen, nem que havia qualquer tipo de acordo entre eles os dois, só sabia que tinha um táxi e que era casado com uma amiga dela. Disse ter a certeza de que a Karen não era uma delinquente. O problema é que, se o Aníbal Diazgranados está por detrás disto, ser-lhe-á muito fácil ligá-la aos outros casos.

E o taxista, o que levou a Sabrina ao San Blas? Não o procuraram?, perguntei.

O Kollak marcou encontro com ele num salão de bilhar há uns dias. O tipo não apareceu. Depois ficámos a saber que foi dado como desaparecido

há seis dias.

Tenho de ir.

Eu pago, disse Consuelo num tom seco. Parecia aborrecida. Se tem de ir, vá, acrescentou.

Têm alguma prova para incriminar a Karen?

Têm um vídeo dela a entrar com o Toll no motel onde se encontraram. Isso prejudica-a, mas não prova que estivesse envolvida no assassinio. Pessoalmente, não creio que fosse o caso.

E em que é que acredita?

Julgo que ela atendeu a minha filha na Casa, depois envolveu-se com o Ramelli e também com o Wílmer, mas nunca matou ninguém.

Eu permanecia em silêncio.

Mas, se não existir uma prova, não a podem culpar, pois não?

Claro que podem. Para mandar alguém para a prisão são precisas três coisas: causa, motivo e oportunidade. Nesta altura já montaram o caso com a santíssima trindade. E, da maneira como são corruptos, não se admire se aparecer uma prova.

Após um longo silêncio durante o qual pensei naquilo que poderia dizer, levantei-me com alguma dificuldade.

A verdade é que estou surpreendida, Claire. A Karen disse-me que é como uma mãe para ela, que fosse ter consigo se houvesse uma emergência; conto-lhe que está prestes a ser injustamente processada e que pode ir parar à prisão por um crime que não cometeu, e não reage.

Que aconteceu à Susana?

É só isso que lhe interessa saber?

Peço que me desculpe, sinto que não a posso ajudar. Tenho de ir.

Dia 1

Acordei entre vozes que me eram estranhas, cheiro a suor misturado com urina. Embora parecesse de noite, uma voz disse:

Mexa-se, caloirá. Ou fica sem pequeno-almoço.

Uma mulher passou por cima de mim, e a sua chinela roçou a ponta do meu nariz. Eu estava caída no chão. Ao meu lado, num saco de plástico, havia um copo e uma tigela de metal. Agarrei neles e segui-as. Só se viam as silhuetas. Levantei-me com dificuldade. Doía-me a cabeça. Chegámos a um corredor escuro ladeado por barrotes. Descemos dois lanços de escadas e atravessámos um gradeamento, para chegarmos a outro corredor. Fomos dar a um pátio onde estava uma fila comprida. Avançámos pouco a pouco até um pavilhão com chão de cimento e paredes de azulejos brancos, como os das casas de banho. A fila prolongava-se, e sob o tecto as vozes das mulheres faziam eco. Segui-as. A fila era longa e lenta. Na parede havia orifícios dos quais saíam mãos sem rosto com uma concha. Do primeiro orifício estenderam-me um pão duro que foi cair na tigela, do seguinte caiu algo semelhante a um ovo leitoso misturado com pedaços de uma carne cor-de-rosa e no terceiro serviram-me café aguado e morno com natas, que pus no meu copo. Depois as mulheres saíam para o corredor e, à média-luz, iam-se sentar em pequenos grupos. A comida cheirava a ranço. Não quis prová-la. Caminhei até junto de uma mulher de olhos azuis, a quem as outras chamavam sargento. Perguntei-lhe onde estava. Explicou-me que estava na prisão El Buen Pastor. Fiz-lhe outras perguntas, mas virou-me as costas e foi-se embora. Fiquei ali parada, como um fantasma no meio do corredor e das vozes. Chegara, disse para mim. Finalmente chegara ao purgatório.

Duas mulheres riam nas minhas costas. A tigela e o copo caíram no chão, perdi a respiração, uma mulher aproximou-se a correr e, com violência, apanhou do chão o meu pão e os restos da comida. Depois já não me lembro

de mais nada desse dia. Nem sequer do pranto incontrollável, nem de me ter mijado pelas pernas abaixo como dizem que aconteceu. Quando acordei, era de noite. Estava outra vez caída no chão. Na cela, há quatro beliches, mas somos oito mulheres. A que está ao meu lado tem um pesadelo. Grita. Abro os olhos e volto a afogar-me. Tenho tanto medo que não consigo gritar.

Dia 13

Não durmo desde que aqui cheguei. E é melhor assim porque, quando adormeço, ao despertar, lembro-me de onde estou e fico sem ar, depois é só mais pranto.

Tive uma recordação sobre mim, como uma cobertura sufocante: é a toalhinha de flores roxa que a minha mãe ia buscar para os aniversários, lembro-me da toalhinha e dá-me vontade de chorar.

Dia 21

Pouco a pouco, habituo-me ao cheiro a suor insuportável, a levar a minha tigela e o meu copo de plástico pelo corredor antes do amanhecer para ir buscar o pequeno-almoço, aos gritos de cada vez que uma mulher recebe a sua condenação, à ideia de um Deus que aperta, mas não enforca, às tristes festas de despedida quando uma reclusa consegue a liberdade, a não ver a lua nem as estrelas, a não poder beber um copo de água, apesar de ter sede, a aguentar a vontade de mijar a desoras, a fazer fila para cagar, fila para comer, fila para tomar duche e não dormir. Apesar disto, não me habituo a esta vontade de morrer.

Dia 36

Por três vezes comecei a escrever uma carta ao Emiliano, mas fico a olhar para a folha em branco, e as lágrimas começam a correr.

Dia 49

Às vezes sinto que estou a viver num jardim zoológico.

Dia 73

Escrevo porque a Claire me pediu para o fazer. Ela já acabou de escrever o livro. A Lucía está a revê-lo, às vezes faz alguns comentários para acrescentar ou retirar alguma coisa. Querem que depois o leia todo para ver o que acho ou não acho. A mim não me vai parecer nada. Dizem que o livro irá ajudar a provar a minha inocência.

Mas é demasiado tarde. Estar aqui dentro fez de mim culpada.

Dia 93

Desde que aqui estou, aprendi a ler as caras. Claire apareceu outra vez, carregada de desculpas e presentes, toda bem-cheirosa a rosas e alfazema. Fiquei a olhar para as mãos dela. Achei-a cansada. Contou-me que vai regressar a França, não conseguiu sentir-se bem na Colômbia e acha que já não pode fazer muito por mim. Foi o que disse. Disse-me que há poucos dias balearam Luis Armando Diazgranados em pleno dia, numa rua qualquer. Lembrei-me de Sabrina Guzmán e senti um alívio momentâneo. Tentei imaginar quem estaria a fazer a cera a Claire, quem lhe faria massagens.

Dia 99

Na próxima semana a Lucía virá buscar estas páginas. Assim poremos um ponto final nesta minha história.

Não me importa que tenham voltado a adiar a audiência, nem me importa que Susana tenha vindo visitar-me, agora casada e muito beata, para dizer que me perdoa. Já não quero voltar a pensar no mundo lá fora, o mundo lá de fora já me abandonou, como me abandonaram as forças para tudo, até para escrever ao Emiliano. Essas poucas forças que me restavam abandonaram-me o corpo, e já só tenho tristeza a correr-me pelas veias. Estou magoada e prefiro morrer aqui fechada a ter de voltar lá para fora.

Uma noite destas ouvi-a. Contam que houve uma mulher que se enforcou com os lençóis, e no dia seguinte encontraram um sapato vermelho de salto alto dependurado no pé dela. Desde esse dia que não temos direito a usar lençóis, e a mulher de saltos altos passeia-se antes de uma reclusa morrer. À hora do pequeno-almoço, contei-lhes que a tinha ouvido. Primeiro não acreditaram em mim. Depois começaram a fazer apostas sobre quem seria a próxima a morrer. Desde que estou aqui, já morreu uma rapariga. Dizem que são mais ou menos duas por ano. Talvez seja outra maneira de medir o tempo. Talvez hoje, por fim, a mulher de saltos altos venha buscar-me. Quem sabe se hoje é o meu dia de sorte.

Agradecimentos

À Santa Fe University of Art and Design, em Santa Fe, Novo México, por me ter dado tempo e espaço para escrever, muito especialmente a María Alexandra Vélez, por o ter tornado possível.

A Santiago Salazar, Guillermo Puyana, Sandra Navas, Laura Escobar e John Jairo Muñoz, pela valiosa informação que contribuiu para dar consistência a esta história.

A quem me ajudou a amadurecer o texto: Camila Segura, Paola Caballero, Laura Escobar e Carlos Castillo Quintero.

A Ricardo Silva Romero, por ser uma das primeiras pessoas que me ouviram atentamente falar desta história.

A Andrés Burgos, por me dar as chaves de Claire e me ajudar a encontrar um desenlace.

A Marcel Ventura, pelo seu rigor, lucidez e delicadeza no difícil exercício de ir polindo o texto até chegar à sua versão final.

Às minhas cunhadas e irmãs, por me terem ajudado a arranjar tempo e espaço para escrever.

À minha mãe, Myriam de Nogales, pelo seu amoroso interesse pelo meu trabalho.

A Ricardo Ávila, a estrela e o motor.

Bogotá, 12 de Dezembro de 2014

«Tão arrepiante como uma depilação com cera quente.»

Glamour



Karen, esteticista de profissão, muda-se de Cartagena para Bogotá em busca de uma vida melhor. Ao chegar, não só consegue trabalho como depiladora n'A Casa da Beleza como ainda se transforma na chave para resolver o mistério da morte de uma das suas clientes — uma jovem, vestida com o uniforme da escola, que aparece morta no dia a seguir a ter visitado Karen no salão.

Com quem se ia encontrar a cliente de Karen?

Entre conversas íntimas e confissões, Karen acabará por ser a confidente de uma psicanalista, da mulher de um congressista, de uma famosa apresentadora de televisão e de uma mãe desolada que busca justiça num país onde a verdade só pertence àqueles que podem pagar por ela.

***A Casa da Beleza* é uma radiografia descarada de um país em que os ideais sucumbem facilmente perante a corrupção, a injustiça e a cultura do dinheiro fácil. No melhor estilo da novela negra, esta é uma história que mostra o pior da América Latina de hoje.**

Tendo por cenário um afamado salão de beleza de Bogotá, o tema de fundo são as relações de poder, desenhadas a partir das vozes de três mulheres que vão tecendo uma trama de histórias para desmascarar uma sociedade construída sobre mentiras.

Melba Escobar. (Cali, 1976) estudou Literatura e terminou os estudos com uma tese sobre o jornalismo literário. Publicou vários títulos infantis antes de escrever o seu primeiro romance, *A Casa da Beleza*.

Vive em Bogotá e é colaboradora habitual dos jornais *El Espectador* e *El País*

Este livro, eleito um dos melhores pelo Prémio de Novela da Colômbia, foi um sucesso de vendas de direitos na Feira do Livro de Londres e será publicado em mais de 16 países.

Título original: *La Casa de la Belleza*

Edição em digital: Maio de 2018

© 2015, Melba Beatriz Escobar de Nogales

© 2018, Penguin Random House, Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

Av. Duque de Loulé, 123

Edif. Office 123 — Sala 3.6

1069-152 Lisboa

Tradução: Paulo Ramos

Revisão: Inês Guerreiro

Capa: adaptação de Teresa Coelho

ISBN: 978-989-665-632-4

Composição digital: leerendigital.com

Suma de Letras é uma chancela de:

Penguin
Random House
Grupo Editorial

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Índice

A casa da beleza

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29

Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Agradecimentos

Sobre o livro
Sobre Melba Escobar
Créditos
Notas

NOTAS

- [1] Bairro de grande diversão nocturna em Cartagena. *[N. do T.]*
- [2] Do Colégio Mayor de San Bartolomé, em Bogotá. *[N. do T.]*
- [3] Prato típico de alguns países da América do Sul que na Colômbia consiste em carne de frango guisada com muito caldo, milho, banana, mandioca, cebola, coentros e legumes. *[N. do T.]*
- [4] Centro de planeamento familiar com delegações em várias cidades da Colômbia. *[N. do T.]*
- [5] Na Colômbia, tem diferentes significados: em Bogotá e no interior, significa uma pessoa simpática e bem vestida; na zona costeira, é um campónio sem graça e nada cidadão. *[N. do T.]*
- [6] Oriundo do Vale e do Norte do Cauca, um dos 32 departamentos que constituem a República da Colômbia. *[N. do T.]*
- [7] Sobremesa colombiana feita com milho branco fervido em leite e adoçada com açúcar ou mel. *[N. do T.]*
- [8] Designação dada na Colômbia a roubos e sequestros levados a cabo por taxistas. *[N. do T.]*
- [9] Zona de diversão nocturna no Sul de Bogotá. *[N. do T.]*
- [10] Secretaria de Estado encarregada de controlar as despesas públicas. *[N. do T.]*
- [11] Época de confrontos entre militantes do Partido Liberal e do Partido Conservador que durou de 1948 a 1958 e que correspondeu praticamente a uma guerra civil na Colômbia. *[N. do T.]*
- [12] Corpo Técnico de Investigação, departamento do Ministério Público da Colômbia. *[N. do T.]*